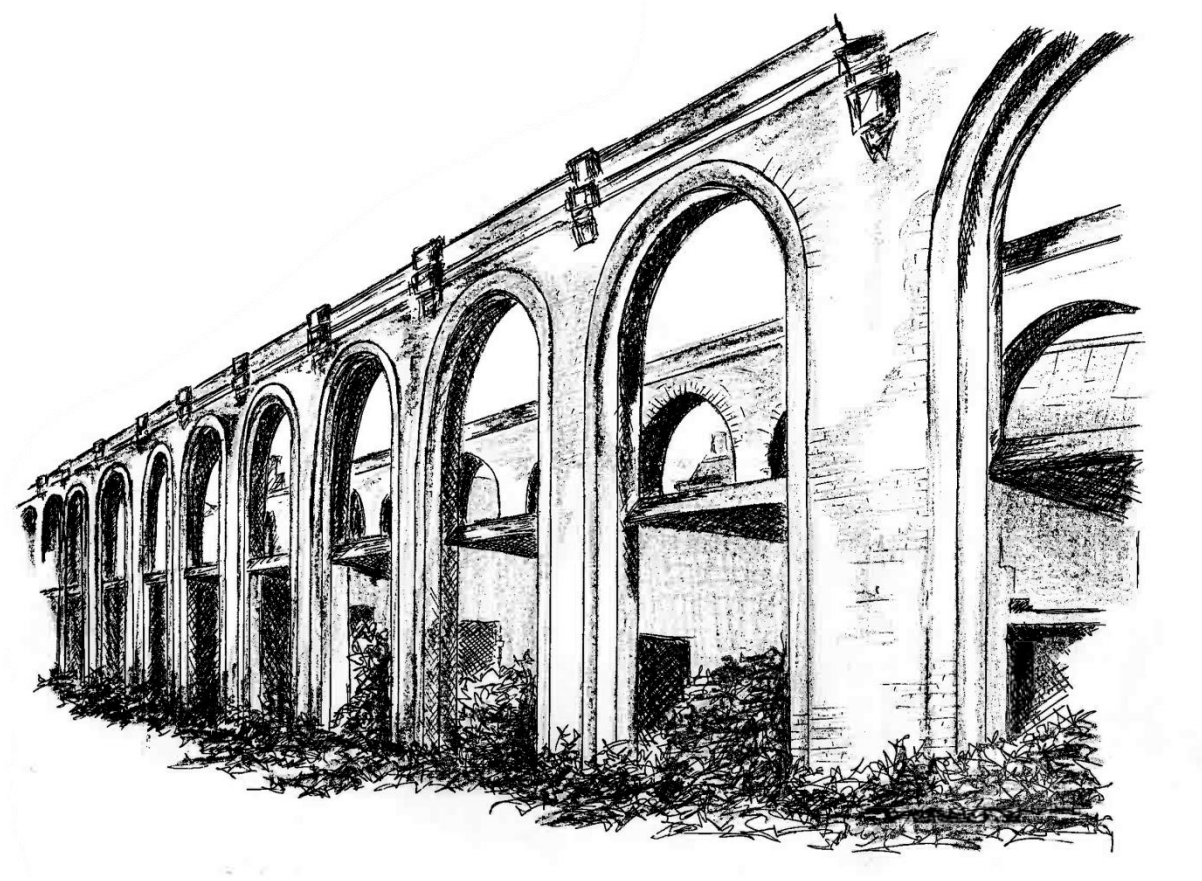


(In)Temporalidade do Património Industrial

Do passado ao futuro
da fábrica Tinturaria Portugália



Ana Rita Garcia Da Silva | Licenciada

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em **Arquitetura**

Orientação Científica:

Profª Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Júri:

Presidente : Profª Doutora Margarida Maria Garcia Louro do Nascimento e Oliveira

Vogal : Profº Doutor António Miguel Neves da Silva Santos Leite

Documento Definitivo

Lisboa, FA-Ulisboa, Julho 2019



(In)Temporalidade do Património Industrial

Do passado ao futuro
da fábrica Tinturaria Portugália

Ana Rita Garcia Da Silva | Licenciada

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em **Arquitetura**

Orientação Científica:

Profª Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Júri:

Presidente – Profª Doutora Margarida Maria Garcia Louro do Nascimento e Oliveira

Vogal – Profº Doutor António Miguel Neves da Silva Santos Leite

Documento Definitivo

Lisboa, FA-ULisboa, Julho 2019

Agradecimentos

Aos meus pais, por me ensinarem o verdadeiro significado de incondicional.

À minha irmã Andreia e ao Cândido pelo apoio, entreeajuda e por terem acreditado em mim sempre.

À minha avó Donzília, que foi e será o meu melhor exemplo de garra, superação e determinação.

À Camila, Marta, Cristiana, Catarina e Angelina, pela amizade, cumplicidade, ajuda e paciência ao longo destes anos.

À professora Bárbara, que sempre foi incansável durante toda a minha “aventura” académica e por quem eu tenho uma grande admiração.

Ao senhor José Tavares, pela amabilidade e por me dar a oportunidade de ver fotos antigas e únicas da Tinturaria.

E a todos os que permanecerão na minha memória, pois só fica na memória quem de verdade importa.

(In)Temporalidade do Património Industrial

Do passado ao futuro da Fábrica Tinturaria Portugália

Resumo

Memória. A memória é, dentro dos seus inúmeros significados, o poder que a mente de um ser tem para refletir sobre o passado. É algo que nos transmite vivências /experiências, que nos faz recordar erros vividos ou triunfos, é a capacidade de parar o tempo e fixar um momento.

Também na arquitetura, temos a oportunidade de agarrar momentos, criar emoções e retirar ensinamentos através da memória, e é deste modo que a Arquitetura deve ser o nosso passado e presente com um objectivo definido para um futuro mais promissor, onde a identidade arquitetónica não deve ser esquecida.

Deste modo, a proposta procura investir na Requalificação da área urbana pós-industrial do Vale de Chelas bem como a Reabilitação da fábrica desativada e degradada da Tinturaria Portugália que se encontra em eminente destruição devido às necessidades do território em que está implantado. Com isto, pretende-se que a própria arquitetura deste complexo fabril possa transmitir o desejo de procura da recharacterização do lugar, vinculada pela sua história, memória e contexto sociocultural, levando a cabo uma intervenção que visa devolver a tinturaria à população.

Palavras-Chave:

Reabilitação; Identidade; Memória; Património Industrial; Tinturaria Portugália.

Time(lessness) of Industrial Heritage

From the past to the future of Tinturaria Portugália Factory

Abstract

Memory. Memory is, within its innumerable meanings, the power that the mind has to reflect on the past. It is something that transmits experiences, which reminds us of lived mistakes or triumphs, is the ability to stop time and fix a moment.

Also in architecture, we have the opportunity to grasp moments, create emotions and draw lessons through memory, and it is in this way that Architecture should be our past and present with a definite purpose for a more promising future, where architectural identity should not be forgotten.

Thus, the proposal seeks to invest in the requalification of the post-industrial urban area of Chelas Valley as well as the rehabilitation of the deactivated and degraded Tinturaria Portugália factory, which is in imminent destruction due to the needs of the territory in which it is implanted. With this, it is intended that the very architecture of this factory complex can convey the desire to demand recharacterization of the place, linked by its history, memory, socio-cultural context and carry out an intervention that aims to return Tinturaria to the community.

Key Words:

Rehabilitation; Identity; Memory; Industrial heritage; Tinturaria Portugália.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VII
ABSTRACT	IX
ÍNDICE DE IMAGENS	XIII

I INTRODUÇÃO	I
I.1 JUSTIFICAÇÃO TEMÁTICA	3
I.2 PROBLEMÁTICAS E OBJETIVOS	4
I.3 METODOLOGIA	6

II REFLETIR SOBRE O PASSADO: PATRIMÓNIO, MEMÓRIA E SOCIEDADE

I MEMÓRIA	11
I.1 Memória e Identidade	13
I.2 Memória em Arquitetura	17

2 SOCIEDADE	19
2.1 Sociedade atual e a Memória	21
2.2 A vida numa sociedade industrial: comunidade	25

3 PATRIMÓNIO INDUSTRIAL	31
3.1 Património Industrial: Evolução do conceito	33
3.2 Um futuro para o Património Industrial: Novos usos	37

4 CASOS DE REFERÊNCIA	41
4.1 Landschafts Park – Duisburg, Alemanha	43
4.2 Casa das Caldeiras – Coimbra, Portugal	47
4.3 Estação Ferroviária de Burgos – Burgos, Espanha	51

III DO PASSADO AO FUTURO: LISBOA, O VALE E A TINTURARIA

I O (PASSADO DO) VALE DE CHELAS E A INDÚSTRIA: ANÁLISE HISTÓRICA	57
1.1 Entre Lisboa e o Oriente	59
1.2 O complexo da Fábrica “Tinturaria Portugália” como elemento do território	65
2 O PRESENTE DO VALE: ANÁLISE URBANA	69
2.1 De Lisboa ao oriente: à escala da cidade	71
2.2 O Vale de Chelas: à escala Urbana	83
2.3 A gente do Vale: Análise sócio económica	87
3 ENCONTRO DE TEMPOS: INTERVENÇÃO	93
3.1 Parque Urbano como estratégia de reintegração da Tinturaria no Vale de Chelas	95
3.2 Proposta Arquitetónica	107
3.3 Materialidades	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXOS	129

Índice de Imagens

1 CHAMINÉ DA FÁBRICA TINTURARIA PORTUGÁLIA (2018) FOTOGRAFIA DA AUTORA	XX
2 PROJETO "AS CIDADES E A MEMÓRIA", ILUSTRAÇÃO DE MARTA FREITAS, S.D. IN HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/884809/CITIES-INTRICATELY-CAPTURED-IN-THIN-LINE-ILLUSTRATIONS/5A2569AFB22E385320000074-CITIES-INTRICATELY-CAPTURED-IN-THIN-LINE-ILLUSTRATIONS-IMAGE	8
3 ILUSTRAÇÃO DE VASCO MOURÃO (2010) IN HTTPS://I.PINIMG.COM/236X/03/41/74/034174DEF958AE47B08B771C125D623E.JPG	12
4 SOCIEDADE ATUAL E A DEPENDENCIA DA TECNOLOGIA, ILUSTRAÇÃO DE LIAM WALSH IN HTTP://WWW.SAYHELLOTOTHECITY.COM/HOME/2016/A-CONVERSATION-WITH-LIAM-WALSH	22
5 PERSPECTIVA DO FALANSTÉRIO, MODELO PROGRESSISTA DE CHARLES FOURIER, SÉC. XVIII. 26 IN HTTPS://BLOG.BBM.USP.BR/WP-CONTENT/UPLOADS/2018/03/FALANSTERIO_.JPG	26
6 E 7 ESQUEMAS E IDEOLOGIA DO MODELO DA CIDADE CULTURISTA DE HOWARD, SÉC. XIX IN HTTPS://URBANIDADES.ARQ.BR/2008/10/EBENEZER-HOWARD-E-A-CIDADE-JARDIM/ E HTTPS://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/LETCHWORTH#/MEDIA/FILE:HOWARD-THREE-MAGNETS.PNG	26
8 "BROADACRE CITY", FRANK LLOYD WRIGHT, (1958) IN HTTPS://MEDIUM.COM/@HW_/RETHINKING-FRANK-LLOYD-WRIGHT-958E2897AD8B	26
9 VIVÊNCIAS DA COMUNIDADE INDUSTRIAL, MERCADO DE XABREGAS (1967) IN AML	28
10 LARGO EXTERIOR AO MERCADO DE XABREGAS, S.D. IN AML	28
11 INDÚSTRIA HIDROELÉCTRICA (EDIFÍCIO PATRIMONIAL INTERNACIONAL) NA NORUEGA, TICCIIH. IN HTTPS://SITES.GOOGLE.COM/A/NVIM.NO/HYDEL/ELECTROCHEMICAL-INDUSTRY	32
12 CASO DE REFERÊNCIA DE PATRIMÓNIO INDUSTRIAL COM NOVOS USOS, LANDSCHAFTS PARK, DUISBURG, IMAGEM DA AUTORA, (2018) FOTOGRAFIA DA AUTORA	39
13 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO IN HTTPS://WWW.LATZUNDPARTNER.DE/EN/PROJEKTE/POSTINDUSTRIELLE-LANDSCHAFTEN/LANDSCHAFTSPARK-DUISBURG-NORD-DE/	42
14 VISTA PANORÂMICA DO PARQUE A PARTIR DE UM EDIFÍCIO METALÚRGICO (2018) FOTOGRAFIA DA AUTORA	42
15 ESPAÇO EXTERIOR E CENTRAL AO PARQUE ONDE PODEMOS ENCONTRAR REMINISCÊNCIAS DAS LINHAS FÉRREAS QUE TRANSPORTAVAM MATÉRIAS-PRIMAS PARA O COMPLEXO (2018) FOTOGRAFIA DA AUTORA	42

16 ANTIGA ESTRUTURA DE ENCAMINHAMENTO DE ÁGUA PARA A INDÚSTRIA (2018) FOTOGRAFIA DA AUTORA	44
17 BUNKERS COM VEGETAÇÃO DE DESINTOXICAÇÃO DE SOLO (2018) FOTOGRAFIA DA AUTORA	44
18 TANQUES ANTIGOS REUTILIZADOS PARA TREINOS DE ESCALADA (2018) FOTOGRAFIA DA AUTORA	44
19 RELAÇÃO ENTRE ESPAÇOS DE LAZER E OS DEPÓSITOS DE ÁGUA EXISTENTES (2018) FOTOGRAFIA DA AUTORA	44
20 PLANTA DE LOCALIZAÇÃO (SEM ESCALA) IN HTTP://WWW.UC.PT/RUAS/INVENTORY/MAINBUILDINGS/CALDEIRAS	46
21 CASA DAS CALDEIRAS ANTES DA INTERVENÇÃO, S.D. IN HTTPS://WWW.REVARQA.COM/CONTENT/1/621/REMODELACAO-AMPLIACAO-CASA-DAS-CALDEIRAS-COIMBRA/	46
22 CASA DAS CALDEIRAS, APÓS INTERVENÇÃO (2012) IN HTTPS://WWW.REVARQA.COM/CONTENT/1/621/REMODELACAO-AMPLIACAO-CASA-DAS-CALDEIRAS-COIMBRA/	46
23 VÃOS DA CASA DAS CALDEIRAS IN HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/62876/CASA-DAS-CALDEIRAS-JOAO-MENDES-RIBEIRO-E-CRISTINA-GUEDES/5009219828ba0d27a70019c7-casa-das-caldeiras-joao-mendes-ribeiro-e-cristina-guedes-photo	48
24 E 25 SALA INTERIOR COM MAQUINARIA IN HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/62876/CASA-DAS-CALDEIRAS-JOAO-MENDES-RIBEIRO-E-CRISTINA-GUEDES/5009216628ba0d27a70019ba-casa-das-caldeiras-joao-mendes-ribeiro-e-cristina-guedes-photo	48
26 FOTOGRAFIA DA FACHADA PRINCIPAL DA ESTAÇÃO (1920) IN HTTP://CONTELL-MARTINEZ.COM/REHABILITACION-DE-LA-ANTIGUA-ESTACION-DE-FERROCARRIL-DE-BURGOS	50
27 PLANTA PISO TÉRREO, ONDE SE PODE VER A INTERVENÇÃO NO INTERIOR E EXTERIOR DO EDIFÍCIO (2013-2016) IN HTTP://CONTELL-MARTINEZ.COM/REHABILITACION-DE-LA-ANTIGUA-ESTACION-DE-FERROCARRIL-DE-BURGOS	50
28 FOTOGRAFIA DA FACHADA PRINCIPAL DA ESTAÇÃO ATUAL (2016) IN HTTP://CONTELL-MARTINEZ.COM/REHABILITACION-DE-LA-ANTIGUA-ESTACION-DE-FERROCARRIL-DE-BURGOS	50
29 ALÇADO OESTE, COM A INTERVENÇÃO ATUAL CONTEMPORÂNEA. IN HTTP://CONTELL-MARTINEZ.COM/REHABILITACION-DE-LA-ANTIGUA-ESTACION-DE-FERROCARRIL-DE-BURGOS	52
30 FOTOGRAFIAS DOS ESPAÇOS INTERIORES, ONDE É VISÍVEL AS MEZANINES E RECEPÇÃO (2016) IN HTTP://CONTELL-MARTINEZ.COM/REHABILITACION-DE-LA-ANTIGUA-ESTACION-DE-FERROCARRIL-DE-BURGOS	52
31 FOTOGRAFIA UMA ÁREA DE CIRCULAÇÃO DO NÚCLEO CENTRAL IN HTTP://CONTELL-MARTINEZ.COM/REHABILITACION-DE-LA-ANTIGUA-ESTACION-DE-FERROCARRIL-DE-BURGOS	52

32 FOTOGRAFIA AÉREA DO LADO ORIENTAL DO PORTO DE LISBOA (1950) IN AML	54
33 DESENHO DO PAÇO DE XABREGAS E PARQUE (1571) IN <i>ARCHIVO PITTORESCO</i>	58
34 GRAVURA DO VIADUTO DE XABREGAS (1857) IN <i>ARCHIVO PITTORESCO</i>	60
35 DESCARRILAMENTO DE COMBOIO NA ZONA DE XABREGAS (1914) IN AML	60
36 VISTA PANORÂMICA DA ZONA RIBEIRINHA DE XABREGAS ONDE PREDOMINAM AS CHAMINÉS DA INDÚSTRIA (1949) IN AML	60
37 FACHADA DA FÁBRICA DE FIAÇÃO DE TECIDOS ORIENTAL, FINAIS DO SÉC. XIX. IN AML	60
38 IDENTIFICAÇÃO DO COMPLEXO DA TINTURARIA PORTUGÁLIA NA RUA GUALDIM PAIS, S.D. IN AML	60
39 GRAVURA DA FÁBRICA DA SAMARITANA, 1877 IN DIÁRIO ILLUSTRADO, Nº 1617, ANO VI, LISBOA, 1877, P. I	60
40 VILA DIAS (DÉCADA DE 1910) IN AML	62
41 BARRACÕES JUNTO AO CAIS DE XABREGAS (1960) IN AML	62
42 VILA FLAMIANO (1967) IN HTTP://APS-RUASDELISBOACOMHISTRERIA.BLOGSPOT.COM/SEARCH?Q=RUA+GUALDIM+PAIS	62
43 CHAMINÉS DO COMPLEXO DA TINTURARIA, UMA DELAS ACABOU POR RUIR (SÉC. XX) IN HTTP://LH3.GOOGLEusercontent.COM/-c2QXD0Qrmc/VTILs0NnOCI/AAAAAAAAABH/Xs/_H6wiAXNA2U/s1600-H/TINTURARIA-PORTUGLIA.16.JPG	64
44 E 45 PUBLICIDADES SOBRE A FARINHA PRODUZIDA NA FÁBRICA AMIDEX (1945) IN HTTP://ESTACAOCHRONOGRAPHICA.BLOGSPOT.COM/2016/12/JANELA-PARA-O-PASSADO-FARINHA-SALUZENA.HTML	64
46 PRIMEIROS REGISTOS DA TINTURARIA, FEITAS NO BLOCO HABITACIONAL (1888) IN AML	66
47 PLANTA DE LOCALIZAÇÃO COM A DELIMITAÇÃO DO COMPLEXO DA TINTURARIA (1979) IN AML	66
48 PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO DAS CALDEIRAS ADJACENTE À TINTURARIA (1947) IN AML	66
49 PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO E ALTERAÇÃO DA TINTURARIA PELO ARQUITETO MIGUEL TAINHA (1949) IN AML	66

50 ESTRADA DE CHELAS (1961) IN AML	84
51 RUA GUALDIM PAIS (1969) IN AML	84
52 BALNEÁRIO MUNICIPAL (DÉCADA DE 50) IN HTTP://APS-RUASDELISBOACOMHISTRERIA.BLOGSPOT.COM/SEARCH?Q=RUA+GUALDIM+PAIS	86
53 COZINHA ECONÓMICA Nº4 DE XABREGAS, S.D IN HTTP://APS-RUASDELISBOACOMHISTRERIA.BLOGSPOT.COM/SEARCH?Q=RUA+GUALDIM+PAIS	86
54 AMBIENTE SOCIAL VIVIDO NA ESTRADA DE CHELAS (1973) IN ARQUIVO FOTOGRÁFICO CML	86
55 FOTOGRAFIA DA VILA FLAMIANO, CARATERIZADORA DA POPULAÇÃO RESIDENTE NO VALE (1984) IN HTTP://APS-RUASDELISBOACOMHISTRERIA.BLOGSPOT.COM/SEARCH?Q=RUA+GUALDIM+PAIS	86
56 CENTRO DE ACOLHIMENTO DE XABREGAS (1999) IN AF CML	88
57 ANTIGO MERCADO DE XABREGAS, ATUALMETE REABILITADO PARA A ESCOLA DE ARTES AR.CO FOTOGRAFIA DA AUTORA	88
58 VILA EMÍLIA, NA RUA GUALDIM PAIS, ADJACENTE À TINTURARIA PORTUGÁLIA (1986) IN HTTP://APS-RUASDELISBOACOMHISTRERIA.BLOGSPOT.COM/SEARCH?Q=RUA+GUALDIM+PAIS	90
59 ESTADO ATUAL DA VILA EMÍLIA, NA RUA GUALDIM PAIS, ADJACENTE À TINTURARIA PORTUGÁLIA (2018) FOTOGRAFIA DA AUTORA	90
60 PLANO URBANÍSTICO DO VALE DE CHELAS DA AUTORIA DO GRUPO DE ARQUITETOS NPK	96
61 ESQUEMA DE POTENCIAIS ESPAÇOS VERDES E DE PATRIMÓNIO QUE DEVERÁ SER REABILITADO E/OU RECONVERTIDO. ELABORADO PELA AUTORA	96
62 ESQUEMA DE LIGAÇÕES ENTRE O PATRIMÓNIO, ESPAÇOS VERDES E BACIAS DE RETENÇÃO (SEM ESCALA) ELABORADO PELA AUTORA	98
63 PLANTAS ESQUEMÁTICAS DO PROCESSO DE PERMEABILIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO ONDE SE ASSINALAM OS EDIFÍCIOS A DEMOLIR, AS HORTAS SOCIAIS URBANAS, AS ESTRUTURAS DE APOIO ÀS HORTAS, O EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO, O PARQUE VERDE URBANO, A CASA DAS CALDEIRAS E A TINTURARIA PORTUGÁLIA (SEM ESCALA) ELABORADO PELA AUTORA	100
64 PLANTA ESQUEMÁTICA DA ESTRUTURA ARBÓREA NO TERRENO DE INTERVENÇÃO (SEM ESCALA) ELABORADO PELA AUTORA	102

65 PLANTA ESQUEMÁTICA DO SISTEMA HÍDRICO ONDE SÃO VISÍVEIS OS DEPÓSITOS DE ÁGUA E DRENAGEM, JÁ FORA DO TERRENO DE INTERVENÇÃO É VISÍVEL O POSSÍVEL ESPAÇO PARA A BACIA DE RETENÇÃO ADJACENTE À FÁBRICA DA SAMARITANA (SEM ESCALA)	102
ELABORADO PELA AUTORA	
66 PLANTA ESQUEMÁTICA DO SISTEMAS DE CIRCULAÇÃO (SEM ESCALA)	104
ELABORADO PELA AUTORA	
67 CORTE EXPLICATIVO DAS ESTRUTURAS DE APOIO ÀS HORTAS SOCIAIS (SEM ESCALA)	104
ELABORADO PELA AUTORA	
68 CORTE EXPLICATIVO DO EDIFÍCIO HABITACIONAL (SEM ESCALA)	104
ELABORADO PELA AUTORA	
69 ESTRUTURA ORIGINAL DA TINTURARIA E BARRACÕES ADJACENTES (EM CIMA), NOVO COMPLEXO DA TINTURARIA (EM BAIXO)	106
ELABORADO PELA AUTORA	
70 AXONOMETRIA EXPLICATIVA DAS ESTRUTURAS DE APOIO ÀS HORTAS SOCIAIS E A FORMA DE RECOLHA DE ÁGUAS PARA A REGA DAS CULTURAS HORTÍCULAS	108
ELABORADO PELA AUTORA	
71 AXONOMETRIA VOLUMÉTRICA DO COMPLEXO EDUCACIONAL E MERCADO BIOLÓGICO	110
ELABORADO PELA AUTORA	
72 PLANTAS DOS TRÊS PISOS DA TINTURARIA	112
ELABORADO PELA AUTORA	
73 PERSPETIVA DO INTERIOR DAS SALAS E O SEU EQUIPAMENTO	114
ELABORADO PELA AUTORA	
74 PERSPETIVA DO ESPAÇO DE REFEIÇÃO ECONÓMICA E COZINHA DE APRENDIZAGEM DA ESCOLA DE COZINHA.	114
ELABORADO PELA AUTORA	
75 REFERÊNCIA DA ESTRUTURA METÁLICA EM AÇO E A REINTERPRETAÇÃO DOS PILARES.	118
ELABORADO PELA AUTORA	
76 CORTE Á MÃO LEVANTADA ONDE SE PODE IDENTIFICAR A COBERTURA, A NAVE CENTRAL E A ESTRUTURA INTERIOR METÁLICA AFASTADA DAS PAREDES EXISTENTES	118
ELABORADO PELA AUTORA	

Abreviaturas e Acrónimos

AML: Arquivo Municipal de Lisboa

CML: Câmara Municipal de Lisboa

PDML: Plano Diretor Municipal de Lisboa

ETAR: Estação de Tratamento de Águas e Resíduos

TICCIH: The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage

APAI: Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial

P.: Página

PP.: Páginas

Séc.: Século

Av.: Avenida

Tr.: Travessa



I | Chaminé da Fábrica Tinturaria Portugália (2018)

I

Introdução

“Arquitetura deve falar do seu tempo e lugar, porém anseia por intemporalidade.”

Frank Gehry

I.1 | Justificação Temática

O Seguinte Projeto Final de Mestrado tem como base o trabalho efetuado na unidade curricular de Laboratório de Projeto VI, leccionado no ano lectivo de 2017/2018, do 5ºano de Mestrado Integrado em Arquitetura na faculdade de Arquitetura – Universidade de Lisboa. Intitulado “construir no (e com o) construído”, foi este trabalho que despertou a vontade de perceber a relação da arquitetura e do Homem com o seu passado patrimonial, de forma a entender o seu papel vinculativo entre o património e a sociedade.

Vivemos, cada vez mais, num mundo com falta de tempo para admirar o que está ao nosso redor e a herança dos nossos antepassados. Aos poucos e poucos, essa falta de tempo e a vida sobrelotada da sociedade atual, levaram à perda da consciência do passado e até do próprio “eu”.

Em Lisboa – e mais concretamente no “caminho do oriente” e vale de Chelas podem-se identificar inúmeros edifícios devolutos, abandonados pela sociedade que se tornaram verdadeiros “armazéns de memória”. A estes edifícios industriais, outrora impetuosos e cheios de vida, são lhes conferidos valores históricos e patrimoniais. Deste modo, torna-se relevante a preocupação em preservar e reintegrar estes edifícios num espaço urbano mais qualificado, resgatando-os do esquecimento a que a sociedade os levou.

Assim, o tema deste Projeto Final de Mestrado, foca-se na questão da reabilitação do património industrial, bem como no valor da memória como elemento caracterizador do lugar, procurando a possibilidade de voltar a conferir à Tinturaria Portugália o seu carácter único e identitário do lugar, adaptando-a às necessidades da sociedade contemporânea e da comunidade local.

“Habitar” a memória hoje, para que perdure na lembrança de amanhã.

1.2 | Problemáticas e Objetivos

O estado de total degradação e abandono do complexo fabril pertencente à Tinturaria Portugália e a sua inserção num território pós-industrial desqualificado com um fraco aproveitamento a nível ambiental e paisagístico, conduziram a um crescente interesse de investigação e análise do lugar. Tornou-se uma vontade incentivar o combate à perda de população e consequente abandono e desvalorização do património Industrial desta área reveladora de um valor cultural, histórico e memorial bastante elevado.

É na relação entre o passado e o presente, que se encontrou o ponto de partida para a realização deste trabalho, sendo um dos objetivos principais respeitar e enaltecer a identidade, o valor patrimonial e o valor memorial, tanto do lugar (Vale de Chelas) como do edificado em estudo (Tinturaria Portugália).

Neste ponto, levantam-se várias questões: De que forma se pode regenerar e valorizar, do ponto de vista ambiental, o segundo vale mais importante da cidade de Lisboa? De que forma é que a unidade fabril da Tinturaria pode ajudar a resolver o problema de um território fragmentado, num contexto sociocultural? Como reabilitar a antiga fábrica de modo a que a memória do lugar possa ser o fio condutor da intervenção arquitetónica propiciando um diálogo com as pré-existências e consequentemente de que forma podemos incorporar um novo uso e não perder a identidade e memória da antiga fábrica tintureira? De que forma é que a reabilitação do património pode proporcionar uma coesão social, de uma área socialmente fragmentada?

Tem-se como princípio dar resposta a estas indagações/problemáticas.

Assim a proposta de intervenção urbana, pretende dinamizar a área, criando uma subcentralidade entre dois pontos importantes da cidade de Lisboa (Praça do Comércio e Parque das Nações – *Caminho do oriente*). Para tal, é fulcral proceder à renaturalização do vale de chelas de forma a valorizar o seu potencial paisagístico, tendo em conta as suas reminiscências rurais.

Uma das principais metas passa por regenerar o espaço público adjacente à tinturaria, fazendo com que a área se integre num espaço urbano mais qualificado e apelativo.

Quanto à proposta de intervenção arquitetónica, procura-se recuperar e reinterpretar o objeto arquitetónico de modo a possibilitar a perpetuação no tempo da sua memória e identidade.

Com o intuito de devolver a Tinturaria à comunidade e, portanto, de a incluir nas práticas e vivências da sociedade atual, aposta-se na reconversão do uso de modo a potenciar novas dinâmicas ao espaço, possibilitando uma coesão de grupos sociais com estilos de vida diferentes. Desta forma, a elaboração do programa procura dar resposta às necessidades da população local.

I.3 | Metodologia

A concretização do Projecto Final de Mestrado intitulado “(In)Temporalidade do Património Industrial”, assenta numa metodologia faseada que serve de diretriz de todo o processo de trabalho.

Numa primeira fase, iniciou-se através da realização de levantamentos urbanos de toda a frente ribeirinha entre o Terreiro do Paço até à ao oriente e do Vale de Chelas. Estes levantamentos permitiram organizar dados geográficos, históricos e patrimoniais que auxiliaram a escolha adequada do lugar de intervenção onde se pretendia trabalhar. Surgiram três locais, ao longo do Vale de Chelas, com potenciais oportunidades de projeto. Para o desenvolvimento do projeto foi escolhido, dentro desses locais, o edifício-mãe do antigo complexo fabril da Tinturaria Portugália.

Subsequentemente, tomou-se importante fazer um levantamento específico do Vale de Chelas bem como do Edifício da Tinturaria, baseados em elementos históricos e técnicos. Este levantamento permitiu reter elementos tais como plantas do edificado, planos urbanos já efetuados e projetos de intervenção urbanos que serviram como base para a organização de estratégias urbanas e programáticas tanto da área de intervenção como para o edifício fabril.

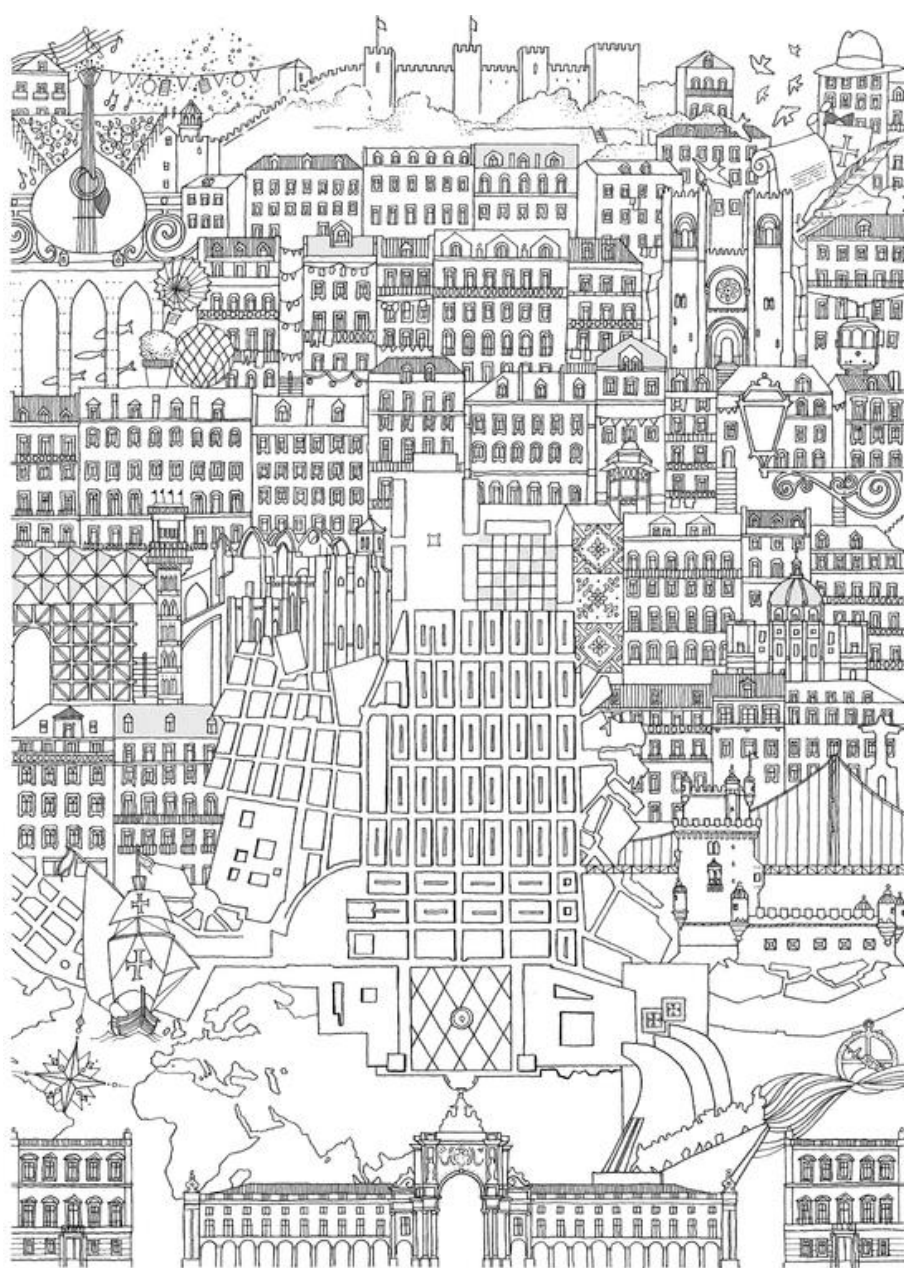
Posto isto, e passando para uma fase de investigação teórica, foi essencial uma pesquisa bibliográfica relacionada com os conceitos que introduzem as problemáticas e/ou referências do projecto - conceitos sobre a Memória, Identidade, lugar, Património e Reabilitação em arquitetura e Sociedade industrial e atual, para que seja possível sustentar o tema da investigação teórica.

É desta forma que surgiu a necessidade de relacionar as reflexões teóricas com o contexto prático do projeto e escolheu-se dois casos de referência. *Landscape park* na Alemanha, é um caso de referência com uma abordagem ao espaço urbano notável tendo em conta a sua inserção numa área pós-industrial e os valores memoriais em que assenta o conceito do projeto.

Por último a *Casa das Caldeiras* em Coimbra é também uma abordagem a um edifício industrial que se transformou num polo atrativo e de crescimento para a cidade.

De seguida, foi necessário reunir elementos base de iniciação ao projecto tais como medições e desenhos técnicos complementados com elementos fotográficos que contribuíram para uma melhor compreensão da Fábrica Tinturaria Portugália. A sua análise histórica e morfológica bem como a caracterização aprofundada do local a nível social, foram cruciais para a tomada de decisões projetuais.

Por último, elaborou-se a proposta arquitetónica sendo uma solução/resultado prático da aplicabilidade dos conceitos investigados tanto na reflexão teórica como na análise prática.



2| Projeto "as cidades e a memória", ilustração de Marta Freitas, s.d.



Refletir sobre o passado:
Património, Memória e Sociedade

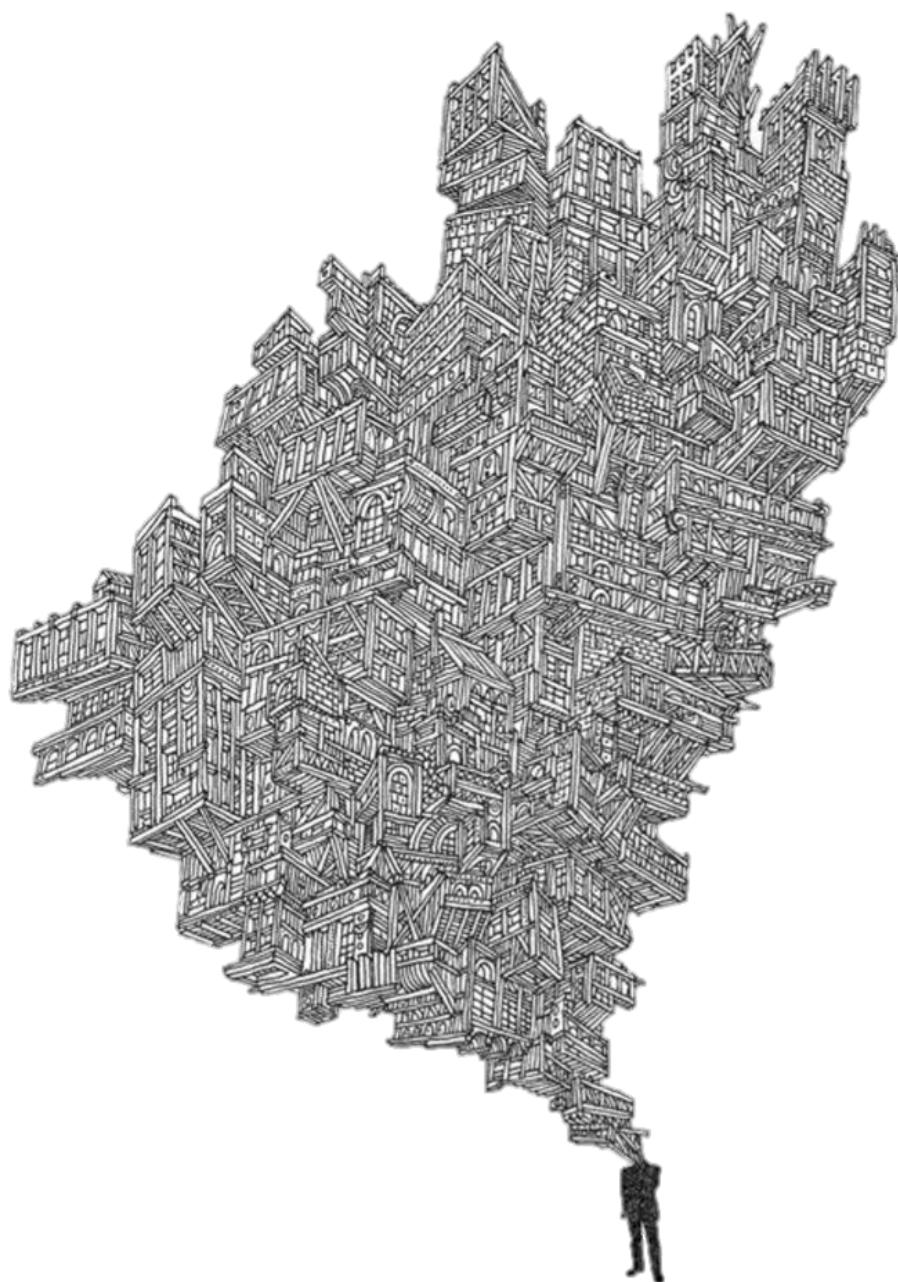
“Há cidades que permanecem como meras imagens visuais distantes quando recordadas, e há cidades que são recordadas com toda a sua vivacidade.”

(PALLASMAA, J.; *“Os Olhos da pele. Arquitetura e os Sentidos”*; 2011).

I | Memória

Neste capítulo, torna-se importante fazer uma abordagem teórico-reflexiva sobre os temas de memória de forma a perceber-se o seu valor.

Através de uma melhor perceção do que é a memória e o seu valor/importância, pretende-se compreender de que forma se pode devolver o carácter e identidade tanto do lugar, bem como de um edifício, que tem vindo a ser desvalorizado. E é deste modo que se busca o fio condutor para o diálogo entre o passado (memórias), presente (pré-existências) e o futuro (reabilitação da Tinturaria).



3 | Ilustração de Vasco Mourão (2010)

1.1 | Memória e Identidade

No contexto atual em que o complexo fabril da Tinturaria Portuguesa está inserido e para uma melhor intervenção, tanto numa escala urbana como numa escala arquitetónica, é importante percebermos o que é a memória, qual o seu valor e a sua utilidade para um projeto de arquitetura.

“(...) o que é a Memória e, complementarmente, porque é que nos esquecemos.” (Leite, 9)

Em primeira instância entendamos o significado teórico de memória. Em definição memória advém etimologicamente do grego *“mnemis”* ou do latim *“memoria, -ae”* e significa o ato de lembrar, lembrança¹. Contudo, este significado torna-se muito abrangente, pois o conceito de memória revela um carácter complexo que engloba vários conceitos/disciplinas também elas complexas.

Reduzindo a área de abrangência do significado de memória, partimos do conceito de que é a *“faculdade de um ser vivo para conservar a impressão ou a marca do seu passado e de se referir a ela”*². Esta descrição conduz-nos para um “eu”, inserido num tempo. Considerando que uma das características da memória é ser intrínseca do ser humano³, o “eu” consciente da faculdade de memória, torna-se pertinente a evocação de um espaço de tempo diferente ao *“aqui e agora”*, que possibilita a conservação de momentos, vivências e experiências já vividas.

Porém, ao assumir-se a capacidade de evocar um tempo e uma lembrança, está-se também a reconhecer a capacidade do esquecimento.

¹ AAVV - “Memória”, in AAVV, “Dicionário Prático de Filosofia”; Trad. Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Rui Pacheco; Lisboa: Terramar, 2007; [p. 251]

² AAVV - “Memória”, in AAVV, “Dicionário Prático de Filosofia”; Trad. Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Rui Pacheco; Lisboa: Terramar, 2007; [pp. 251-252]

³ Nota do autor: Quando foi referida a memória como faculdade de um ser vivo, apenas é considerado o ser que tem consciência da existência de memória, ser humano. Por exemplo, um ser vivo engloba um animal. Contudo sabe-se que o animal possui memória, mas não sendo capaz de a comunicar através de expressão própria, não têm consciência da existência de memória e por isso não se pode considerar um ser vivo com capacidades memoriais.

O esquecimento assume-se como um elemento caracterizador e inverso da memória, sendo-lhe indissociável. Quando se “arquiva” uma memória, o ser humano tende a reter o que considera ser útil ou importante, isto é, inconscientemente, só se lembra de certos pormenores/aspectos e esquece-se de outros irrelevantes.

Assim, assume-se que o esquecimento é parte integrante da memória, pois uma memória só é memória quando existe um certo esquecimento.

Partindo das premissas anteriores e reconhecendo a capacidade memorativa do ser humano, pode-se afirmar que, ao longo da sua vida, vai apreendendo experiência e situações que o moldam, sendo a recordação dessas experiências um elemento caracterizador do mesmo, isto é, todas as memórias que uma pessoa “armazena”, fazem parte da sua identidade.

“[Identidade] é a aptidão que nos permite continuar a ser a mesma pessoa através das sucessivas fases da nossa vida.”
(Chauí, 2000: 161)

Se uma pessoa se esquecer de quem é, da sua personalidade ou do seu valor, perde o seu sentido na vida. Assim, reconhecer as suas origens significa perceber que existiu um passado e que é através dele que pode identificar e continuar a ser-se quem se é.

“(...) reconhecer que foi através do passado que que nos tornámos aquilo que somos (...)” (Mendes, 2012: 15)

A capacidade da memória, caracterizadora de um indivíduo na sua singularidade, também se pode traduzir a nível social. É ao pensar sobre um determinado lugar, outrora esquecido, que surgem as recordações desse mesmo lugar. E é esta capacidade de “lembrança” que torna possível identificá-lo, distingui-lo e defini-lo.

É neste contexto que as memórias se tornam elementos caracterizadores de carácter e identidade do lugar podendo inseri-lo num contexto urbano, rural e social/económico. Embora a importância que cada ser humano atribui aos mesmos lugares serem diferentes, todos eles transportam bagagens simbólicas tanto a nível individual, como coletivo. Assim, a sociedade lembra-se, herda e une-se a estes lugares como se fizessem parte da sua identidade.

“À semelhança da vinculação emocional que as pessoas podem desenvolver em relação a outras, a vinculação à casa ou a outros lugares de referência, do passado, do presente ou futuro, representa um importante contributo na formação de identidade.”
(Soczka, 2014: 14)

Deste modo, deve-se integrar o passado na nossa vida, seja ele a nível individual (memórias íntimas e particulares da pessoa), quer a nível coletivo e social (herança, património), distinguindo-se dois tipos de memória, a memória individual e a memória coletiva.

Maurice Halbwachs, reconhecido pelos seus estudos sobre memória coletiva, acredita que a memória resulta da relação entre a sociedade e o Homem.

“É, normalmente, em sociedade que o Homem adquire memórias. É também em sociedade que as relembra, reconhece e localiza”⁴

O Autor explica que é na relação entre a memória individual e a memória social/histórica (isto é, memória Coletiva) que se encontram os elementos estruturais para a construção memorial, tais como monumentos, personagens históricas, tradições, património, hábitos e costumes que passam de geração em geração e que fazem parte de um coletivo (de uma determinada população). Pode-se ainda dizer que a *Carta de Washington* (1987) considera que a população, os seus hábitos e costumes, são também património. Sendo estes os elementos fundamentais para a preservação e continuidade da memória ao longo dos tempos, dando força ao conceito de memória.

É importante que uma intervenção tenha em consideração tanto a população, como a memória coletiva e social, para que desta forma seja perpetuada a memória e identidade do lugar e do património.

⁴ Tradução do original: “It is in society that people normally acquire their memories. It is also in society that they recall, recognize, and localize their memories”, Maurice Halbwachs in RODRIGUES, Donizete. Património Cultural, Memória Social e Identidade: Uma abordagem antropológica. Lisboa. p.5

1.2 | Memória em Arquitetura

Chegados a este ponto de reflexão, percebe-se que os elementos arquitetónicos referidos anteriormente, servem como referência identitária de lugares e, sendo a arquitetura a criadora de espaços que nos despertam emoções, experiências e momentos, pode-se reconhecer que é um dos grandes e melhores “depósitos” de memórias.

“Não há senão dois fortes vencedores do esquecimento dos Homens, Poesia e Arquitetura; e a última de alguma maneira inclui a primeira, e é mais poderosa na sua realidade”⁵

Considerando que a memória acarreta com ela conhecimento e sabedoria, tomando-se numa ferramenta crucial para a arquitetura.

“A memória é um instrumento indispensável para qualquer arquiteto. Um arquiteto sem memória não é nada. (...) Para um arquiteto, a Memória é absolutamente imprescindível. Como uma arca do tesouro de onde se retira permanentemente material para se utilizar de maneira adequada. Para extrair dali as melhores essências e para continuar a tentar guardar tesouros na arca.”
(Baeza, 2013: 47)

Assim, um arquiteto deve ter a capacidade de agarrar o passado e inspirar-se na memória, no conhecimento/ensinamentos que dela advêm para conseguir projetar um melhor futuro.

A memória assume assim o papel de cultura, onde através da história (de um território ou edifício) permite criar arquitetura. Por sua vez, a arquitetura também pode ser considerada cultura, estando, por analogia, profundamente ligada à memória.

“Porque a Memória é afinal cultura. E a Arquitetura radicada na Memória é criação artística, é cultura.” (idem: 49)

Desta forma, levanta-se a questão de como a memória pode ser um fio-condutor para o projeto e para o arquiteto. Para responder a esta questão devemos escortinar as duas formas como o arquiteto intervém na cidade.

⁵ RUSKIN, John; in ABREU, Pedro (). *Arquitetura: Monumento e Morada – Investigação do pensamento de Ruskin sobre o património*. Lisboa. p.2

A primeira forma de intervir refere-se a uma nova construção onde é necessário retroceder à origem e à história do lugar, para que a intervenção respeite o *Genius Loci* do lugar, isto é, a essência do lugar. Respeita-se assim a memória e valor identitário do lugar.

A segunda forma, refere-se à intervenção numa pré-existência. A memória está, de igual forma, relacionada com este tipo de intervenção, tendo em conta que é necessário perceber a história do edifício e a sua evolução ao longo dos tempos, para se poder evidenciar, manter, conservar, restaurar, ou reabilitar, tudo o que se proponha a ter valor.

É seguindo este fio condutor, que um projeto arquitetónico deve retroceder e fazer o percurso temporal do edifício até à atualidade de forma a fazê-lo renascer no presente. Por outras palavras, deve apropriar-se e interpretar a memória do lugar ou do edifício para que no presente, possa ser transformado de novo num lugar.

O Arquiteto tem em mãos um enorme desafio de fazer com que a memória possa ser celebrada e uma enorme responsabilidade em perpetua-la no futuro, criando novas memórias.

Concluindo, ao perceber o valor que a memória tem para a arquitetura, percebemos a sua importância em manter presente no futuro os testemunhos do passado e que deve ser um elemento em consideração e condutor de decisões projetuais.

“E se as raízes da arquitetura estão na memória, no passado, também o futuro da arquitetura reclama memória.

O desejo da Arquitetura de permanecer no Tempo encontra-se na sua capacidade de perdurar na memória dos homens.” (idem:50)

2 | Sociedade

Com este capítulo faz-se uma analogia entre a sociedade e o valor da memória. E pretende-se perceber as problemáticas da vida em sociedade, tanto industrial como na sociedade atual.

É a partir destas ideias que se pretende compreender que novos espaços sociais se devem desenvolver para melhor se integrarem na sociedade contemporânea.

2.1 | Sociedade atual e a Memória

Nos capítulos anteriores, podemos refletir sobre a memória e é nesse seguimento que se torna importante incidir no valor da memória na sociedade. Ao Longo dos tempos, o ser humano bem como a sociedade de uma forma geral, levou a uma constante evolução do valor e da forma como a memória é considerada.

Jacques Le Goff (1924-2014), um historiador francês e autor de várias obras relacionadas com a “memória”, introduz este percurso evolutivo.

Em ensaios publicados na *Enciclopédia Eunaidi*, retrocede à idade primordial, onde a sociedade primitiva entendia a memória como uma memória liberal e criativa caracterizada pela vontade de adquirir conhecimento específico e útil para a sociedade. Sem capacidades de perpetuarem a memória através da escrita, a Memória era divulgada de geração em geração, de pais para filhos, de modo a preservar e aumentar as experiências e conhecimentos da sociedade, isto é, “(...) *uma reconstrução generativa e não segundo uma memorização mecânica.*” (Le Goff, 1984: 7).

Mais tarde, o aparecimento das antigas civilizações e da escrita levam a profundas mudanças na forma como a memória era construída e comunicada. Definiram-se as duas principais matrizes para perpetuar a memória, o documento escrito e o monumento comemorativo. O documento escrito tem como principal função vincular o tempo, presente com o passado, e, por consequência, também se assume como monumento, “ (...) *as inscrições comemorativas deram lugar à multiplicidade de monumentos como as estelas e os obeliscos.*” (Le Goff, 1997: 1).

É na Grécia arcaica que se começam a notar as mudanças na percepção da memória. O povo grego é conhecido pelos seus pensamentos e reflexões filosóficas, pela crença na mitologia e por enaltecer as suas origens.

“Se a função da memória é muito elaborada nas narrativas míticas é por um lado para marcar o valor que lhe é conferido numa civilização de tradição puramente oral (...) e, por outro, porque ela aborda grandes características psicológicas, tais como o tempo e o eu.” (Candau, 2005: 39)



4| Sociedade atual e a dependencia da tecnologia, ilustração de Liam Walsh

Acreditavam que a memória assumia um papel divino, isto é, manifestava-se através da Deusa “Mnemósine” ou “Mnemosune”, uma divindade da memória. Mnemósine preside o pensamento filosófico da antiguidade grega, onde os pensadores, poetas e artistas tinham o poder de exaltar e eternizar o passado, os heróis e as suas conquistas

Assim, primariamente, a memória desenvolveu-se tendo como principal função a perpetuação das tradições e valores das antigas civilizações e posteriormente, é percebida a importância da capacidade de adquirir conhecimento, bem como na consciencialização do tempo.

Atualmente, para além de capacidade de perceção do tempo e espaço, a memória permite ser um instrumento de lembrança para que o ser humano, ao agir em função da mesma, possa melhorar o presente e o futuro.

Para perceber melhor esta última afirmação, devemos refletir sobre a sociedade atual.

Nos dias de hoje, deparamo-nos cada vez mais com uma sociedade “apressada” com a azáfama do quotidiano e numa constante de problemas, sejam eles a nível económico, social, cultural, entre outros. Envolto nestas situações do quotidiano, torna-se natural que a sociedade tenha vindo a fechar-se nos problemas do momento, isto é, do tempo presente. É neste contexto que a memória começa a ganhar dimensão e valor.

O ser humano, de uma forma geral, por mais que se foque nos problemas do presente, tende sempre a comparar ou reviver momentos/problemas do passado. Desta forma, a memória pode ajudar a confrontar e até solucionar as adversidades do dia-a-dia. Pode-se assim dizer que a memória tornou-se um instrumento vinculativo entre o passado e o presente e essencial para a realização das tarefas quotidianas, desde as mais simples às mais complexas.

Contudo, não pode deixar de se refletir sobre a evolução tecnológica, cada vez mais afirmada nos dias que correm. Esta nova Era da tecnologia, com todos os seus benefícios e desvantagens, acaba por levar à desacreditação da memória. Com toda a capacidade de armazenamento de conhecimento que a tecnologia nos proporciona, como computadores, telemóveis, câmaras fotográficas, livros interactivos, *tablet*, entre outros, a memória intrínseca do ser humano acaba desvalorizada.

“A desvalorização da memória também aparece na proliferação de objetos descartáveis, na maneira como a indústria da construção civil destrói cidades inteiras para torná-las “modernas”, destruindo a memória e a História dessas cidades.” (Chauí, 2000: 161).

A sociedade, fascinada com o novo e com a vontade de modernizar, prioriza objetos descartáveis e/ou ferramentas tecnológicas em vez do contacto e convívio direto com o próximo, o que leva a transformarem as cidades apenas pela necessidade de modernização.

É através destas premissas que podemos dizer que se vive numa sociedade ilusória, pois o ser humano está, em simultâneo, conectado com o mundo e com o próximo porém cada vez mais individualista. Assim, os avanços tecnológicos trouxeram vantagens e facilidades para a sociedade atual, contudo conduziram a uma fragmentação social comprometendo a vida em comunidade.

Em suma, percebe-se a importância e o valor que deve ser conferido à memória, e a necessidade de a manter viva tanto para o homem como para a sociedade para que possa evoluir e transmitir conhecimento seja através de tradições, crenças ou saberes.

Reconhece-se que o contacto com o próximo é essencial para o desenvolvimento das funções mnemónicas do ser humano e é por esta razão que se torna fundamental contrariar estas tendências contemporâneas.

É importante descortinar soluções que aproximem a sociedade e que incentivem o diálogo entre a população. Só assim é possível preservar a identidade da comunidade, cidade e mesmo da sociedade.

2.2 | A vida numa sociedade industrial: comunidade

Caraterizar a população residente no vale de chelas e perceber as suas necessidades atuais é fundamental para que a intervenção tenha maior sucesso. Para tal é necessário estudar a evolução e problemáticas da sociedade industrial e a sua vida em comunidade.

A sociedade pré-industrial apresentava uma organização sociocultural, económica e política, totalmente diferente da criada com a Revolução Industrial⁶. Sem o recurso à máquina e produção em massa, organizava-se em comunidades rurais que sobreviviam da exploração e da pequena produção agrícola e artesanal.

A transição dos métodos de produção artesanais para a fabricação através de máquinas, levou ao crescimento social e demográfico da população e ao seu movimento em massa.

A era industrial foi marcada tanto pelas transformações nos métodos de produção, como pelo aparecimento de novos e melhores meios de transporte, como as linhas de ferro, que permitiram a circulação mais rápida das matérias-primas. A busca por um nível de vida e trabalho melhor originou um movimento em massa por parte da população (conhecido por êxodo rural) e deixou ao abandono os terrenos agrícolas.

“ (...) a transformação dos meios de produção e transporte, assim como emergência de novas funções urbanas, contribuem para romper os velhos quadros (...) da cidade medieval e da cidade barroca. Uma nova ordem é criada, segundo o processo tradicional da adaptação da cidade à sociedade que habita nela.” (Choay, 2008: 4)

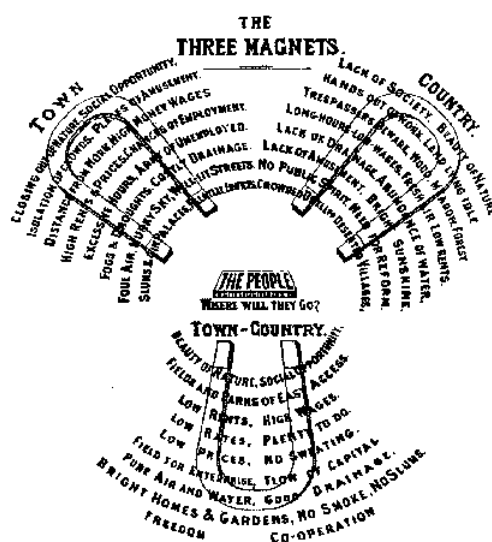
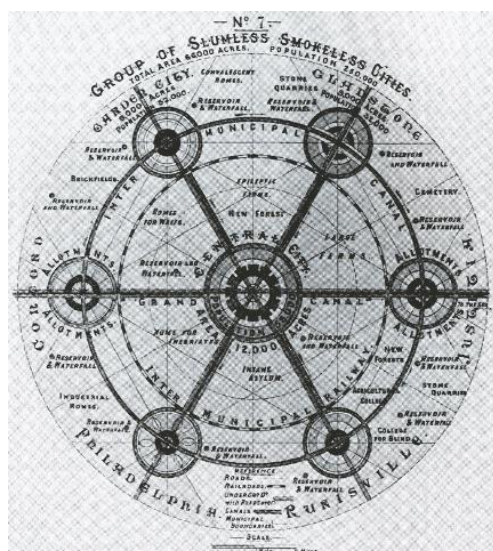
Esta “fuga” do campo para a cidade, levantou uma série de problemas, tanto sociais como de ocupação territorial. O grande aumento demográfico que se verificou na época e a recursos para acolher os camponeses na cidade levaram á degradação do nível de vida.

As novas cidades eram insuficientes a nível de infra-estruturas, as condições de higiene apresentadas eram lastimáveis, verificava-se uma maior escassez de alimentos e a habitação para a classe operária era pequena, insalubre e de péssima qualidade.

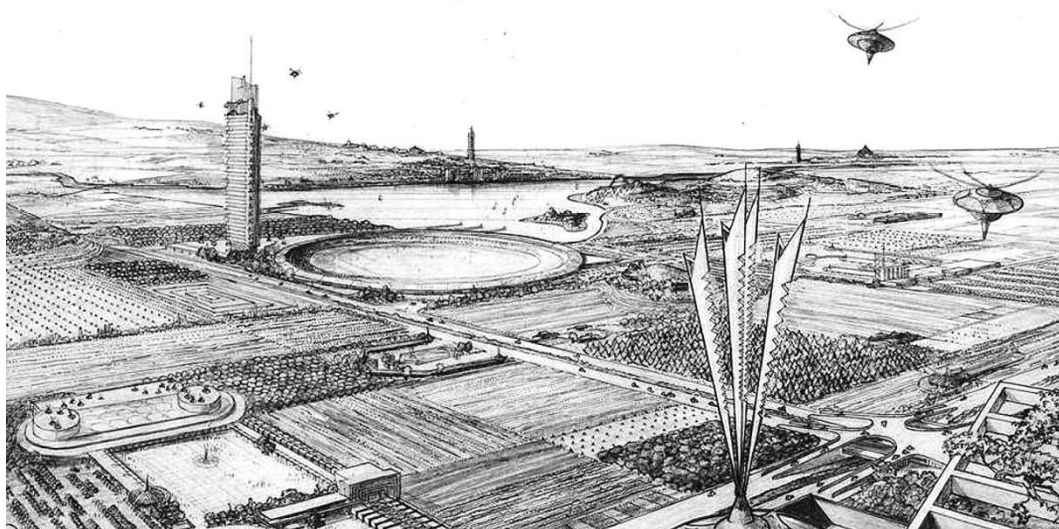
⁶ A Revolução Industrial teve início em Inglaterra e data o ano de 1760. E posteriormente, desenvolveu-se para o resto da Europa e Estados Unidos.



5 | Perspectiva do Falanstério, modelo progressista de Charles Fourier, séc. XVIII.



6 e 7 | Esquemas e ideologia do Modelo da cidade Culturista de Howard, séc. XIX



8| "Broadacre City", Frank Lloyd Wright, (1958)

Deparando-se com estes problemas da sociedade industrial (a nível social, político e espaciais), algumas personalidades do séc. XIX, um pouco por toda a Europa, procuraram soluções urbanísticas de forma a melhorar as condições de vida desta “nova urbe”. Assim, ressaltam três modelos urbanísticos utópicos; o modelo progressista, o modelo culturalista e o modelo naturalista.

O modelo progressista, surgido nos séc. XVIII-XIX, apresentava uma solução mais individualizada, defendida por Pierre-Joseph Proudhon (1809) e uma solução mais coletiva, defendida por Charles Fourier (1772).⁷

Este modelo consiste na cidade funcional e geométrica. Fourier propõe a transferência das fábricas para os campos, onde a população residente poderia optar por trabalhar no meio rural ou industrial, e propõe a criação de falanstérios. (solução coletiva).

“A cidade progressista recusa qualquer herança do passado, para submeter-se exclusivamente às leis de uma geometria «natural»”
(idem: 9)

Em oposição, o modelo culturalista (final do séc. XIX), impulsionado por Ebenezer Howard (1850-1928), propõe uma cidade multifuncional e mais compacta baseada na ordem orgânica e nas assimetrias. Uma referência à ideologia da cidade culturalista é a Cidade-Jardim (1898).

“O escândalo histórico de que falam os partidários do modelo culturalista é o desaparecimento da antiga unidade orgânica da cidade sobre a pressão desintegradora da industrialização.”
(idem: 12)

Por último, o modelo naturalista surgido já no séc. XX, apresenta-se como uma interpretação conjunta dos dois modelos anteriores, onde as funções urbanas estão isoladas contudo acessíveis. Um dos exemplos deste modelo é a Broadacre-City proposta por Frank Lloyd Wright.

“Sob uma infinita variedade de formas, os edifícios exprimem a natureza e as características do solo sobre o qual eles (se elevam), ela tornam-se uma parte integrante deles.” (idem: 31)

⁷ Françoise Choay, O Urbanismo, Lisboa: Edição 70, 2008, p. 8.



9 | Vivências da comunidade industrial, mercado de Xabregas (1967)



10 | Largo exterior ao mercado de Xabregas, s.d.

Em Portugal, também existiram modificações a nível social. A vida em comunidade foi cada vez mais priorizada e a industrialização levou à expansão das cidades para a periferia, criando com isto novos centros industriais. A falta de habitação nessas áreas ainda pouco exploradas levou ao aparecimento de ilhas, vilas e pátios. Este tipo de habitação social caracterizava-se pela falta de condições oferecidas à classe trabalhadora e às suas famílias.

Em suma, estes modelos sociais utópicos que incentivavam a vida em comunidade servem como princípios ideológicos para a requalificação do vale de chelas. A intenção será promover a vida em comunidade, criando novas vivências e uma melhor relação entre trabalho, habitabilidade e lazer, contudo adaptando-se melhor às necessidades da sociedade contemporânea.

3 | Património Industrial

Tendo em consideração a importância dos objetos arquitetónicos que constituem um marco na sociedade, no território e na memória da população, é necessário perceber-se o que é Património. Só assim se pode distinguir e qualificar o que é Património Industrial de modo a reabilitar e/ou restaurar os edifícios que caracterizem épocas, lugares e a história de todos nós.

Numa linha direta ao projeto, é fundamental entender estes conceitos de modo a perceber se o edifício da Tinturaria pode ser considerado Património Industrial e de que forma se pode (re)caraterizar o edifício sem desrespeitar a memória do mesmo e do lugar.



11 | Indústria Hidroelétrica (edifício patrimonial internacional) na Noruega, TICCIH.

3.1 | Património Industrial: Evolução do conceito

“O património, directa ou indirectamente associado à industrialização, tornou-se assim um testemunho imprescindível da nossa história, quer ao nível dos artefactos e dos espólios afectos a algumas empresas, quer ao nível das próprias construções. (...)” (Santos, 2000: 137)

Para uma melhor compreensão do que é o “Património Industrial”, torna-se importante, perceber a sua origem, isto é, perceber primeiro o conceito de “Património”. Pode-se afirmar que a noção de Património está ligada à herança do cultural do passado, que é transmitida de geração em geração.⁸

Foi devido à Revolução Francesa (em 1789) e aos movimentos de laicização da sociedade, que se começou a preocupar com a preservação e renovação do edificado. No entanto nem todo o edificado (intitulado como património, nos dias de hoje) era considerado Património.

“Aquando da criação em França da primeira Comissão dos Monumentos Históricos, em 1837, as três grandes categorias de monumentos históricos eram constituídas (...), por edifícios religiosos da Idade Média e por alguns castelos. No final da Segunda Guerra Mundial, o número de bens inventariados tinha sido multiplicado por dez, mas a sua natureza não tinha mudado quase nada.” (Choay, 2017: 12)

A partir do séc. XX (década de 60) e com a democratização do património, quebraram-se as barreiras cronológicas e temáticas, dando lugar à aceitação de outros tipos de património, tanto de natureza imaterial como técnica, natural e industrial.

“Enfim, o domínio patrimonial deixou de estar limitado aos edifícios individuais; ele compreende, daqui em diante, os conjuntos edificados e o tecido urbano: quarteirões e bairros urbanos, aldeias e, cidades inteiras e mesmo conjuntos de cidades, como o demonstra «a lista» do Património Mundial da Unesco.” (idem, ibidem)

⁸ RODRIGUES, Donizete. Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica, p.4.

São vários os autores que abordam o conceito de Património Industrial na Europa⁹. Maria da Luz Sampaio (2015), explica a sua evolução.

Tendo como foco principal o Património Industrial, fala que a preocupação com a proteção deste tipo de património, iniciou-se na Inglaterra, no final da Segunda Guerra Mundial devido à destruição de várias fábricas.

Contudo, só no final do séc. XX se percebe que a economia de serviços (terceirização) sobrepõe-se à produção fabril, verificando-se a desindustrialização. É desta forma que a indústria, agora obsoleta, começa a ganhar interesse patrimonial tanto pelas estruturas e complexos fabris, como na maquinaria ou até nas referências bibliográficas e nos seus registos fotográficos, levando paisagem pós-industrial a ganhar valor histórico e cultural.

Nos países do Sul da Europa, o Património Industrial foi um dos últimos a ser categorizado como Património, devido a dois fatores:

- Processo de industrialização tardio, a indústria desenvolveu-se mais tarde que no resto da Europa;
- Desvalorização das zonas industriais por parte da população, após a desindustrialização, a degradação das áreas onde se inseriam as indústrias eram vistas como locais abandonos, com conflitos sociais e políticos.

Também em Portugal se verificou este reconhecimento tardio. A preocupação com a herança industrial só surge em 1980.

Atualmente, a importância deste tipo de património tem-se vindo a manifestar através de várias entidades nacionais e internacionais, como a APAI (Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial) e a UNESCO, respectivamente.

⁹ "Massimo Negri (1978) na Itália, Sir Neil (1975) e R.A. Buchanan (1972), no Reino Unido, Maurice Daumas (1969), na França." (Sampaio, 2015)

Assim sendo, foi o TICCIH (*The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage*), organização mundial consagrada ao Património Industrial, que em 2003 apresentou a primeira definição de Património Industrial, tendo em conta que o valor e a memória do passado industrial devem ser preservados.

“O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico.

Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.”

in *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial*, 2013.

Contudo, a carta do Património Industrial deveria integrar cartas importantes como a Carta de Veneza (1964), a carta de Burra (1999) e a Carta de Cracóvia (2000), bem como a Recomendação R (90) 20 do Conselho da Europa. Assim, na XVII assembleia geral da ICOMOS de 2011, foi corrigida a definição de Património Industrial sendo intitulada de “Princípio de Dublin”.

“O património industrial abrange os sítios, estruturas, complexos, territórios e paisagens, assim como os equipamentos, os objetos ou os documentos relacionados, que testemunhem os antigos ou atuais processos de produção industrial, a extração e a transformação de matérias-primas, e as infra-estruturas energéticas ou de transporte que lhes estão associadas. O património industrial revela uma conexão profunda entre o meio cultural e natural envolvente, enquanto os processos industriais - quer sejam antigos ou modernos - dependem de recursos naturais, de energia e de redes de transporte, para poderem produzir e distribuir os produtos a amplos mercados. Este património compreende ativos fixos e variáveis, para além de dimensões imateriais, tais como os saber-fazer técnicos, a

organização do trabalho e dos trabalhadores, ou um complexo legado de práticas sociais e culturais resultantes da influência da indústria na vida das comunidades, as quais provocaram decisivas mudanças organizacionais em sociedades inteiras e no mundo em geral.”in Princípio de Dublin (2011)

É neste contexto que podemos identificar e comparar tanto a Tinturaria Portugália como toda a área do Vale de Chelas. A Tinturaria Portugália é um marco histórico da era da industrialização do Vale de Chelas, tornando-se fundamental uma investigação do mesmo para que possa ser protegido, classificado e preservado da forma mais correta.

“(…) [Património Industrial] a sua protecção legal deve ter em consideração a sua natureza específica. Ela deve ser capaz de proteger as fábricas e as suas máquinas, os seus elementos subterrâneos e as suas estruturas no solo, os complexos e os conjuntos de edifícios, assim como as paisagens industriais.” in *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial*, 2013.

3.2 | Um futuro para o Património Industrial: Novos usos

“O património Industrial deve ser considerado “monumento”, na medida em que representa uma época da história da civilização e faz parte da memória colectiva da população e da imagem da cidade.” (Martins, 2009, p.12)

Apesar do Património Industrial em Portugal ser reconhecido como “um território promissor” (Alvés, 1999:25), devido às suas características económicas, arquitetónicas e culturais, ainda podemos reconhecer vários problemas no que toca à sua conservação.

“O problema da conservação do património industrial ainda não recebeu solução global em parte nenhuma. Nenhum país ainda adoptou política geral de protecção deste património de tal modo que muitos edifícios são salvaguardados unicamente graças a iniciativas pontuais, provenientes seja de proprietários ou associações privados, seja de instituições autárquicas ou estatais.” (idem, ibidem)

Contudo é de extrema importância, manter o património possível de Reabilitar – o caso da Tinturaria Portuguesa- pois continua a ser referência do nosso passado e das vivências daquele espaço e época.

“Importa tomar-se consciência da necessidade de resolver os problemas de conservação destes edifícios, seja restaurando-os, ou reconvertendo-os, para novas funções.” (Martins, 2009:11)

É neste contexto que se levantam questões de como salvaguardar este tipo de edifícios de modo a adaptarem-se às necessidades da sociedade atual e são vários os autores que nos falam sobre esta temática.

Sir Neil Cossons (2012) fala sobre o património associando a sua conservação a uma revitalização social sustentável, como é definido na carta de Cracóvia (2000). É importante que este tipo de conservação do património seja compreendido e ponderado e que leve há priorização das cidades históricas, do território, das povoações, meio social e da paisagem.¹⁰ O autor alerta para a necessidade de reinterpretação destas zonas de forma a garantir a integração social da população residente.

¹⁰ Neil Cossons, Industrial Heritage Re-Tooled: The TICCIH Guide to Industrial Heritage Conservation, 2012, p.6.

Por sua vez, Inês Moreira (2014), aborda a preservação e revitalização das áreas pós-industriais devolutas seguindo dois princípios:

- Perceber a relação entre o passado e o presente;
- Reabilitar as estruturas de forma a construir o futuro;

Com estes princípios, pretende que a reabilitação deste património possa fazer parte da história do local. O objetivo será adicionar “camadas” de história aos edifícios, isto é, uma nova (camada de) construção adicionada às (camadas) pré-existentes.

“Se as intervenções da arquitectura apontam para a renovação (futuro), as humanidades apontam para a documentação, fixação e interpretação (passado), descobrimos nos projectos referidos partilham com as interpretações artísticas visuais, o cinema e a fotografia uma preocupação com o presente.” (Moreira, 2014: 118-119)

Também Françoise Choay, no seu livro *“Alegoria do património”*, fala do potencial de modernização do património, possibilitando a sua regeneração e preservação.

“Modernizar não é então dar um aspeto novo, mas colocar no corpo das velhas construções um implante regenerador. Nesta simbiose imposta está implícito o fato de o interesse suscitado pela obra do presente se repercutir sobre a obra antiga, estimulando assim uma dialética.” (Choay, 2017: 232)

Esta modernização do património, deverá recuperá-lo de forma a garantir que a herança do lugar bem como do edifício sejam respeitadas, integrando-o na vida contemporânea. Esta integração a um mundo em constante transformação traduz-se na reinterpretação do passado do património para que seja possível a reconversão funções destinada a um novo uso.

“Consistindo em reintroduzir um monumento desafectado no circuito das utilizações vivas, (...) a reutilização é, sem dúvida a forma (...) de valorização patrimonial. (...) os edifícios individuais, (...) são facilmente adaptáveis às normas de utilização atuais e prestam-se a utilizações, públicas e privadas, múltiplas. Na Europa, tal como nos Estados Unidos, são inúmeras as fábricas, ateliers e entrepostos transformados em imóveis de habitação, em escolas, em teatros ou mesmo em museus.” (idem: 233-234)

Em suma, a intervenção no património industrial (seja ela a nível urbano ou de edifícios individuais) deverá assim permitir a reconversão de usos (presente), não esquecendo a herança do seu passado e garantindo a longo prazo a sua sustentabilidade (futuro). Para tal é fundamental intervir de forma a criar novos postos de trabalho, melhorar condições habitacionais das comunidades residentes e criar um polo atractivo para novos investimentos e pessoas.



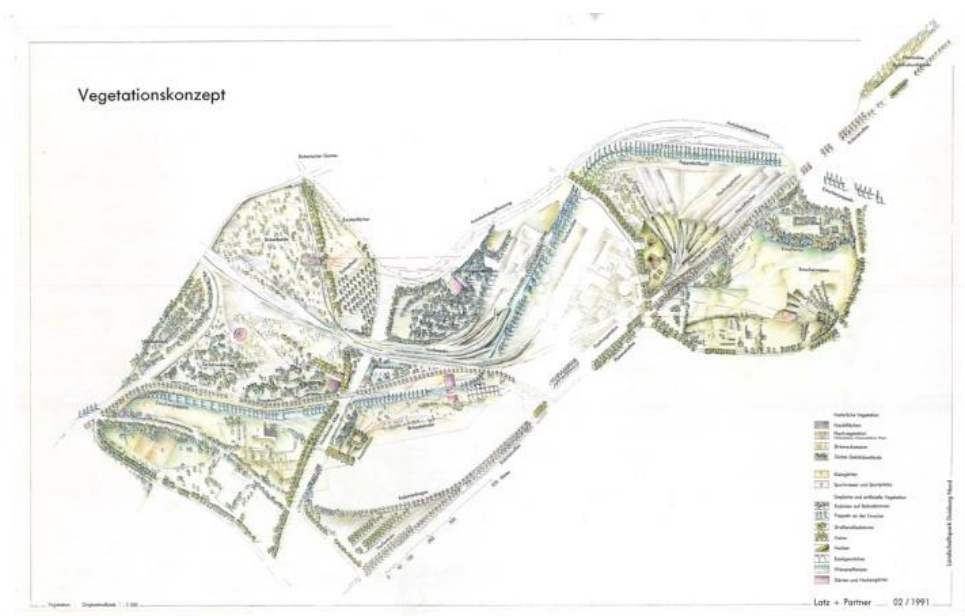
12 |Caso de referência de património industrial com novos usos, Landschafts Park, Duisburg, imagem da autora, (2018)

4 | Casos de Referência

Para colmatar a reflexão sobre como reabilitar e reutilizar o património industrial, reconvertendo-o para novos usos, foram escolhidos três projetos de referência. Foi selecionado dois caso internacionais, o Landchafts Park em Duisburg na Alemanha e a antiga Estação Ferroviária de Burgos em Espanha; e um caso nacional, a Casa das Caldeiras em Coimbra.

Estes projetos têm em consideração a memória do lugar e do património, bem como a ideologia da sociedade contemporânea, que formam um conjunto a considerar na reabilitação tanto urbana como do edificado, onde o passado e o presente se encontram para criar uma melhor cidade no futuro.

Tornam-se casos de referência para a construção da nova vida da Tinturaria e da área onde se insere, devido à capacidade de preservarem e valorizarem o património industrial, na forma como reabilitaram os edifícios bem como a utilização dos seus materiais, e nas referências programática que se podem considerar aquando a elaboração do projeto.



13 | Planta de implantação

14| Vista panorâmica do parque a partir de um edifício metalúrgico (2018)

15| Espaço exterior e central ao parque onde podemos encontrar reminiscências das linhas férreas que transportavam matérias-primas para o complexo (2018)

4.1 | Landschafts Park – Duisburg, Alemanha

O território pertencente ao Vale de Chelas é caracterizado pelas suas reminiscências rurais, que a fixação industrial não conseguiu apagar por completo, onde a distanciação entre o Vale e a cidade deve-se, não só mas também, pela escassez de traços urbanos e consequente abandono e degradação da área. Deste modo, é fulcral aprimorar o potencial paisagístico e ecológico do Vale, numa escala urbana, que resulte numa harmonia entre Território e Edificado.

“Landscape Park” em Duisburg, Alemanha, é um caso de referência para a proposta da Tinturaria. Duisburg foi uma cidade repleta de indústrias metalúrgicas durante o séc. XX. No início do Séc. XXI, várias das indústrias foram encerradas, restando complexos fabris fantasmas. Foi o caso da Fábrica Meiderich, pertencente a uma rede de fábricas dentro da metalurgia.

“A ideia de um novo tipo de paisagem natural e artificial com um selo industrial nasceu em 1989. Com base nos desenhos do professor Peter Latz e parceiro, o Landscape Park foi criado no norte do local de Duisburg, com cerca de 200 hectares, o que é nem parque nem paisagem no sentido tradicional.”¹¹

Abriu-se um concurso de planeamento cooperativo entre cinco equipas internacionais, em 1991. Peter Latz destacou-se pelo seu projeto visto que o mesmo, reconhecia o valor das condições do edificado industrial existente.

Para além da valorização do património existente, o arquiteto teve em atenção os solos tóxicos com que estava a trabalhar. Assim, não alterou o solo, mas permitiu que o solo fosse tratado de uma forma natural, isto é permitiu que fosse recuperado através *Phytoremediation*. Um exemplo desta intervenção são os bunkers (ver imagem 17).

¹¹ Tradução do site <http://en.landschaftspark.de/architecture-nature>, onde a sua tradução original é « The idea for a new type of natural and man-made landscape with an industrial stamp was born in 1989. Based on designs by Professor Peter Latz and Partner, a Landscape Park has been created on the north Duisburg site measuring roughly 200 hectares, which is neither park nor landscape in the traditional sense. »



16| Antiga estrutura de encaminhamento de água para a indústria (2018)

17| Bunkers com vegetação de desintoxicação de solo (2018)

18| Tanques antigos reutilizados para treinos de escalada (2018)

19| Relação entre espaços de lazer e os depósitos de água existentes (2018)

Grande parte da intervenção é feita de forma a devolver a indústria ao parque urbano proposto.

Foi desta forma que encontrou novos usos para os edifícios devolutos, tais como espaços de exposição, espaços de museu, lojas, restauração, bares e ainda pequenas associações desportivas.

Quanto a algumas estruturas da indústria metalúrgica, tais como, estruturas de armazenamento ou de monta-cargas, foram recuperadas e servem tanto como espaços museológicos de contemplação (onde são explicadas como funcionavam), bem como espaços de miradouro para toda a extensão do parque.

A ligação com a cidade de Duisburg é feita por uma ciclovía e todo o interior do parque é pedonal. Pode-se encontrar ainda bastantes áreas de lazer e piqueniques ao longo dos percursos de contemplação das estruturas industriais.

O parque apela, principalmente, para as atividades ao ar livre, promovendo eventos para os jovens como festivais e atividades desportivas como mergulho e escalada.

Em suma, o parque revitalizou a pequena cidade de Duisburg, bastante marcada pelas reminiscências industriais, que se fazem sentir um pouco por toda a cidade. Através de uma intervenção menos invasiva e mais natural, foi possível recolocar a cidade no mapa de sítios a visitar.



20| Planta de localização (sem escala)

21| Casa das Caldeiras antes da intervenção, s.d.

22| Casa das caldeiras, após intervenção (2012)

4.2 | Casa das Caldeiras – Coimbra, Portugal

O complexo Industrial da Tinturaria Portugália tem um forte valor Identitário no território em que está inserida. Representa parte da história do desenvolvimento de Lisboa, bem como, da história industrial da cidade. É um complexo carismático pela sua robustez e pelos seus arcos constituindo um edifício de interesse público. As suas paredes estão impregnadas de Memórias e vivências de quem lá trabalhou ou apenas passou. Deste modo, torna-se crucial uma intervenção que não destrua a Tinturaria, mas que permita vincular o novo e as preexistências num só.

São vários os casos que refletem a mesma ideia de intervenção, no país e na Europa. Em Coimbra, Portugal, temos o caso da Casa das Caldeiras. É uma intervenção recente, que pretendeu integrar a memória do lugar reconvertendo o seu uso.

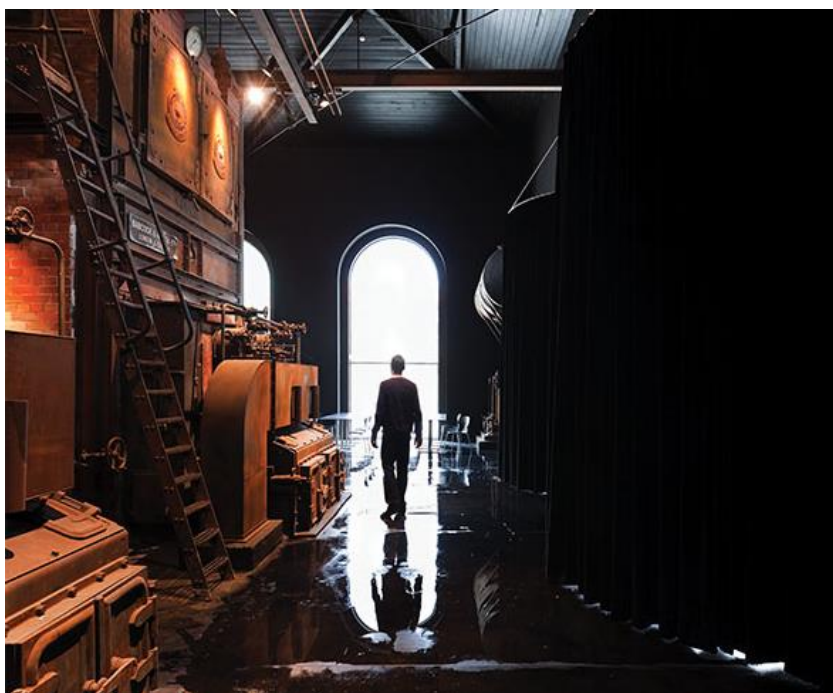
A sua Construção data o ano de 1941, e enquadra-se no contexto da modernização e crescimento das infra estruturas de produção de energia que abasteciam os hospitais da Universidade de Coimbra, tendo também integrado o centro termal dos mesmos.

O seu tempo de atividade industrial na cidade durou pouco visto que no final dos anos 80, o edifício foi desativado. No ímpeto de devolver à vida da cidade, a casa das caldeiras albergou o 9º encontro de fotografia de Coimbra¹² e foi a partir do sucesso desta experiência que culminou a ideia de projetar o Centro de Estudos de Fotografia.

“A Casa das Caldeiras, um dos raros repositórios do património industrial de Coimbra, apresenta um léxico arquitetónico moderno, sóbrio e funcional, reflexo das primitivas funções desempenhadas.”¹³

¹² O 9º Encontro de fotografia de Coimbra foi organizado pelo Centro de Estudos de Fotografia da Associação Académica de Coimbra e nesse ano (década de 1990) acolheu uma exposição dedicada a Robert Frank, um fotógrafo e documentarista Suíço-Americano nascido em 1924. Segundo o site: <http://www.uc.pt/ruas/inventory/mainbuildings/caldeiras>, acedido em Fevereiro de 2018

¹³ <http://www.uc.pt/ruas/inventory/mainbuildings/caldeiras>; acedido em Fevereiro de 2018



23| Vãos da Casa das Caldeiras

24 e 25| Sala Interior com maquinaria

O trabalho desenvolvido ao longo de dez anos, envolve a remodelação do edifício principal, bem como a extensão do mesmo, construindo e adaptando um novo edifício. Na sua conclusão, o edifício foi entregue á faculdade de artes, pertencendo de igual modo à Universidade de Coimbra¹⁴.

O projeto reinterpreta a história e valor memorial, reforçando a sua integração tanto nas necessidades da comunidade, como na estrutura da cidade de Coimbra.

*“Apesar do fato do uso e o programa do edifício serem alterados, as características centrais do projeto foram mantidas na íntegra. O projecto levou à requalificação do edifício existente, por um lado, reforçando-o dentro do seu contexto histórico de arqueologia industrial e, por outro, clarificando a sua integração na estrutura da cidade.”*¹⁵

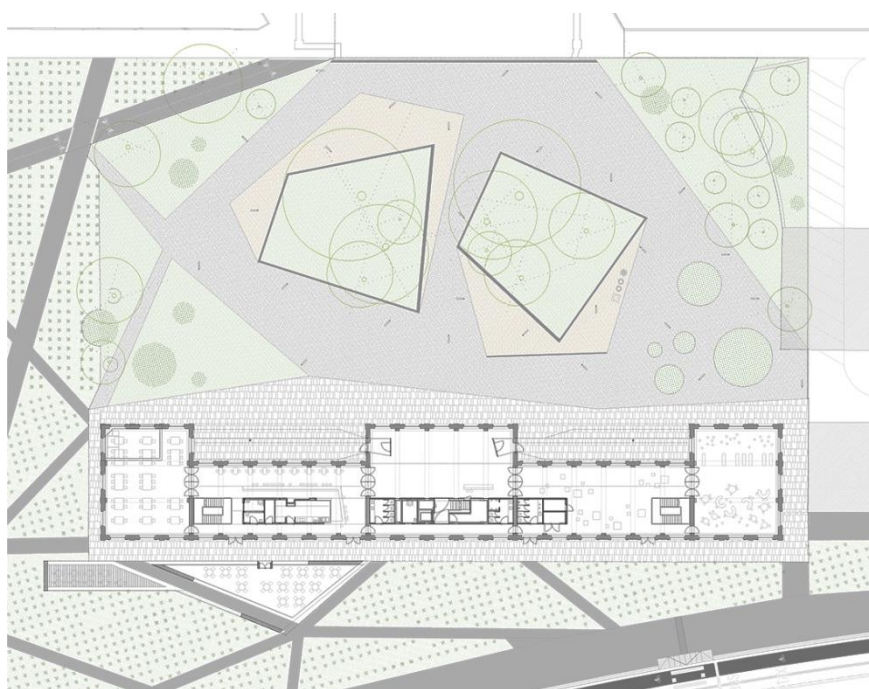
Os arquitetos responsáveis pela intervenção, João Mendes Ribeiro e Cristina Guedes, procuraram manter a estrutura arquitetónica existente, isto é, os acessos, as janelas, a compartimentação interior e até as duas caldeiras existentes no edifício, adquiridas em 1939 à empresa S.E. de C. Babcock & Wilcox, sediada em Inglaterra.¹⁶

Desta forma o projeto afirma o diálogo com as pré-existências, numa busca pelo passado, reinterpretado para o presente que é também um dos objetivos no que toca à Reabilitação das pré-existências do complexo fabril da Tinturaria Portugália.

¹⁴ Consultado no site: <https://www.archdaily.com/62876/casa-das-caldeiras-joao-mendes-ribeiro-e-cristina-guedes>, onde a sua tradução original é «The work was completed about ten years later and the building handed over to the Faculty of Arts to serve as the premises for post-graduate courses in Art Studies.»

¹⁵ Tradução do site: <https://www.archdaily.com/62876/casa-das-caldeiras-joao-mendes-ribeiro-e-cristina-guedes>, onde a tradução original é: «Despite the fact that the use and programme of the building had been altered the core characteristics of the project were maintained in full. The project led to requalification of the existing building, on the one hand enhancing it within its historical context of industrial archaeology and, on the other, clarifying its integration in the town structure.»

¹⁶ C.F. in <http://www.uc.pt/ruas/inventory/mainbuildings/caldeira>.



26| Fotografia da fachada principal da estação (1920)

27 | Planta Piso térreo, onde se pode ver a intervenção no interior e exterior do edifício (2013-2016)

28 | Fotografia da Fachada principal da estação atual (2016)

4.3 | Estação Ferroviária de Burgos – Burgos, Espanha

Tal como já foi referido no presente documento, considera-se como Património Industrial, não só edifícios individuais de carácter fabril, mas também as infraestruturas relacionadas com o mesmo. É nesta linha de pensamento que o terceiro caso de referencia é inserido.

A antiga Estação ferroviária de Burgos foi, em tempos, um edifício de apoio á movimentação de matérias-primas e população da cidade de Burgos em Espanha, construída e impulsionada pela industrialização da cidade no início do séc. XX.

O impato desta infraestrutura teve grande importancia na cidade, contudo, a evolução dos caminhos de ferro e das novas tecnologias, a estação acabou por ser desutilizada e esquecida.

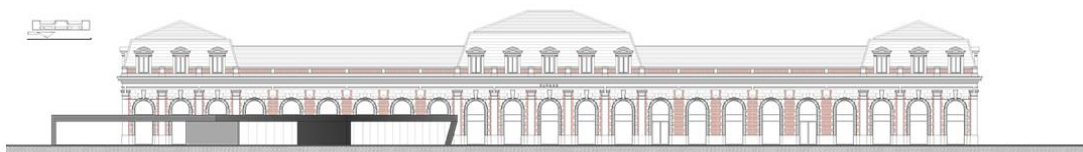
“A construção da rede ferroviária e da estação de Viajantes pela Compañia Ferrocarriles del Norte, no início do século XX, foi um evento importante para a cidade de Burgos, devido à importância tanto dos equipamentos como na transcendência do planeamento da cidade., importância, que por outro lado, foi perdida ao longo dos anos até chegar a uma situação de abandono total.”¹⁷

É neste contexto que, em 2013, os arquitetos Maria Dolores Contell e Juan Miguel Martínez, propoem uma reabilitação, recuperação e reconversão de uso deste edifício, tendo em conta não só o estado de degradação, como a memória do lugar e edifício.

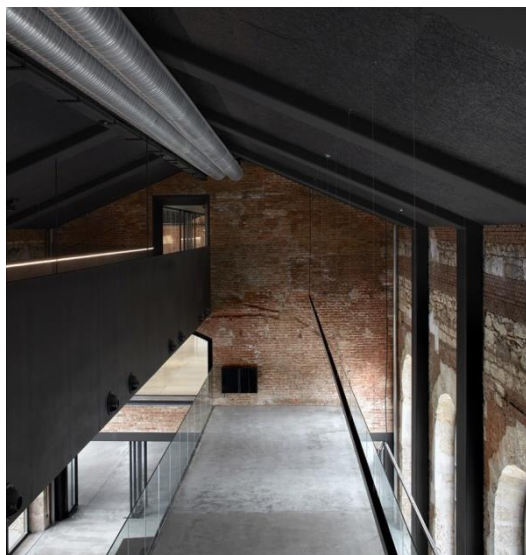
“A intervenção proposta no Edifício da Estação procura recuperar a essência do mesmo, adaptando a construção ao novo uso pretendido, reinterpretando em profundidade a concepção espacial do todo, bem como a relação física e visual entre as partes que o caracterizam como peça arquitetónica.”¹⁸

¹⁷ Tradução feita pela autora do original: “La construcción de las red ferroviaria y la estación de Viajeros por parte de la Compañia de Ferrocarriles del Norte, a principios del siglo XX, fue un hecho relevante para la ciudad de Burgos por la importancia del equipamiento y la trascendencia en la ordenación de la ciudad, importancia, que por otro lado, se fue perdiendo con el paso de los años hasta alcanzar una situación de total abandono.” in <http://contell-martinez.com/rehabilitacion-de-la-antigua-estacion-de-ferrocarril-de-burgos>.

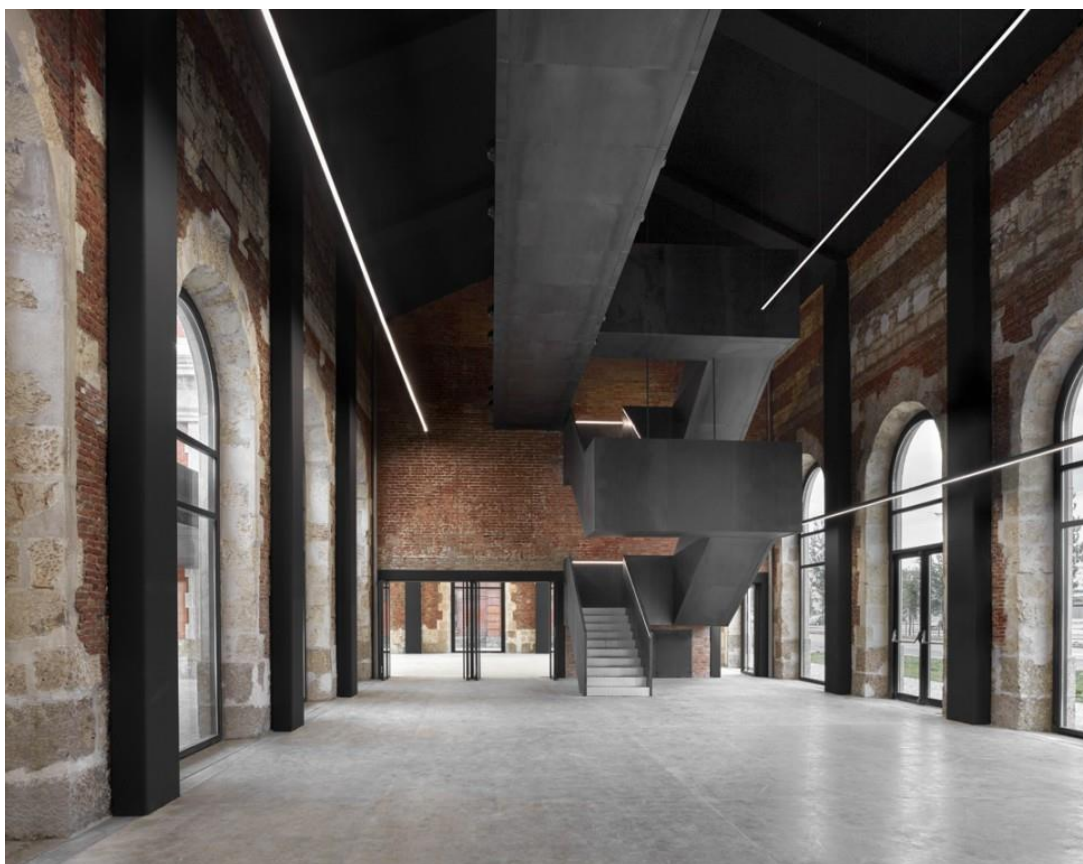
¹⁸ Tradução feita pela autora do original: “La intervención planteada en el Edificio de Viajeros busca recuperar la esencia del mismo, adaptando la construcción al nuevo uso previsto reinterpretando en profundidad la concepción espacial del conjunto, así como la relación física y visual entre las partes que lo caracterizan como pieza arquitectónica.” in <http://contell-martinez.com/rehabilitacion-de-la-antigua-estacion-de-ferrocarril-de-burgos>.



29 | Alçado oeste, com a intervenção atual contemporânea.



30 | Fotografias dos espaços interiores, onde é visível as mezanines e recepção (2016)



31 | Fotografia uma área de circulação do núcleo central

Assim, a antiga estação de caminhos de ferro de bruggos é reconvertida de forma a ser capaz de albergar usos recreativos destinadas ao público-alvo de uma faixa etária juvenil (crianças e jovens). A preocupação com a recharacterização do lugar também é evidente neste projeto.

“A fim de contextualizar e integrar o edifício na avenida, é construída uma pérgula que se adapta aos vestígios da mesma enquanto faz a transição entre a escala do edifício e o espaço livre paisagístico - e que recupera a memória da grande tenda desaparecida de ferro e vidro que protegiam as pistas e plataformas. Esta pérgula, além de sustentar o espaço da cafeteria, dilui o limite do edifício que se estende até a área arborizada do oeste.”¹⁹

O edifício conta com três pisos, espaços para crianças (piso 0, ala este), espaços de restauração (piso0, ala oeste), espaços de administração (piso I) e uma área da juventude (piso2). A circulações encontram-se num núcleo central assim como as instalações sanitárias.

Este projeto de reabilitação, torna-se importante para a analogia à reconversão da fábrica da tinturaria, devido à sua ideologia de flexibilidade de espaços e utilização de materiais, sendo que os materiais utilizados visam diferenciar a construção nova da construção antiga, através de uma diferente forma construtiva, materialização e cromatismos. Também é importante referir os espaços em mezanine que pretendem criar um espaço fluido e visualmente contínuo, em que a memória das antigas mezanines e pergulas das estação é recriada de forma a manter um ambiente próximo ao original.

“Todos os revestimientos interiores existentes são removidos, expondo as fábricas, tanto de pedra como de tijolo. Esta operação, necessária para a reabilitação das paredes, permite diferenciar claramente as partes existentes do edifício das novas. As diversas operações realizadas no edifício (estrutura, instalações, fornecimento de novos elementos) têm, entre outras, a função de permitir espaços flexíveis capazes de evoluir ao longo do tempo”²⁰

¹⁹ Tradução feita pela autora do original: “Para contextualizar e integrar el edificio en el bulevar se construye una pérgola que se adapta a las trazas de éste al tiempo que hace de transición entre la escala de la edificación y el espacio libre ajardinado -y que recupera el recuerdo de la gran marquesina desaparecida de hierro y vidrio que protegía las vías y los andenes-. Esta pérgola, además de servir de apoyo al espacio de cafetería, diluye el límite del edificio prolongándose hacia la zona arbolada del oeste.” in <http://contell-martinez.com/rehabilitacion-de-la-antigua-estacion-de-ferrocarril-de-burgos>.

²⁰ Tradução feita pela autora do original: “Las distintas operaciones que se realizan en el edificio (estructura, instalaciones, disposición de nuevos elementos) tienen, entre otras, la función de posibilitar espacios y compartimentaciones flexibles, capaces de evolucionar en el tiempo de forma sencilla.” in <http://contell-martinez.com/rehabilitacion-de-la-antigua-estacion-de-ferrocarril-de-burgos>.



32| Fotografia aérea do lado oriental do Porto de Lisboa (1950)



Do passado ao futuro: Lisboa, o Vale e a Tinturaria

“(…) Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!

(…)

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

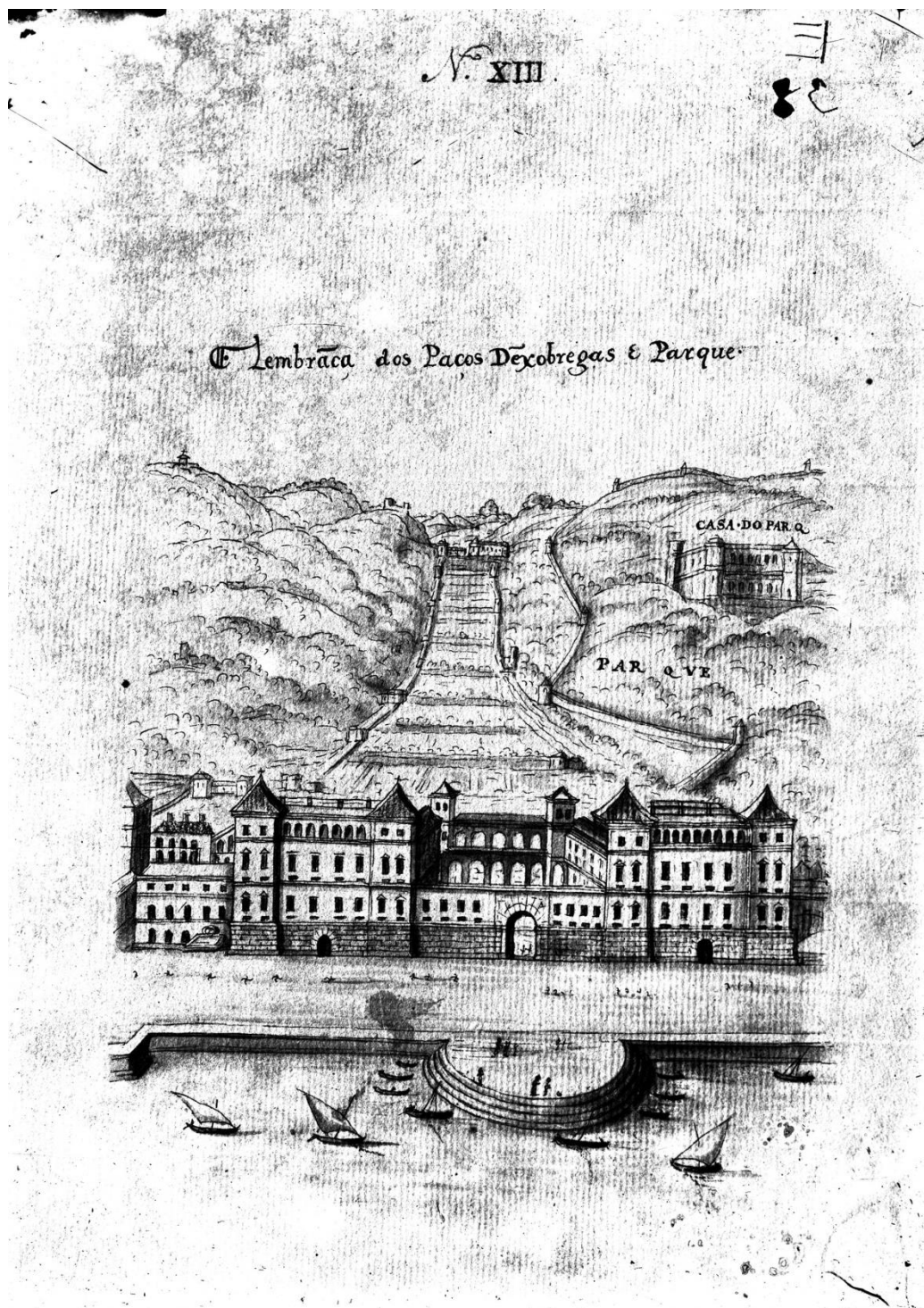
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!”

(Campos, 1915)

I | O (passado do) Vale de Chelas e a indústria: Análise histórica

Neste capítulo faz-se uma análise histórica, urbana e social do Vale de Chelas. Pretende-se perceber a evolução, as alterações territoriais e os valores identitários e caracterizadores desta área.

Através desta análise será possível intervir de forma responsável, através da memória do lugar, bem como enaltecer os seus elementos caracterizadores.



33| Desenho do Paço de Xabregas e parque (1571)

I.1 | Entre Lisboa e o Oriente

Lisboa desenvolveu-se a partir da Cerca Fernandina situada na colina do Castelo. O seu crescimento integrou a zona ribeirinha de Alfama, a encosta sul do Castelo, que se apropriou e transformou áreas campestres que circundavam o núcleo central.²¹

Com o terramoto, maremoto e incêndio que abalou a cidade em Novembro de 1755, houve uma necessidade de reconstrução da cidade, levada a cabo por Marquês de Pombal.

“O principal problema era a localização da nova cidade: sobre os escombros da velha ou em terreno livre.” (Kong, 2013:17)

Assim, surgem os primeiros indícios de expansão da cidade para ocidente e oriente. Foram propostos vários planos para a reconstrução da cidade no local devastado, um dos quais foi o conhecido plano da Baixa de Lisboa, com uma malha ortogonal e eixos de circulação de grande amplitude que faziam a ligação da Praça do Comércio (praça do rei) e a Praça do Rossio, que já visava a possibilidade de expansão da cidade.

“O plano da Baixa da cidade estava pensado de forma a possibilitar a sua expansão, oferecendo saídas para o espaço que a envolvia.” (Idem, p.18)

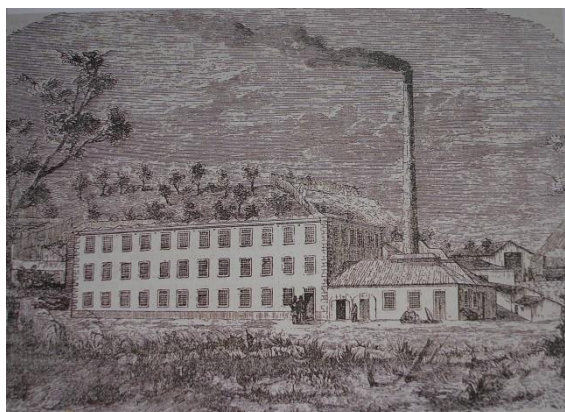
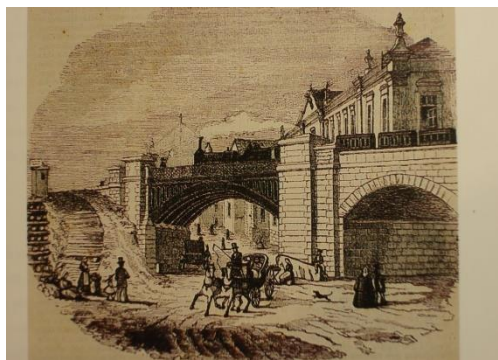
A fixação por parte da indústria começou desde o período de Marquês de Pombal, contudo, o auge do processo de industrialização de Lisboa teve o seu início na segunda metade do séc. XIX, onde as indústrias se iam fazendo notar em toda a extensão da frente ribeirinha de Lisboa (primeiro para ocidente e mais tarde para o oriente).

Assim, as fábricas têxteis e de cereais, foram conquistando terreno às margens do Tejo e por sua vez, a fixação dos bairros operário, foram transformando a paisagem rural (campos agrícolas) da época.

“(...) onde o Tejo corria e as fragatas acostavam, passa hoje a Av. Infante D. Henrique, e as águas passam lá tão longe que parece história do outro mundo (...).” (Furtado, 1997: 126)

Foi em 1785 que se estabeleceram as primeiras duas Estamparias de Chitas no vale de Chelas, mas só após 1834 é que, a maioria das fábricas, se começaram a fixar, geralmente em edifícios de cariz religioso ou palácios.

²¹ Cf. KONG, Mário (2013) - Central Tejo - Uma abordagem da arquitetura Industrial. Insidacity, Lda.



34| Gravura do Viaduto de Xabregas (1857)

35| Descarilamento de comboio na zona de Xabregas (1914)

36| Vista panorâmica da zona ribeirinha de Xabregas onde predominam as chaminés da indústria (1949)

37| Fachada da Fábrica de Fiação de Tecidos Oriental, finais do séc. XIX.

38| Identificação do complexo da Tinturaria Portugália na Rua Gualdim Pais, s.d.

39| Gravura da Fábrica da Samaritana, 1877

A chegada dos caminhos-de-ferro, inaugurada em 1856 levou a uma profunda transformação desta zona da cidade. As matérias podiam ser assim, transportadas mais rapidamente, quer por via terrestre (Linha ferroviária), quer por via marítima (Rio Tejo).

É neste contexto que a zona oriental foi considerada o centro industrial de Lisboa, a partir do final do século XIX.

“O crescimento pode ser acompanhado através do Boletim do Trabalho Industrial, desde os princípios do século XX até à expansão do porto de Lisboa, para oriente de Xabregas. Todos os autores são unânimes: na Lisboa Oriental encontravam-se os indicadores mais específicos da industrialização da capital.” (Folgado, 1999: 19)

O rápido crescimento desta área tanto a nível ferroviário como a nível industrial impulsionou a reordenação do Porto de Lisboa e desta forma a linha de costa foi alterada para o que ainda se pode ver nos dias de hoje.

Ao destacar-se a perpendicular da frente ribeirinha, vamos de encontro à zona que mais se próxima da intervenção proposta neste documento. O Vale de Chelas, no princípio do séc. XX pertencia à freguesia do Beato e segundo Alberto Pimentel (1908), foi nesta freguesia que se distribuíram vários complexos fabris de produtos alimentares, licor, cortiça, fósforo e têxteis.

No eixo do Vale, podia-se destacar várias fábricas entre elas a Fábrica de Fiação e Tecidos de Lã de Ignácio de Magalhães & Cia (1893-1973), a Fábrica de Fiação e Tecidos Oriental (1888-1985), a Companhia de fabrico d'Algodões de Xabregas (Conhecida por Fábrica da Samaritana, 1857-1973), a Fábrica de Fiação de Tecidos Lisbonense (1838-1917) e a **Fábrica Tinturaria Portugália**, o caso em estudo, que se pensa ter sido fundada em 1785²². Na zona norte do Vale existiu também a Fábrica da Pólvora sem fumo de Chelas (1898- 1983), adjacente ao convento de S. Félix e que atualmente alberga o Arquivo Geral do Exército.

A fixação destas fábricas ao longo do Vale levou a um conceito de habitação ainda pouco explorado na época, a habitação social.

“Inicialmente, não existe ainda o conceito de habitação social. O livre arbítrio da oferta e da procura determinam as regras de jogo do mercado neste sector.” (Furtado, 1997: 119)

²² Alberto Pimentel (historiador), fala que a fábrica terá sido fundada em 1785, contudo não foi encontrada documentação que o comprove, sendo que a primeira planta existente onde se pode identificar a Tinturaria Portugália, é de Filipe Folque datada de 1854 – 1858.



40 | Vila Dias (Década de 1910)

41 | Barracões junto ao cais de Xabregas (1960)

42 | Vila Flamiano (1967)

Este tipo de habitação era criada pelos donos das fábricas que pretendiam alojar os operários e as suas famílias vindas do campo para a cidade trabalhar²³. Criaram-se assim as primeiras Vilas operárias do Vale (1867-1877).

Estas vilas de carácter coletivo eram constituídas por casas geminadas de área reduzida, onde o seu espaço era totalmente aproveitado. A localização, anexa à fábrica, era um dos fatores principais para a sua construção, contudo os operários residentes nela eram explorados pois pagavam rendas absurdas por uma habitação sem condições.

Contudo, a vida em comunidade estava bastante presente nestas vilas, mesmo na forma como eram construídas. As entradas das habitações eram geralmente viradas para o interior de uma rua ou largo central da própria vila, onde o acesso para a via pública era apresentada por simples portões. Toda a vila era circundada por muros o que levava a um ambiente familiar/doméstico da população residente no seu interior. Existia assim um afastamento deste tipo de comunidade em relação às vivências do resto da cidade.

“No interior destes microcosmos, praticamente todas as pessoas se conhecem umas às outras e torna-se difícil, a quem entra ou sai, passar despercebido.” (Idem: 121)

Podem-se destacar várias vilas ao longo do Vale, assim como nas suas proximidades. Algumas delas são a Vila Flamiano e a Vila Dias (1888), a Vila Moreno, Lopes, Maria Luísa, a Vila São João e a vila Amélia Gomes.

A Vilas mais próxima da Tinturaria Portugália é a Vila Emília, onde ainda existe população residente, maioritariamente pertencente a uma faixa etária avançada. Contudo ainda se pode notar, a vivência quase doméstica entre as pessoas que nela habitam.

A falta de condições e a degradação deste tipo de edificado tem levado ao seu abandono perdendo, desta forma, parte do seu carácter.

²³ Esta movimentação por parte dos operários, intitulada de êxodo rural, anteriormente explicado neste documento.



43 | Chaminés do complexo da Tinturaria, uma delas acabou por ruir (séc. XX)



44 e 45| Publicidades sobre a farinha produzida na fábrica Amidex (1945)

1.2 | O complexo da Fábrica “Tinturaria Portugália” como elemento do território

O complexo industrial da Tinturaria Portugália localiza-se, de acordo com a nova distribuição de freguesias de Lisboa, entre a freguesia do Beato e a freguesia da Penha de França, na zona Sul do Vale de Chelas, Xabregas.

O processo de desindustrialização, iniciado nos anos 60 do séc. XX, levou ao declínio das indústrias lisboetas. As profundas alterações que se fizeram notar, a nível económico e social, levaram ao crescente abandono das fábricas.²⁴ A Fábrica da Tinturaria Portugália não foi excepção.

O conjunto edificado da Tinturaria Portugália, com o cemitério do Alto de S. João, a antiga e muito característica Estrada de Chelas a oeste e a Rua Gualdim Pais, anteriormente nomeada Rua Gualdim Paes, é um conjunto em que o seu edificado, data maioritariamente do século XX, embora tenha sido iniciado no séc. XVIII²⁵

Nas plantas de Filipe Folque, de 1854-1858, podemos identificar o complexo, o qual sofreu várias alterações desde essa data. Podem ser identificados diversos processos de construção e reconstrução deste conjunto industrial²⁶ que seria, na época, uma fábrica de Tecidos.

As primeiras intervenções foram feitas em 1888. Requeridas pelo proprietário Francisco Garcia, visavam a sua ampliação na parte sul, junto à estrada de Chelas. Os projetos focavam-se na ampliação de um edifício de dois pisos – acompanhando o limite do terreno do lado oeste – e ainda nesse ano, a construção de um edifício, também ele de carácter habitacional, de três pisos mais sótão, adjacente à estrada de Chelas.

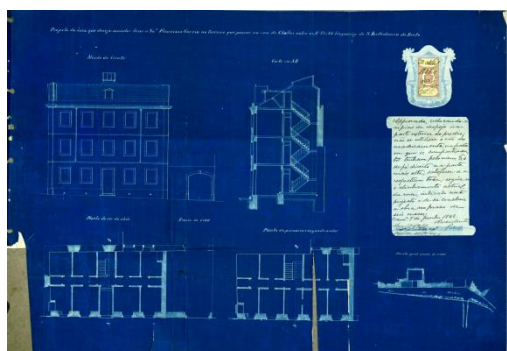
Na segunda intervenção, documentada no ano de 1918, a empresa de José Pereira Matos, propôs a alteração do lado sul do complexo fabril, utilizando-o como uma fábrica de laticíneos.

A intervenção com maior impacto foi a construção de uma cobertura assente numa estrutura em asnas de madeira, que cobria a nave central do edifício principal – edifício de maior extensão.

²⁴ Folgado, Deolinda; Custódio, Jorge (1999) Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte

²⁵ Cf. CONSIGLIERI, Carlos, RIBEIRO, Filomena, VARGAS, José e ABEL, Marília (1993) - Pelas Freguesias de Lisboa - Volume 2. 1.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p.166;

²⁶ Segundo o Arquivo Municipal de Lisboa – AML – foi efetuadas 5 intervenções documentadas.

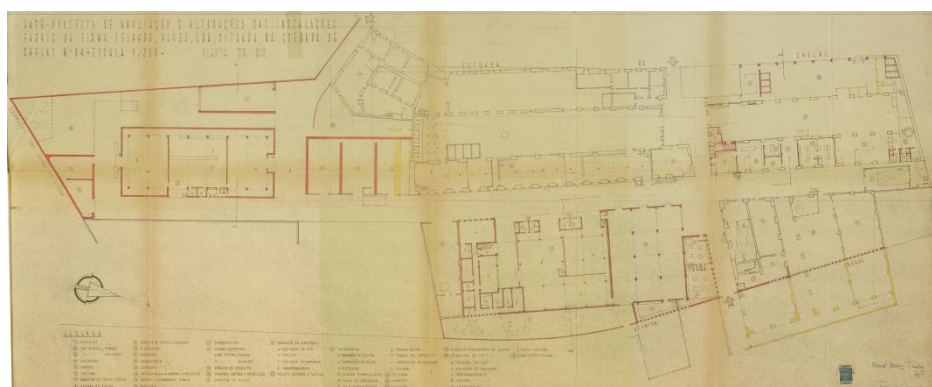
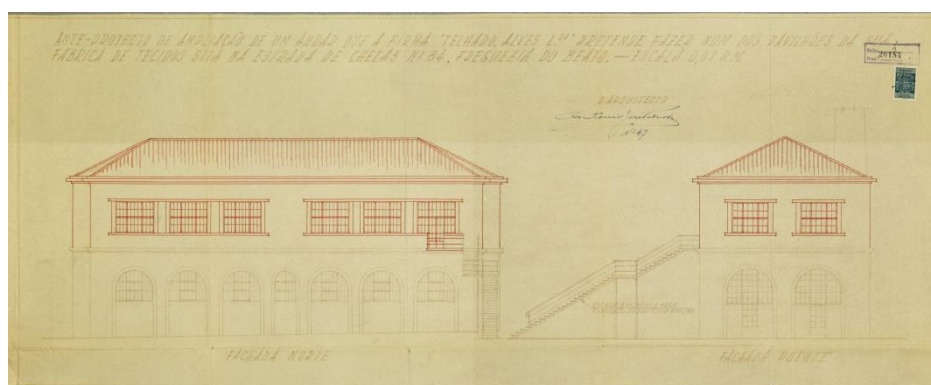
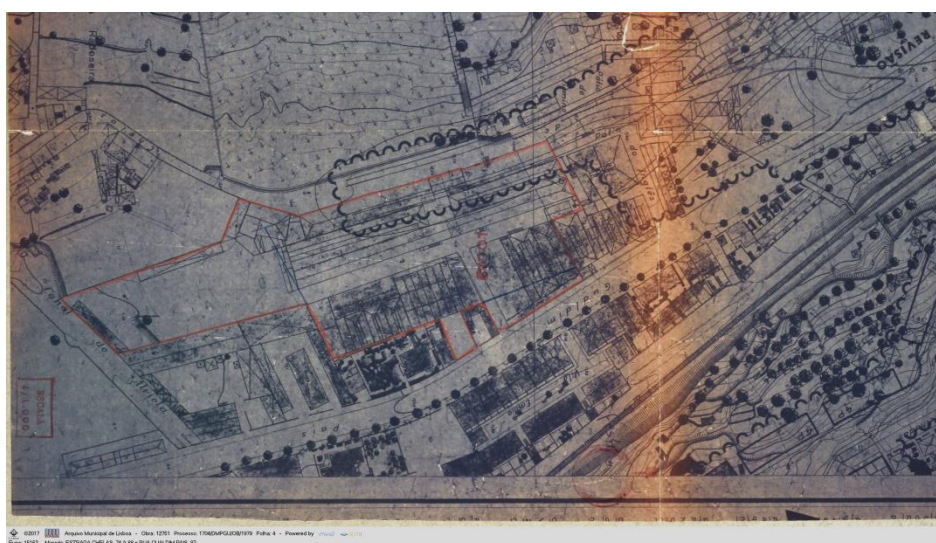


46 | Primeiros registos da Tinturaria, feitas no bloco habitacional (1888)

47 | planta de localização com a delimitação do complexo da Tinturaria (1979)

48 | Proposta de ampliação do edifício das caldeiras adjacente à Tinturaria (1947)

49 | Proposta de ampliação e alteração da Tinturaria pelo Arquitecto Miguel Tainha (1949)



Mais tarde, em 1920, foi requerido pelo mesmo proprietário, um projeto para o edifício central do complexo fabril. Foi neste edifício com uma chaminé e de fachada em arcos, que projetaram a nova instalação para a colocação das caldeiras da fábrica.

Devido à degradação da fachada em arcos de maior dimensão – que hoje em dia ainda é visível no local – a empresa *Barros e Santos*, apresentou o projeto de reconstrução parcial, que data de 1923.²⁷

Entre o último projeto e a data de 1937, não foram apresentados quaisquer requerimentos de alteração do edifício principal do complexo, tendo apenas sido alterado o seu uso, albergando as instalações da Fábrica de produção de farinha “*Amidex*”. No entanto, em 1937, aquando do requerimento para um projecto de alteração – visando alterações pontuais – as plantas de 1920 não correspondiam às plantas do existente apresentadas.

Após esta data, foram apresentados mais dois projetos de alteração/ampliação para este complexo. Um deles, em 1947, propondo a construção de mais um piso no edifício que acolhia as caldeiras. Este projeto acabou por não se concretizar, pois neste mesmo ano foi retomado o uso inicial de fábrica de tecidos. O responsável por esta mudança foi a empresa Telhado, Alves Lda.

O último projecto documentado na AML para este complexo teve autoria do Arquiteto Manuel Mendes Tainha, que apresentou plantas para a ampliação e alteração do complexo. Anteriormente a única entrada existente situava-se na Estrada de Chelas, pelo que, o arquiteto apresentou uma alternativa no lado oeste, com a criação da nova rua Gualdim Pais.

Esta entrada é um elemento caracterizador do complexo pois ainda hoje se pode ver um muro com o nome Tinturaria Portugal, desenhado em azulejos.

Tinturaria Portugal é o novo nome que o complexo adquiriu em 1949, aquando do estudo do Arquiteto Manuel Tainha, onde o uso maioritário de todo o edificado destinava-se à estampagem e tinturaria de tecidos.

Em 1976, após a queda do Estado Novo (25 de Abril), a fábrica encontrou-se desprovida de qualquer tipo de administração e por conseguinte, a 23 de Setembro do mesmo ano, o então Presidente da República Mário Soares oficializou a falência do complexo.

²⁷ Segundo os desenhos consultados no Arquivo Municipal de Lisboa a reconstrução desta fachada teve uma extensão de 73 metros. A Fachada original tem na sua totalidade 134 metros que embora em mau estado ainda marca bem a sua presença no local.

Desde essa data, o edifício principal acabou abandonado de qualquer tipo de atividades. O tempo foi implacável com o edifício mãe do complexo levando a um estado de degradação bastante preocupante. Contudo, alguns edifícios adjacentes à rua Gualdim Pais mantêm-se ativos, não como um todo, mas evidenciando vontades individuais de quem procura um pequeno espaço para trabalhar.

Quando ao edifício de habitação, pensa-se que houve uma reabilitação no ano de 2000 por parte da CML, devido ao seu estado de degradação, contudo não existe documentação que o comprove. O último morador do edifício, José Tavares, com quem se teve oportunidade de conversar nasceu no mesmo e foi obrigado a deixar as instalações em 2017, com 82 anos.²⁸

²⁸ Uma das visitas à Tinturaria, teve-se o privilégio de conversar com o Senhor José Tavares, morador do edifício de habitação, que mostrou e forneceu fotografias da Tinturaria em funcionamento. Sem saber a data em específico de quando foram tiradas, estima ser por volta de 1950, a quando do funcionamento da fábrica Amidex e de Tecidos. Contudo, não permitiu as fotografias originais fossem publicadas.

2| O presente do Vale: Análise Urbana

É no seguimento do subcapítulo anterior que se torna pertinente fazer uma análise complementar à escala da cidade de Lisboa e do Vale de Chelas, onde se possa refletir sobre os conceitos teóricos apresentados bem como apresentar as problemáticas da área. Desta forma introduz-se o património Industrial enquadrado com o Vale de Chelas e com a cidade de Lisboa.

2.1 | De Lisboa ao oriente: à escala da cidade

Na cidade de Lisboa são perceptíveis várias áreas degradadas e deixadas ao esquecimento. Algumas dessas áreas da zona ocidental de Lisboa foram alvo de requalificação, contudo só após a Expo98 é que inverteram o sentido de requalificação da cidade para oriente.

Localizado na zona “oriental” de Lisboa, o vale pertence a uma das bacias hidrográficas mais importantes de Lisboa. Assim a análise do território permite entender a estrutura hidrográfica de Lisboa, os edifícios industriais e patrimoniais, as zonas verdes e os centros urbanos da cidade.

Com o intuito de enquadrar o Vale de Chelas na cidade de Lisboa, bem como introduzir algumas problemáticas desta área, serão apresentadas as seguintes plantas:

- Planta Topográfica de Lisboa;
- Planta Hidrográfica de Lisboa;
- Planta de Estruturas Verdes de Lisboa;
- Plantas Morfológica de Lisboa;
- Planta de Centralidades de Lisboa;

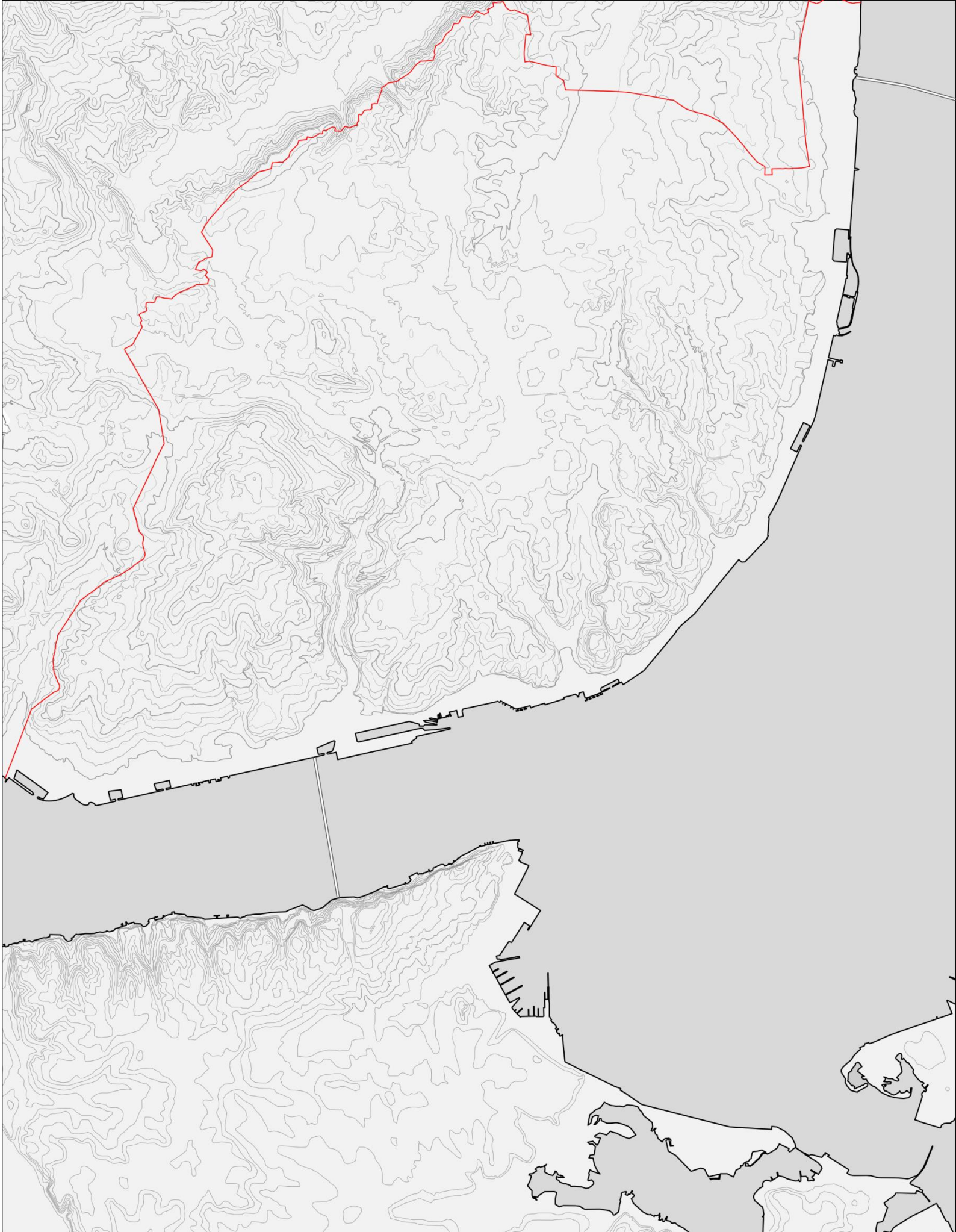
PLANTA TOPOGRÁFICA DE LISBOA

esc. 1:65 000

LEGENDA:

-  LIMITE DA CIDADE DE LISBOA
-  CURVAS DE NÍVEL
-  RIO TEJO





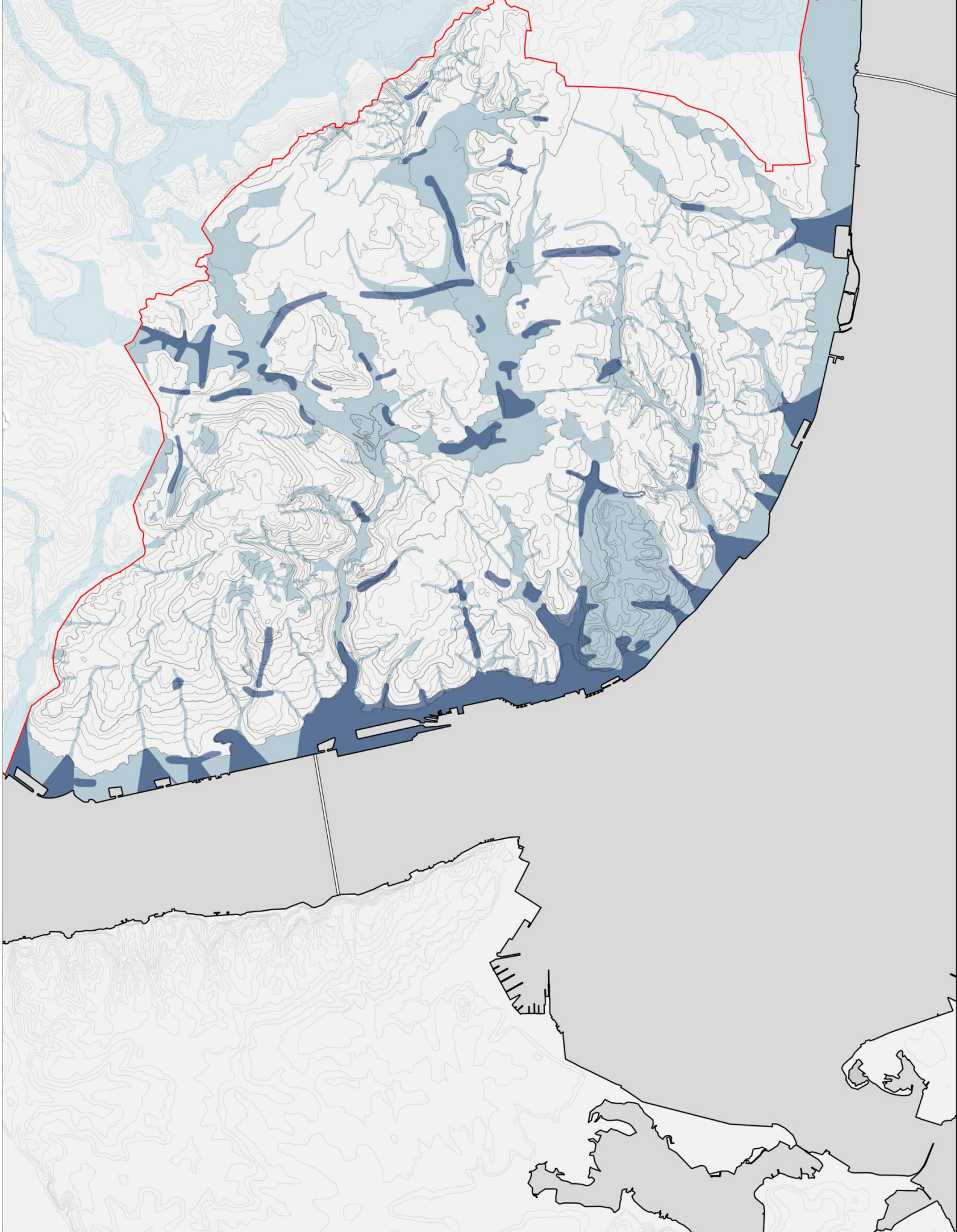
PLANTA HIDROGRÁFICA DE LISBOA

esc. 1:65 000

LEGENDA:

-  LIMITE DA CIDADE DE LISBOA
-  CURVAS DE NÍVEL
-  RIO TEJO
-  BACIAS HIDROGRÁFICAS
-  ÁREAS DE ELEVADO RISCO DE INUNDAÇÕES






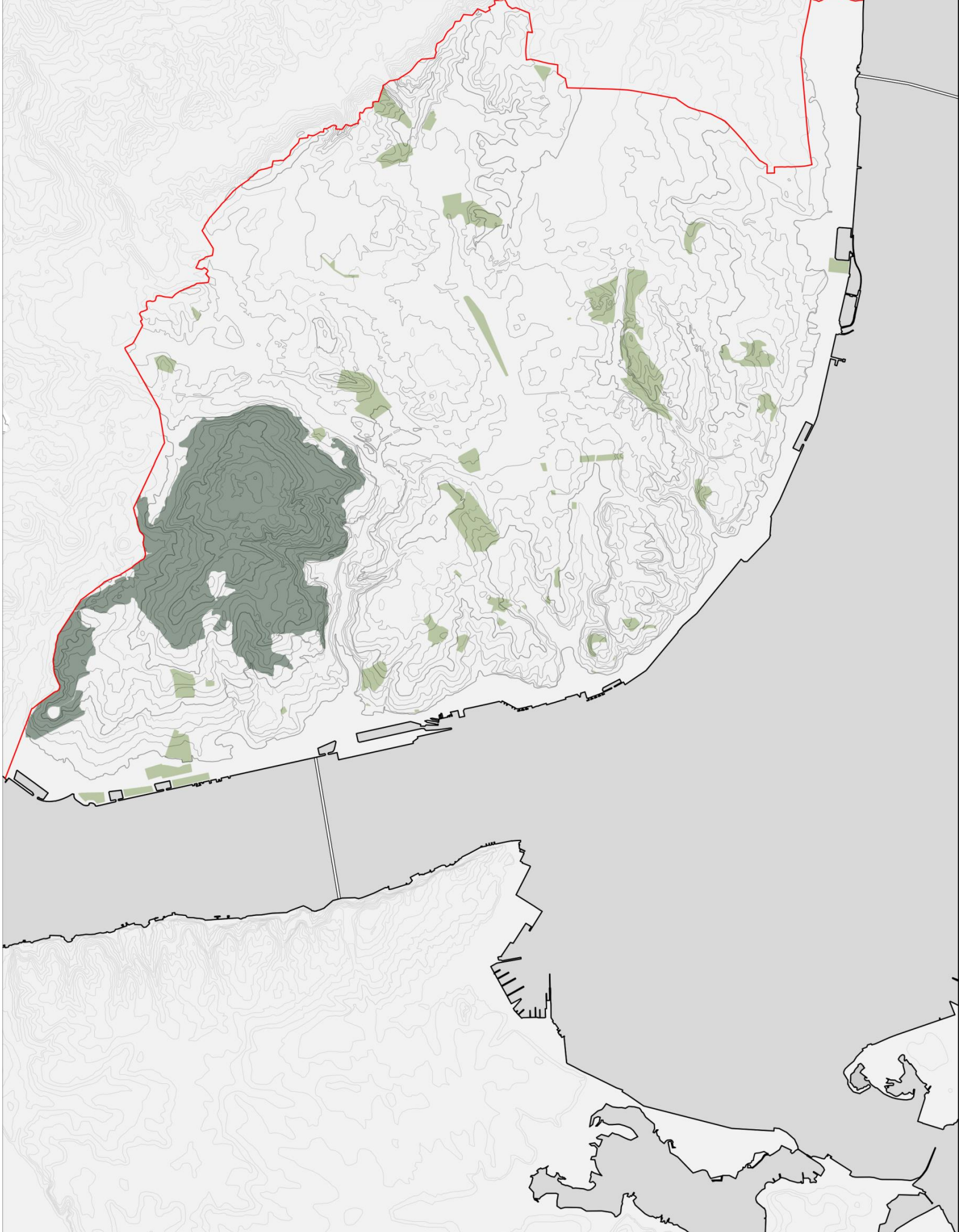
PLANTA DE ESTRUTURAS VERDES DE LISBOA

esc. 1:65 000

LEGENDA:

-  LIMITE DA CIDADE DE LISBOA
-  CURVAS DE NÍVEL
-  RIO TEJO
-  ESTRUTURA VERDE PRIMÁRIA
-  ESTRUTURA VERDE SECUNDÁRIO (JARDINS, PARQUES E ESPAÇOS VERDES)










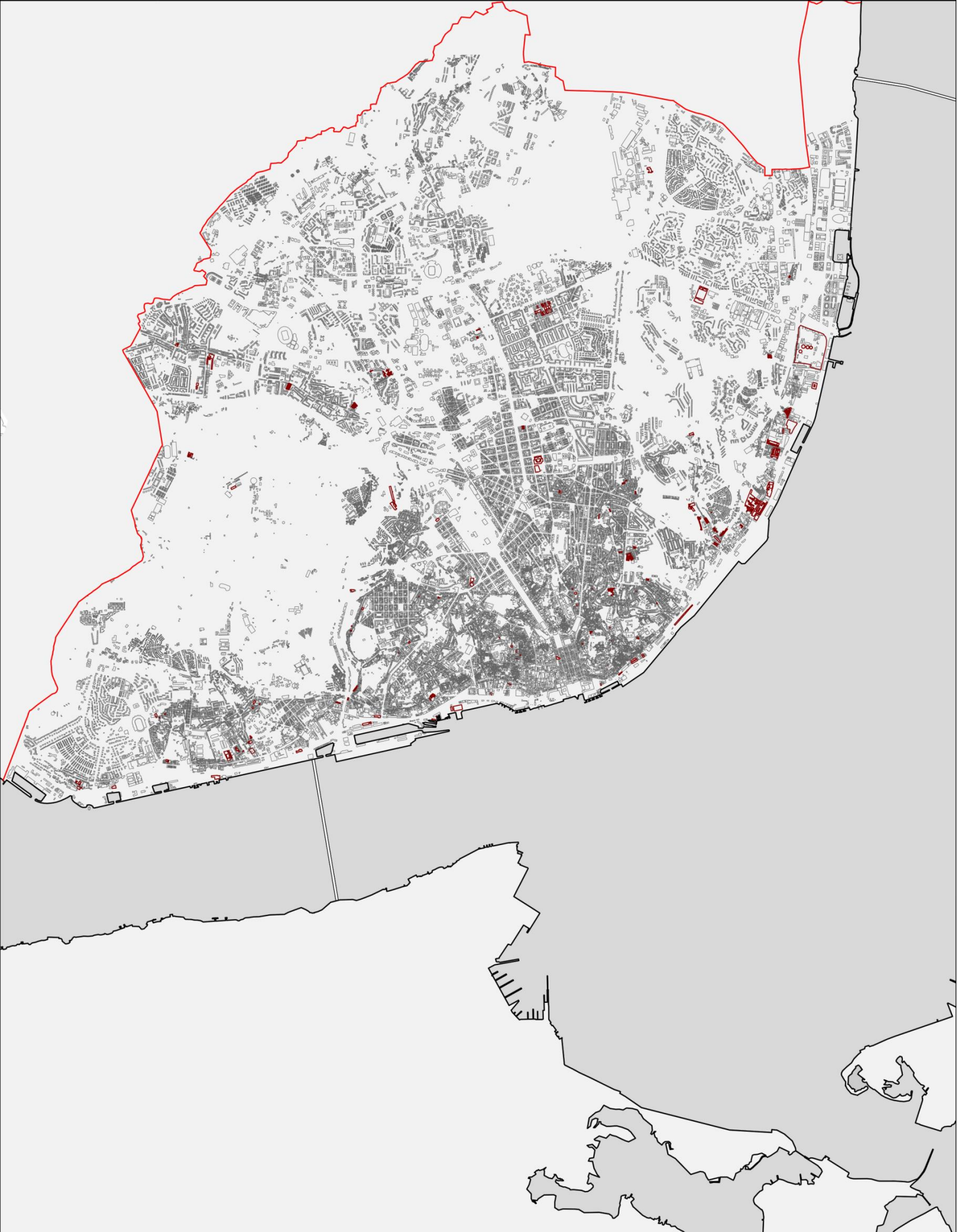
PLANTA MORFOLÓGICA DE LISBOA

esc. 1:65 000

LEGENDA:

-  LIMITE DA CIDADE DE LISBOA
-  CURVAS DE NÍVEL
-  RIO
-  ESTRUTURA MORFOLÓGICA DE LISBOA
-  EDIFÍCIOS DE INTERESSE INDÚSTRIAL





PLANTA DE CENTALIDADES DE LISBOA

esc. 1:65 000

LEGENDA:

-  LIMITE DA CIDADE DE LISBOA
-  CURVAS DE NÍVEL
-  RIO

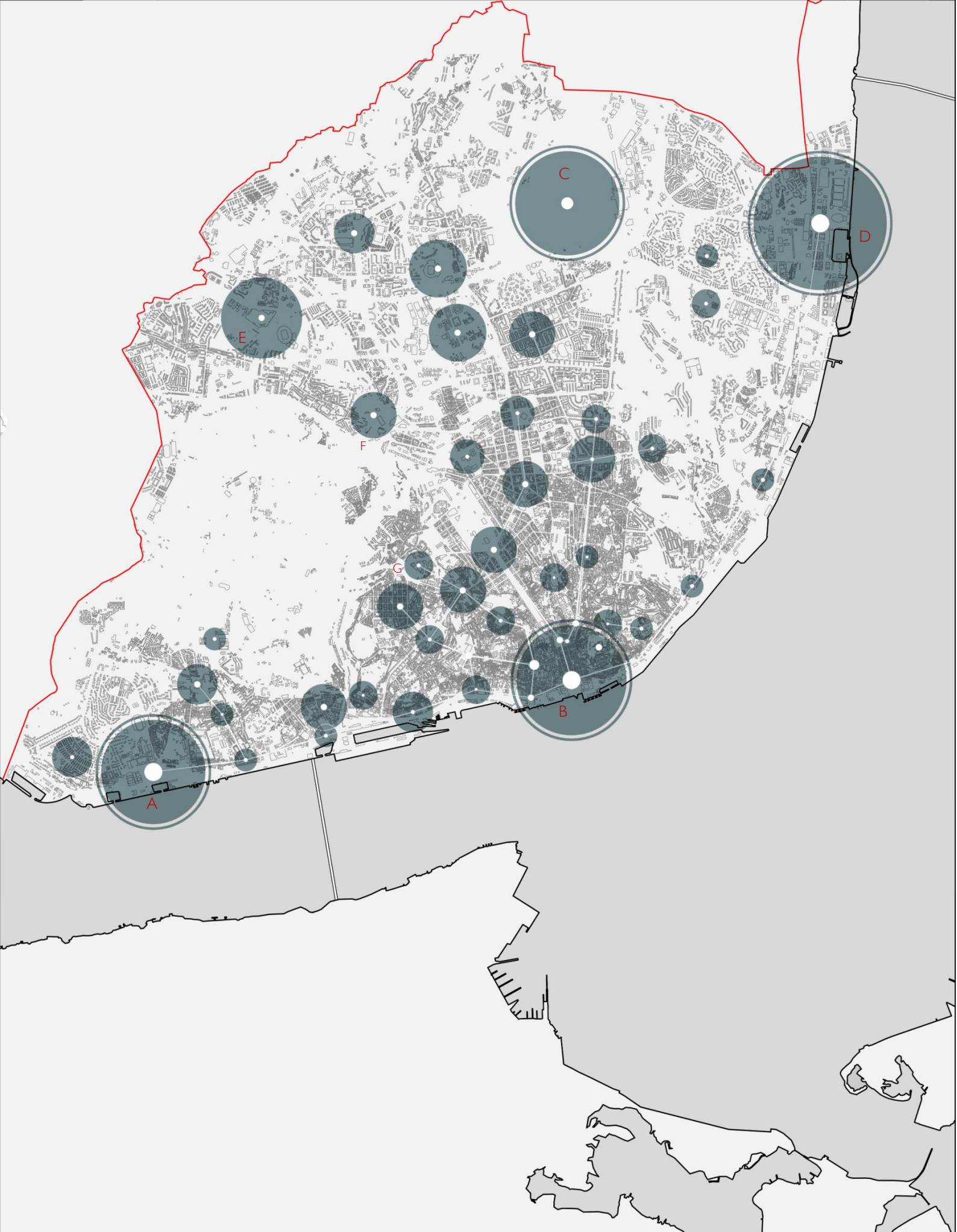
-  SUBCENTRALIDADES

-  GRANDES CENTROS URBANOS

- A** BELÉM
- B** TERREIRO DO PAÇO
- C** AEROPORTO
- D** PARQUE DAS NAÇÕES

- E** BENFICA
- F** SETE RIOS
- G** RATO





2.2 | O Vale de Chelas: à escala Urbana

O Vale de Chelas apresenta-se, nos dias de hoje, como uma área pós-industrial degradada e um território pouco coerente, devido às suas reminiscências rurais e industriais que tendem em permanecer no tempo sem qualquer tipo de cuidado permanente por parte das entidades competentes (o que leva à sua maior e agravada degradação).

“(...) valle de Chellas, um dos mais frescos e amenos dos arredores de Lisboa, e que fornece esta cidade de variadas e saborosas hortaliças. O valle começa logo ao sair das portas da Cruz da Pedra, na extremidade oriental da linha de circunvalação, ou fiscal, que limita a cidade, e terá um kilometro de comprimento desde a margem do Tejo até ao convento das freiras de Chellas.” in Archivo Pittoresco, 1862, nº6

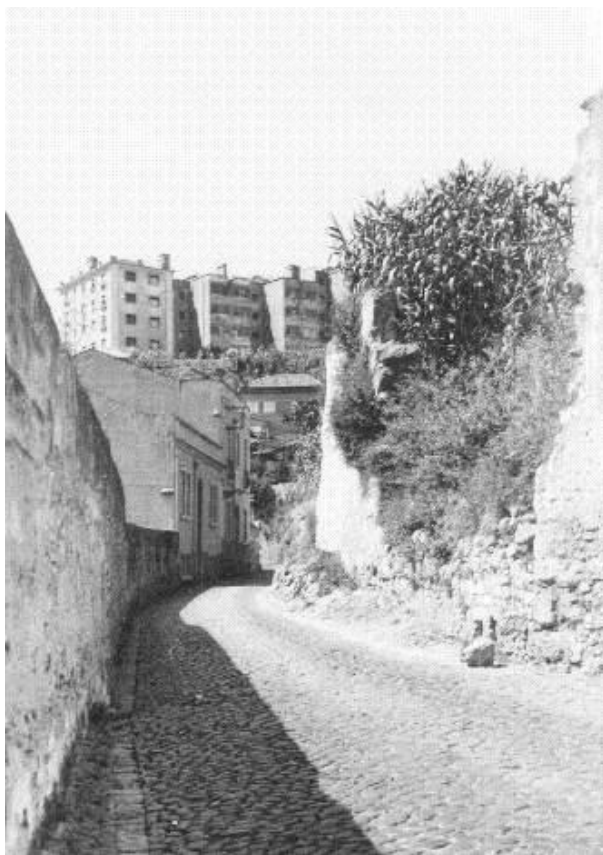
Como já foi referido, é uma das três Sub-bacias hidrográficas mais importantes da cidade de Lisboa, juntamente com o vale de Alcântara e a Av. Liberdade, e a segunda área aluvionar mais importante para a cidade.

Pela morfologia em vale, pressupõe-se que em tempos tenha passado uma pequena ribeira, ou esteiro do rio, o que tornou os terrenos do vale mais férteis e aptos para o cultivo. Contudo, pelas mesmas razões morfológicas, esta área foi bastante afetada por diversas cheias (a jusante do Vale de Chelas) ao longo dos anos. Sendo que a drenagem das águas pluviais são insuficientes, este continua a ser um dos problemas a resolver nesta área.

Hoje em dia, o vale é caracterizado pelas suas azinhas (estrada de Chelas), becos (Beco dos Toucinhos), vilas (Vila Emília), fábricas (Tinturaria Portugália, Samaritana) e palácios abandonados que lutam contra a implacável passagem do tempo.

A nível de infra-estruturas, podem-se identificar ainda o antigo aqueduto (Canal do Alviela), o antigo palácio do Lavradio, que atualmente alberga as instalações da ETAR de Chelas e o Cemitério do alto de São João, adjacente à Tinturaria.

Quanto á estrutura viária, a rede de azinhagas era a principal forma de circulação nesta área. A estrada de Chelas e a rua Gualdim Pais são elementos caracterizadores e identitários do lugar que merecem destaque.



50 | Estrada de Chelas (1961)



51 | Rua Gualdim Pais (1969)

A estrada de Chelas, com as suas características de azinhaga (ladeada por muros altos e pavimentada por basalto negro polido), fazia a ligação entre as duas pontas norte-sul do Vale de Chelas. Em tempos percebia-se o seu início no Convento de S. Félix em Chelas e colmatava perto da estrada da circunvalação, hoje em dia denominada Av. Afonso III. Foi uma das mais movimentadas, principais e características estradas do vale, pois foi um elemento fundamental para a fixação e ordenação do território, isto é das quintas, palácios, fábricas e da habitação.

Através do Edital de 19 de Julho de 1933, foi criada a rua Gualdim Paes (actualmente denominada Rua Gualdim Pais), um eixo que liga o aterro pós-industrial e o convento de S. Félix em Chelas, retirando assim parte do carácter e importância da estrada de Chelas.²⁹

A desfragmentação social é também um dos problemas a ter em conta no Vale, causada pelo abandono das indústrias e sucessivamente do comércio local e serviços.

Actualmente, a Câmara Municipal de Lisboa apresentou o Programa de Reabilitação Urbana ARU do Vale de Chelas (2014), que em conformidade com o PDM, promove o potencial ecológico do vale, sendo o seu principal objetivo compatibilizar as necessidades económicas locais com a sustentabilidade ambiental.

Algumas das propostas existentes visam:

- A Renaturalização do Vale de Chelas (NPK);
- Análise de potencial para o aumento das áreas permeáveis;
- Aumentar a valorização paisagística;
- Reintegração da coesão sócio territorial;
- Reintegração dos fluxos naturais do vale;

²⁹ FURTADO, Mário (1997). Do Antigo Sítio de Xabregas. Lisboa: Editor Vega



52 | Balneário Municipal (década de 50)

53 | Cozinha Económica nº4 de Xabregas, s.d

54 | Ambiente social vivido na estrada de Chelas (1973)

55 | Fotografia da Vila Flamiano, caracterizadora da população residente no Vale (1984)



2.3 | A gente do Vale: Análise sócio económica

A análise proposta neste subcapítulo tem como objetivo perceber a origem e o contexto sociocultural e económico em que a envolvente da Tinturaria Portugália se insere, para que o programa proposto vá de encontro às problemáticas encontradas.

Durante o período da forte industrialização do Vale de Chelas, nos finais do séc. XIX, grande parte da população existente era uma população carenciada, proveniente do campo, que vinham para a cidade em busca de uma melhoria de vida e de trabalho.

O desenvolvimento fabril desordenado e as fracas condições de vida e de trabalho oferecidas pelo patronato ao proletariado levaram a uma fragmentação social bastante acentuada e consequentemente ao isolamento desta área de Lisboa.

Em 1886, as condições eram tão miseráveis que houve a necessidade de inaugurar as Cozinhas Económicas de Xabregas e o balneário municipal público, para garantir alimentação e o mínimo de higiene aos cerca de 800 a 1000 operários que trabalhavam nas fábricas de Xabregas, bem como às várias famílias desta zona fabril.³⁰

Esta situação precária não indicou sinais de melhoria no seguimento da primeira metade do séc. XX. Com a construção da Ponte 25 de Abril na zona de alcântara (1963), verificou-se uma maior deslocação de população (maioritariamente provenientes de bairros de lata) e consequentemente a necessidade do seu realojamento. Desta forma, grande parte destas famílias instáveis financeiramente e socialmente foram instaladas em Chelas e ao longo do Vale.³¹

O encontro incutido nestas famílias, algumas residentes desde várias gerações anteriores e as famílias chegadas à grande cidade, contribuíram para a crescente perda de identidade social e cultural do Vale de Chelas.

Em 1964, a CML pretende resolver esta situação social e aprova o Plano de Urbanização de Chelas, *“(...) com o objetivo prioritário de incrementar uma estrutura urbana plurifuncional e socialmente diversificada, integrada no conjunto da cidade e articulada com a faixa ribeirinha (...)”* (Heitor, 2001: 101)

³⁰ CONSIGLIERI, Carlos, RIBEIRO, Filomena, VARGAS, José e ABEL, Marília (1993) - Pelas Freguesias de Lisboa - Volume 2. 1.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 78

³¹ NUNES, J. e A. Serqueira (2011) O Fado de Marvila. Notas sobre a origem citadina e o destino Metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa” Em Fórum Sociológico [online] 2011;



56 | Centro de Acolhimento de Xabregas (1999)

57 | Antigo Mercado de Xabregas, atualmente reabilitado para a escola de artes Ar.Co

Hoje em dia, com as alterações administrativas das Freguesias de Lisboa (2012), as freguesias ficaram reduzidas (de 53 no total) a 24. Ao Focar-se a zona de Xabregas, área onde se insere o local em estudo, o eixo da rua Gualdim Pais/Xabregas integra a divisão de duas freguesias, sendo elas a do Beato e a Penha de França.

Tendo como base os dados estatísticos fornecidos pelo INE referentes aos Censos de 2011, a população residente destas duas freguesias tem vindo a diminuir, entre 1991 e 2011, a população passou de 39.454 habitantes para 27.616 habitantes, respectivamente. Sendo esta população correspondente a 5% da população total de Lisboa.

Quanto às faixas etárias das duas freguesias:

- A população idosa (mais de 65 anos) tem uma percentagem significativa de aproximadamente 25% da população, 20%, tem idade inferior a 18 anos e a faixa etária com maior incidência é a compreendida entre 18 a 65 anos;
- Quanto à atividade ocupacional, 12% da população residente encontra-se desempregada, 29% na reforma e apenas 17% da população frequentou o ensino superior;

É importante referir que todo o Vale de Chelas e a zona de Xabregas, sofreram com o processo de desindustrialização de tal forma que a maioria da população residente são famílias carenciadas, idosos ou sem-abrigos. Este tipo de ambiente social leva ao abandono da área por parte da população.

Durante o desenvolvimento industrial, as atividades recreativas partiam por parte da população promovidas por associações e clubes de bairro, os quais ainda perduram até hoje. Não existiam equipamentos de cariz social, contudo, as transformações sociais da época pós-industrial, levou à criação de vários equipamentos, alguns dos quais em edifícios patrimoniais.

Alguns dos equipamentos são:

- Lar de S. António (Apoio ao idoso);
- Recolhimento do Grilo (Serviço Sub-regional de Lisboa, apoio ao idoso e carenciados);
- Centro de Acolhimento e Associação VITAE, (centro de apoio a portadores de HIV, apoio psicológico e serviços de saúde);
- Centro de Atendimento a Toxicodependentes (CAT – Prevenção, recuperação, tratamento e reintegração dos toxicodependentes na sociedade);
- Entre outros.

Os equipamentos para ensino, são escassos e tem um cariz social e cooperativo, como o caso da Escola de artes Ar.Co.



58 | Vila Emília, na Rua Gualdim Pais, adjacente à Tinturaria Portuguesa (1986)



59 | Estado atual da Vila Emília, na Rua Gualdim Pais, adjacente à Tinturaria Portuguesa (2018)

O que outrora era um grande centro económico de Lisboa, com as suas fábricas que vitalizavam a área, desvaneceu com a desindustrialização. Atualmente, o único atrativo comercial da área é o LIDL (na inserção entre a Av. Infante Dom Henrique e a Rua Bispo de Cochim), sendo que tanto no eixo da rua Gualdim pais/ Xabregas, o pouco comércio existente é o comércio tradicional, restauração e serviços especializados, tais como oficinas mecânicas e pequenas indústrias.

Quanto à habitação de Xabregas e tendo como foco principal as vilas operárias, os dados do INE – Censos 2011 mostram que:

- Em Xabregas existem 774 alojamentos;
- 34% apresentam áreas inferiores a 50m²
- 16% dos fogos estão desocupados;
- E 29% não têm instalações sanitárias;

É neste contexto socioeconómico que se apresenta o antigo complexo da Tinturaria Portugália, um território carenciado, com problemas sociais, culturais, identitários e de habitação.

Como foi possível constatar, a integração de várias culturas sociais (presentes no passado do vale), a atual redução demográfica e a **população** maioritariamente **envelhecida**, **carenciada** e **desequilibrada**, fazem com que esta **área** seja cada vez mais **isolada** e **marginalizada**.³²

É, desta forma, fundamental apelar para a necessidade de uma revitalização urbana que se foque nas premissas de equidade social, solidariedade e cidadania, bem como nos aspectos ecológico e económicos.

³² HEITOR, Teresa (2001). A vulnerabilidade do espaço em Chelas: uma abordagem sintáctica. Editora: Fundação Calouste Gulbenkian. p. 119

3| Encontro de Tempos: Intervenção

Este terceiro e último capítulo é o resultado do culminar das reflexões e análises anteriores e pretende dar resposta às problemáticas apresentadas. O desenho do projeto, é aqui justificado, tanto a nível urbano como a nível arquitetónico.

O Vale de Chelas tem um lugar na história da cidade de Lisboa e é através destas premissas que se pretende recuperar a memória de um dos vales mais importantes de Lisboa, adaptando-o às necessidades da sociedade contemporânea.

Assim, o projeto urbano e arquitetónico aposta na relação entre o homem e o seu património, tendo em conta a sua relação com o território e contexto social onde se insere.

3.1 | Parque Urbano como estratégia de reintegração da Tinturaria no Vale de Chelas

Após a identificação das problemáticas do território e da reflexão sobre memória, lugar e identidade, chegamos ao ponto de trabalhar estas questões numa intervenção urbana.

Partimos da inserção da memória como fio condutor de trabalho e do valor que ela comporta, na sua relação temporal, na relação com o homem e com o lugar. O local de intervenção conta a história da realidade cidadina que foi esquecida com o culminar dos problemas apresentados nas análises feitas.

A reutilização do espaço proposto de forma a devolve-lo à população residente bem como proporcionar uma área atrativa para a reinserção na cidade de Lisboa é uma das estratégias primárias para a sua revitalização.

Contudo, não podemos esquecer que o terreno de intervenção encontra-se num dos vales mais importantes de Lisboa e também problemático. Grande parte do Vale de Chelas debate-se com a densidade do edificado e com a consequente falta de permeabilização de espaços.



60 | Plano urbanístico do Vale de Chelas da autoria do grupo de arquitetos NPK

Este plano propõe a renaturalização do Vale com percursos de escoamento de água, contudo nem todo o património é salvaguardado (no caso da Tinturaria é demolida).

Assim a proposta elaborada é baseada na ideologia dos Npk, mas pretende salvaguardar todo o património presente no Vale.



61 | Esquema de potenciais espaços verdes e de Património que deverá ser reabilitado e/ou reconvertido.

Renaturalização do Vale: Estratégia Urbana

É neste contexto que se começa a perceber a importância de proporcionar à comunidade residente um espaço público qualificado que se relacione com as reminiscências rurais que ainda se podem ver no vale, com a intenção de resolver os problemas de permeabilidade do vale.

Atualmente, o PDML tem vindo a desenvolver estruturas ecológicas para a área metropolitana de Lisboa, destacando a importância do sistema de Corredores Verdes.

Assim, uma das propostas apresentadas é o plano do Corredor Verde Oriental, que baseado no PDM, consiste num corredor de áreas verdes interligadas entre si, que preserve os valores ecológicos, ambientais e patrimoniais e prevê a integração de estruturas lúdicas e de recreio. Este plano abrange as duas freguesias de Marvila e do Beato, contemplando uma ligação ao novo Parque Urbano do Vale de Chelas.

A estratégia apresentada parte dos princípios do plano urbanístico elaborado pelo grupo de arquitetos NPK³³, que se foca na “Renaturalização” do Vale de Chelas.

Este projeto ajudou a perceber a necessidade de impulsionar um modelo de cidade que promova a relação entre um sistema urbano histórico e pós-industrial, com um sistema ecológico natural, para que desta maneira haja uma melhoria de vida dos residentes e visitantes, e resulte na recuperação dos valores culturais e paisagísticos que caracterizam esta área de Lisboa.

A preocupação com a rede de drenagem de águas do vale, está presente em toda a estratégia urbana, tentando com isto, anular o problema das cheias bem como enriquecer o ecossistema urbano.

³³ Ver em anexo a proposta mais completa;



62 | Esquema de ligações entre o Património, espaços verdes e bacias de retenção (sem escala)

A Convento de S. Félix de Chelas e Fábrica da Pólvora, funciona como Arquivo Geral do Exército: Possíveis espaços de Laboratórios de investigação e documentação do Vale

B Parque Verde: Colocação de Bacia de Retenção

C Tinturaria Portugália: Complexo Educacional do Vale de Chelas

D Fábrica da Samaritana: possível espaço de Biblioteca Pública, áreas de lazer, restauração e museu da história do Vale

Colocação de uma bacia de retenção com dimensões mais pequenas

E Teatro Ibérico: espaço cultural

F Parque verde da Frente Ribeirinha oriental de Lisboa

G Percurso de ciclovia, que liga a existente na Av. Infante D. Henrique ao convento de Chelas ao longo de todo o Vale.

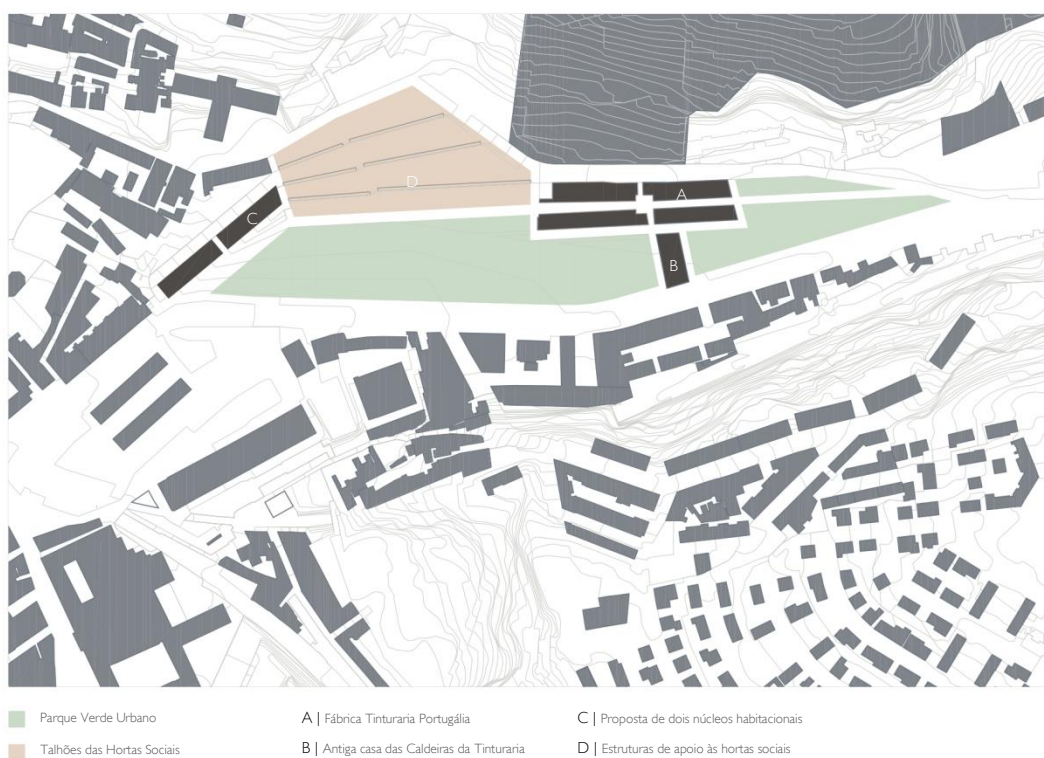
O sistema proposto visa articular o espaço público com a rede ecológica, com a criação de bacias de retenção na zona norte do vale (a Este da ETAR de chelas) que faz a ligação ao parque urbano (adjacente à Tinturaria), passa pela fábrica Samaritana (oferecendo outra bacia de retenção) e posteriormente se conecta com o rio Tejo.

Esta dinâmica de sucessão de espaços públicos verdes tem como base ideológica a cidade como suporte de biodiversidade e pretende promover a conexão de parques urbanos com ciclovias e com a reabilitação de edifícios para organizações de base comunitária, sociocultural e educativa, de forma a suportar o processo de transformação desta área esquecida e mais degradada.

Para tal acontecer é importante a reutilização de edifícios históricos e patrimoniais tais como a Tinturaria Portugália, o Convento de S. Félix de Chelas e a Fábrica da Samaritana. Estes edifícios de Valor memorial e histórico serão transformados em novos equipamentos culturais, comunitários e educativos.

O Problema da habitação do vale, também merece destaque, para a melhoria das condições de vida da comunidade residente. Desta forma é importante apelar para a integração na proposta, à escala do vale, a reabilitação dos edifícios de habitação degradados e focar o seu objetivo nas vilas operárias. No âmbito da acção Pavimentar Lisboa 2015-2020, propõe-se a melhoria do espaço público adjacente às vilas, com a recolocação da pedra basáltica antiderrapante, característica das antigas azinhagas.

Em suma, pretende-se solucionar os problemas sociais e urbanos, propondo espaços verdes de interação e de recreio para a população e que permitam recolocar este ponto da cidade de Lisboa no mapa de sítios a visitar.



63 | Plantas esquemáticas do processo de permeabilização da área de intervenção onde se assinalam os edifícios a demolir, as hortas sociais urbanas, as estruturas de apoio às hortas, o edifício de habitação, o parque verde urbano, a casa das caldeiras e a Tinturaria Portugália (sem escala)

Renaturalização do Vale: Proposta de intervenção urbana.

Após a apresentação das estratégias gerais para o vale de chelas é importante identificar e explicar a proposta na área de intervenção, enquadrada no centro-sul do Vale e delimitada pela icónica estrada de Chelas, pela rua Gualdim Pais e pela Travessa da Amorosa.

O conceito primário de intervenção nesta área é proporcionar a continuação da rede de espaços verdes do vale (em concordância com o corredor verde oriental) de forma a garantir o fluxo de drenagem de águas proposto e o bom funcionamento do sistema ecológico, gerando áreas de recreio, lazer e produção.

Visando uma menor densidade de edificado, é proposta a demolição de alguns armazéns e barracas, na zona Este da Tinturaria, que se encontram devolutos ou em más condições³⁴, e cria-se um parque verde urbano que liga toda a extensão da área de intervenção (desde a ETAR de chelas até à zona sul).

Com este parque pretende-se a estabilidade de solo, a criação de áreas maioritariamente permeáveis e promove-se a biodiversidade com a colocação árvores associadas a espécies de Zonas húmidas e de folha caduca.

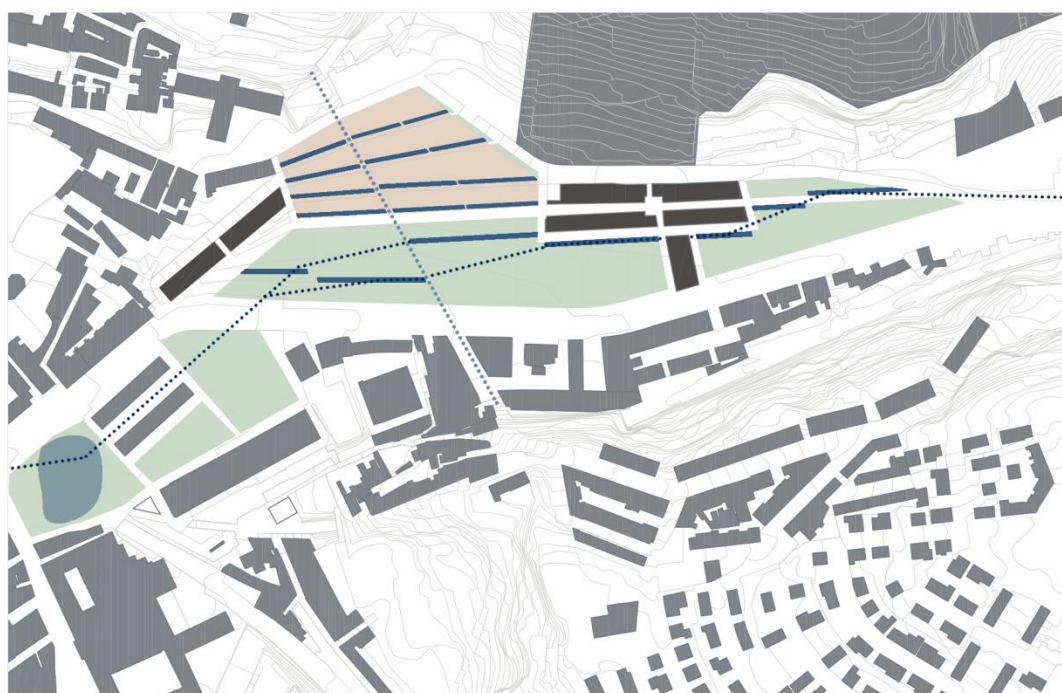
Em relação à drenagem de águas, propõe-se depósitos de água que têm ligação às duas grandes bacias de retenção propostas nas estratégias de intervenção no vale. A bacia que pertence à zona Este da ETAR, faz a ligação aos vários depósitos de água propostos ao longo do parque, que por sua vez são estão conectados entre si e ligados à bacia de retenção na zona exterior do parque (adjacente à fábrica da Samaritana).

A circulação de água é desta forma garantida através de tubagens subterrâneas e o seu caudal é controlado por câmaras de visita que distribuem o fluxo de água de depósito em depósito, até à bacia de retenção e posteriormente descarregada no Rio Tejo.

³⁴ Para além das más condições do edificado, a sua recuperação não seria viável a nível financeiro.



64 | Planta esquemática da estrutura arbórea no terreno de intervenção (sem escala)



65 | Planta esquemática do Sistema Hídrico onde são visíveis os depósitos de água e drenagem, já fora do terreno de intervenção é visível o possível espaço para a bacia de retenção adjacente à Fábrica da Samaritana (sem escala)

A Tinturaria Portugália foi uma fábrica de produção e tingimento de tecidos, que usufruía de depósitos de água. A colocação dos depósitos de água foi desenhada e pensada de forma a recuperar e enaltecer a memória desses depósitos. Assim no espaço público adjacente à fachada em arco da fábrica, os antigos depósitos são reconstruídos e reativados. Todos os depósitos serão também utilizados para a rega das áreas ajardinadas de todo o parque.

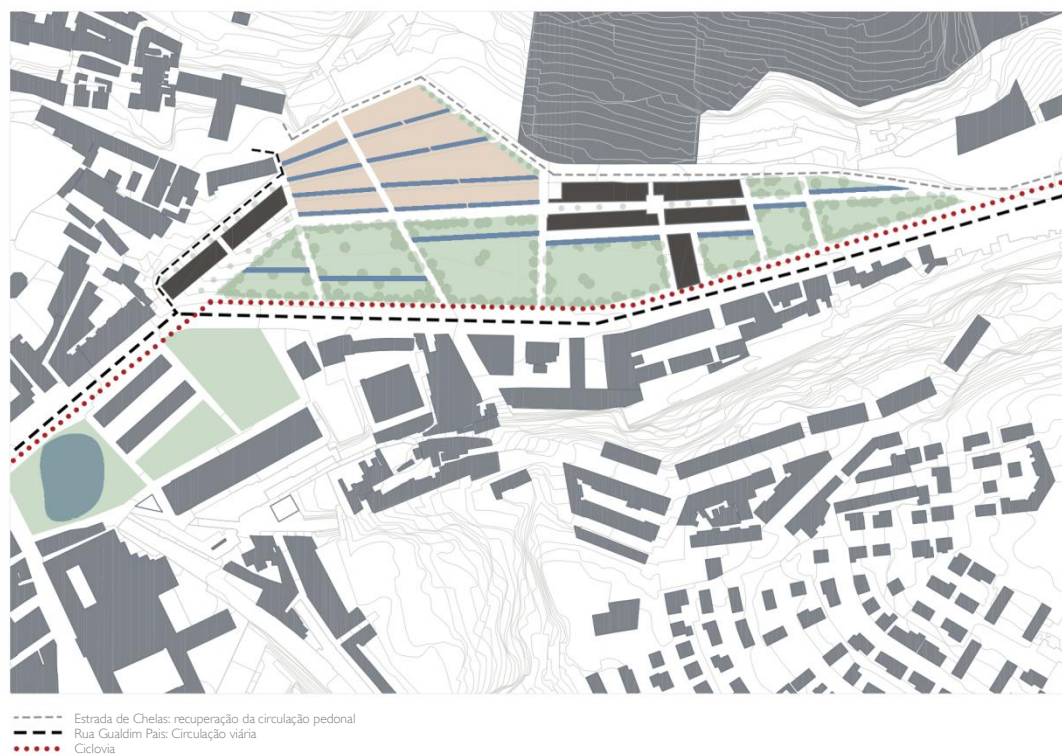
É de igual forma importante referir que a drenagem de águas vai de encontro ao Plano Geral de Drenagem de Lisboa 2016-2030³⁵, da CML.

Sendo um dos principais objetivos devolver e promover a interação da comunidade local, é proposto uma área de talhões agrícolas, na área de maior cota do terreno. Esta área de hortas sociais segue a ideia de “socalcos”, vencendo as cotas até à zona do parque urbano. Em cada socalco, dispõe de uma estrutura de apoio, área de arrumos de utensílios agrícolas bem como de depósitos de retenção e armazenamento de águas.

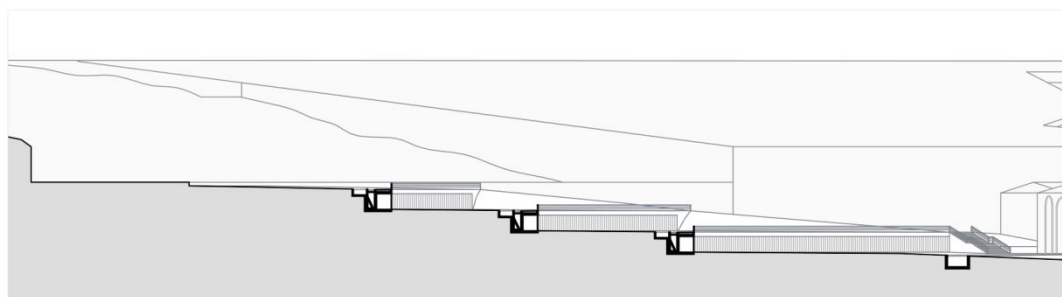
Estes depósitos serão de usufruto dos responsáveis pelas hortas permitindo que a água seja reutilizada para a rega de toda a zona hortícola. É Pretendido, criar uma pequena “Quinta Social/ Pedagógica”, onde, tanto a população pode produzir os seus produtos e posteriormente vender ou trocar os excedentes, como promover a visita à população Lisboaeta que queira aprender a forma de cultivo nestas hortas (através de visitas, workshops, que se relacionam tanto com o espaço urbano e hortas, como com o programa do Edifício da Tinturaria, posteriormente detalhado).

A mobilidade pela área de intervenção foi pensada como parte integrante do projeto. A icónica Estrada de Chelas é redesenhada, permitindo que haja uma ligação aos socalcos propostos para as hortas Urbanas. Após a intervenção, o seu carácter pedonal é retomado e o pavimento basáltico preto é recolocado, permitindo que a memória de azinhaga seja salvaguardada.

³⁵ Este plano da CML pretende dar resposta à problemática das cheias urbanas da cidade de Lisboa, de forma a poderem ser controladas.



66 | Planta esquemática do sistemas de Circulação (sem escala)



67 | corte explicativo das estruturas de apoio às hortas sociais (sem escala)



68 | corte explicativo do Edifício Habitacional (sem escala)

A rua Gualdim Pais conta com uma nova faixa verde arbórea a oeste, que faz a separação entre a ciclovia, o passeio e o parque. Esta ciclovia terá uma ligação à ciclovia existente na Av. Infante D. Henriques, zona sul, e percorrerá todo o vale para norte. Desta forma cria-se a possibilidade integrar esta zona nos percursos verdes, pedonais e cicláveis de Lisboa. Um espaço com condições para roteiros históricos, turísticos e ecológicos.

De forma a responder às necessidades de proporcionar novas condições para os residentes e atrair novas pessoas para esta área, propõe-se a criação de um edifício habitacional. A habitação é distribuída por galerias e servirá de apoio ao equipamento proposto para a Tinturaria Portugália.

Este edifício, localizado na zona sul do terreno a intervir, permite o fecho do quarteirão existente. Conta como uma zona ajardinada, uma via de circulação automóvel com espaços de estacionamento e faz a ligação entre a rua Gualdim Pais e a zona de maior cota (o cruzamento entre a Tr. da Amorosa e a estrada de Chelas). Esta via terá apenas um sentido de circulação.

Quer no parque verde urbano, quer a algumas ligações às hortas Urbanas (exceptuando a estrada de Chelas e a ciclovia), a pavimentação é feita por lajetas de pedra. Esta materialidade foi escolhida pois remete para as materialidades utilizadas nas azinhagas.

É ainda importante de referir que alguns elementos identitários do lugar são importantes de preservar e manter. A norte do edifício das caldeiras da Tinturaria, onde se propõe uma área verde, existe uma chaminé do antigo complexo. Pretende-se recupera-la e integra-la na zona verde como um marco identitário do carácter do lugar. O mesmo acontece com o muro com a identificação, em azulejos, da Tinturaria Portugália.

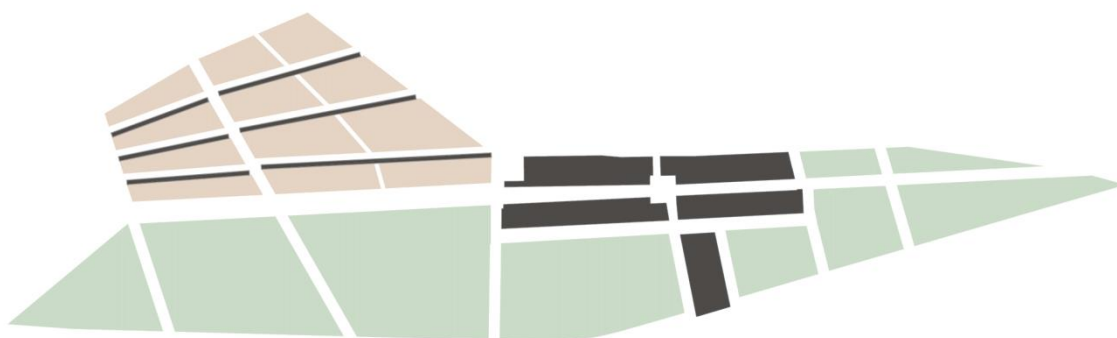
Posto isto, a proposta pretende auxiliar na resolução dos problemas sociais, ecológicos e identitários do Vale de Chelas com a criação de espaços públicos verdes, de recreio e de uma nova forma de vivenciar um cenário “renaturalizado”, que reúna de novo a comunidade com o seu património.

I

Do presente,



Ao futuro Complexo da Tinturaria



69 | Estrutura original da Tinturaria e barracões adjacentes
(em cima), Novo complexo da Tinturaria (em baixo)

3.2 | Proposta Arquitetónica

Também na proposta para a Fábrica da Tinturaria Portugália, a memória do lugar e o seu caráter, foram elementos principais para a sua reabilitação e reconversão de uso. Introduce-se assim a ideologia de passado e futuro no projeto de intervenção, entre a dualidade do novo e do antigo, tal como é referido no caso de referência *Casa das Caldeiras*, em Coimbra.

A estratégia de intervenção parte da intenção de criar uma ligação entre o espaço verde envolvente com o património nele inserido, tanto a nível formal como programático. É fundamental pensar num programa que permita salvaguardar o passado do Património e que o devolva à população, indo de encontro às ideologias das cartas de património.³⁶

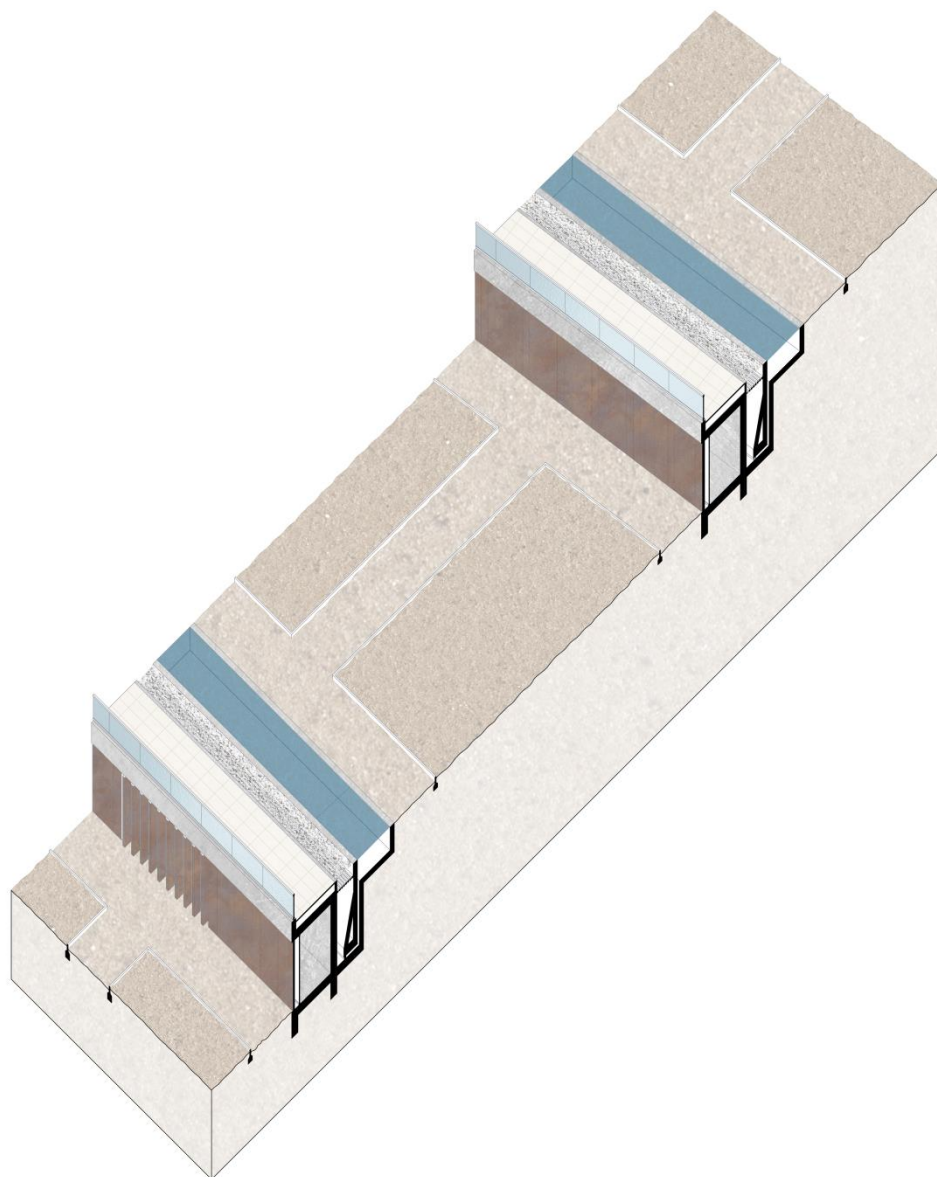
A recuperação da memória do **complexo** fabril da Tinturaria Portugália, prende-se na reabilitação do edifício principal e a reutilização do antigo edifício das caldeiras a Este do mesmo, para promover a ligação da vida social ao património Industrial. A conexão às estruturas de apoio às hortas também é uma das premissas a ter em conta, criando assim o **Novo complexo da Tinturaria Portugália** (Património Industrial – Natureza – Social).

Desta forma, os programas propostos têm como principal preocupação, a integração etária e social da população local, que como já foi referido e analisado, apresenta-se fragmentada.

Procura-se assim devolver o cariz comunitário, cultural e social, dentro da ideologia de comunidade, para que desta forma fosse possível a utilização dos espaços de uma forma contínua e que leva-se à reintegração social da população.

Os programas pretendem promover as relações intergeracionais, através do desenvolvimento de espaços para atividades de cultivo, venda de produtos e educacionais, para que se possa combater o crescente abandono e isolamento desta população.

³⁶ As cartas são referidas no presente documento, na parte II, capítulo 3.1, "*Património Industrial – evolução do Conceito*."



70 | Axonometria explicativa das estruturas de apoio às hortas sociais e a forma de recolha de águas para a rega das culturas hortícolas

Edifícios das Hortas Sociais

Ao percorrer todo o vale deparamo-nos com pequenas hortas, ocupadas pelos residentes de forma orgânica e que carecem de condições para o desenvolvimento desta atividade. Como forma de resolver esta falta de condições, propõe-se construir três edifícios de um piso, que acompanham os talhões, desde a cota superior até à cota inferior.

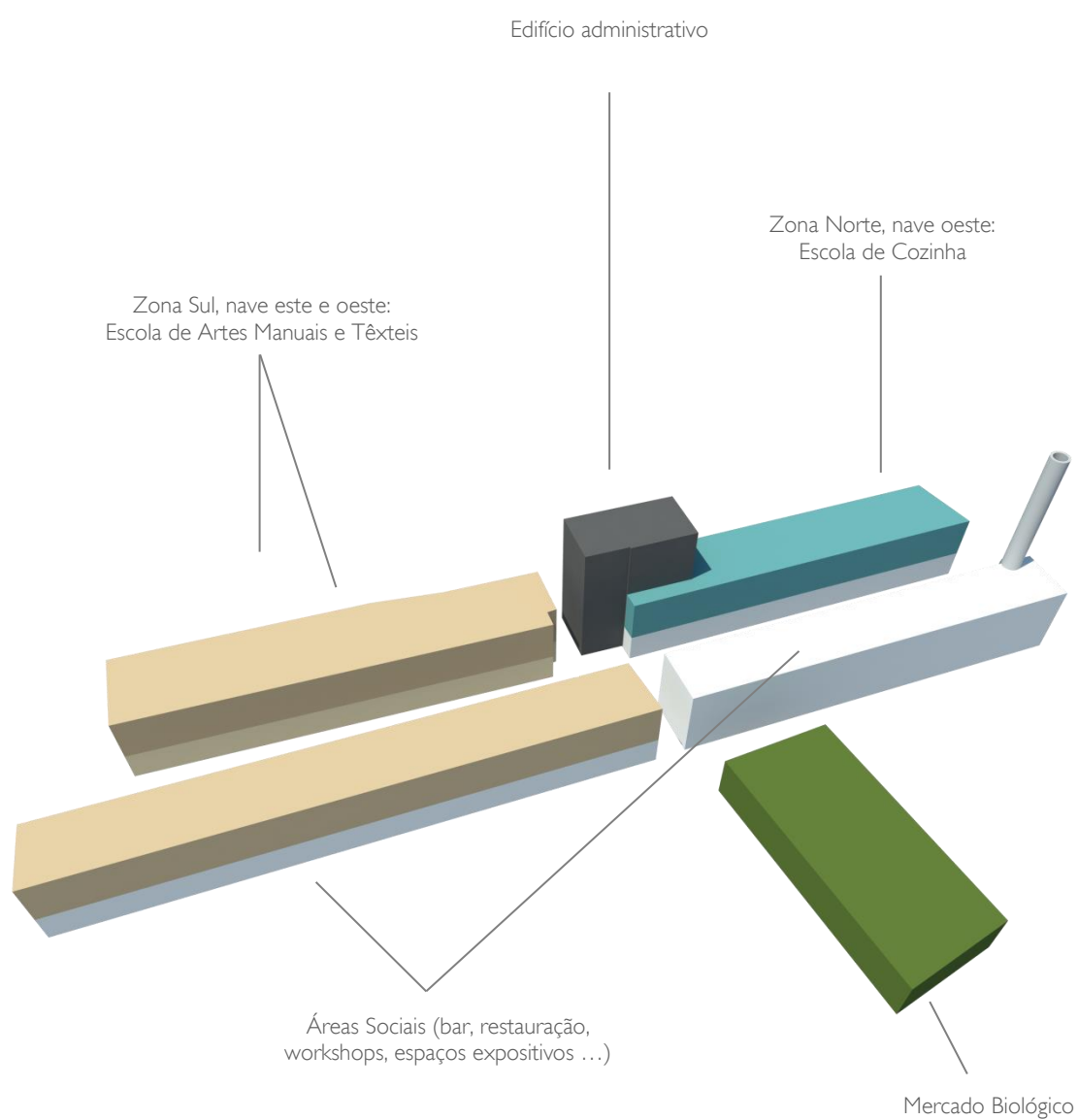
A intenção é instalar casas de arrumos, com aproximadamente dez metros quadrados de área e espaços de instalações sanitárias com zona de duche. A aproximação entre os trabalhadores e as suas famílias é garantida através de um espaço de lazer nas zonas centrais dos edifícios.

Mercado Biológico

De forma a criar uma ligação às hortas sociais, o programa proposto para a antiga “casa das caldeiras” é de um Mercado Biológico. A comercialização de produtos alimentares nesta zona, prende-se maioritariamente há cadeia de supermercados *Lidl* contudo, a população residente é maioritariamente idosa e nem sempre tem os acessos facilitados para a deslocação a este tipo de comércio. Existia também um mercado de Xabregas, contudo ele acabou por fechar e a população perdeu a oportunidade de comprar e vender produtos mais frescos.

Posto isto, o novo mercado biológico pretende revitalizar o comércio local e disponibiliza bancas para a venda de produtos hortícolas e biológicos, com espaços de depósito e troca de excedentes e instalações Sanitárias. As bancas podem ser adquiridas por particulares ou comerciantes, contudo, a comercialização de produtos deverá ser prioritária para os vendedores que explorarem as hortas sociais. O espaço de alimentos excedentes tem como objetivo base ajudar as famílias mais carenciadas da zona, sendo que os produtos deverão ser doados ou vendidos a preços simbólicos.

Esta ideologia logística pretende fomentar a cooperação, troca e venda para que o novo mercado seja integrado e explorado pela população, contribuindo para a criação de uma nova centralidade e para o desenvolvimento económico local.



71 | Axonometria volumétrica do complexo educacional e mercado biológico

Complexo Educacional da Tinturaria

O Edifício-mãe da Tinturaria Portugália pretende colmatar as atividades do novo complexo proposto, seguindo a mesma ideologia de recuperação e relação com o contexto natural e social envolvente.

Hoje em dia, o edifício encontra-se num estado de degradação bastante elevado, onde várias estruturas e elementos identitários do lugar foram destruídos, demolidos ou acabaram por ruir. Contudo ainda se podem ver outros elementos que preservam o seu valor, como o a chaminé no topo norte do edifício e as paredes exteriores com o seu carácter robusto e imponente em arcos. Assim, o conceito base para a reabilitação da fábrica parte do respeito pela memória e pelo seu valor identitário no território onde se insere.

A muito custo, ainda é possível ver alguma da distribuição interior da antiga fábrica, contudo devido ao estado que se encontra, maior parte da sua organização é lida através dos documentos do AML.³⁷

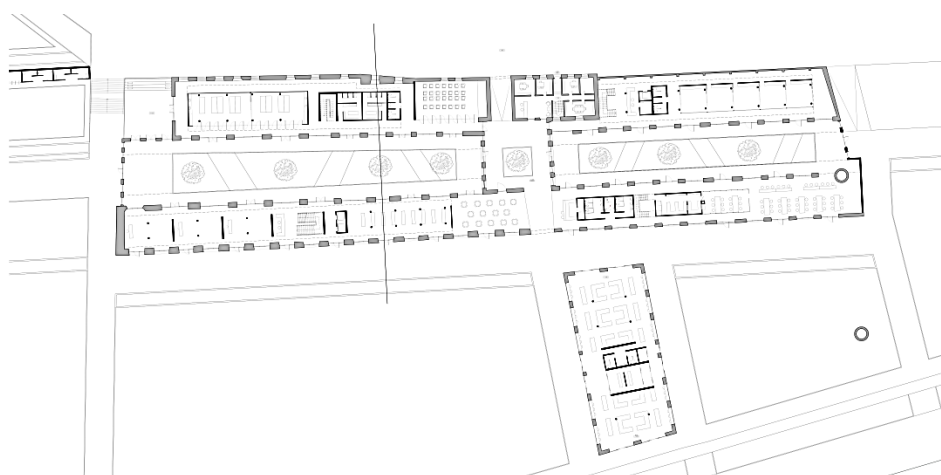
A Tinturaria era composta por três naves longitudinais a Sul e a Norte, separadas por um pátio central de distribuição e um edifício habitacional. Em 1937 podíamos identificar duas fábricas a funcional em simultâneo (Amidex na zona Sul e a Tinturaria Portugália na zona Norte) e é a partir destas memórias que o programa começou a ser desenvolvido.

Á semelhança do que acontecia aquando do funcionamento da fábrica a distribuição programática da tinturaria também se subdivide em dois focos programáticos:

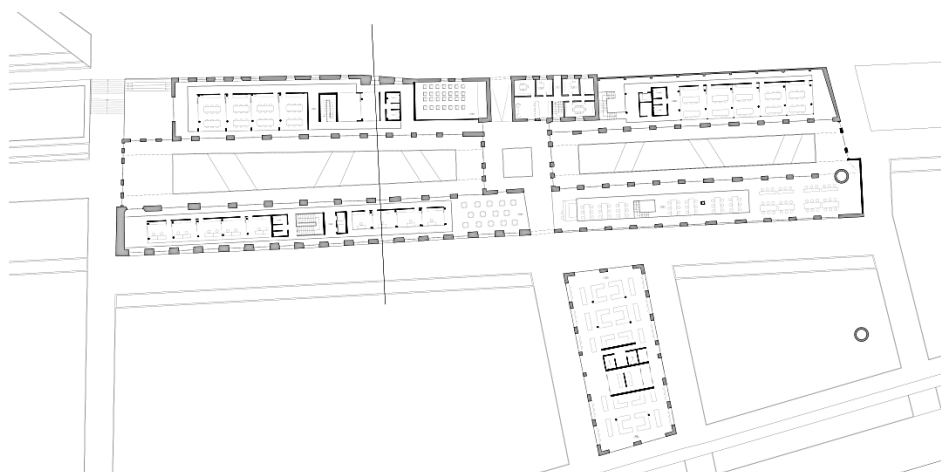
- Escola de Artes Manuais e têxteis, pensada de forma a enaltecer a memória e o carácter de produção e venda de produtos da antiga fábrica, (Zona sul)
- Escola de cozinha, promovendo a conexão com o mercado, as hortas e com a população. (Zona norte)

A Escola de artes manuais e têxteis, oferece aulas de carpintaria, escultura, workshops de materiais naturais, tapeçaria, aulas de moda, tingimentos de tecidos, entre outros, assim como a escola de cozinha oferece aulas teóricas e práticas de culinária, segurança alimentar, workshops de cozinha, entre outros. Assim as escolas terão capacidade para integrar espaços e aulas, não só para os mais jovens, mas também para a faixa etária idosa predominante no vale.

³⁷ Em 1937, o arquiteto Miguel Tainha faz o levantamento da fábrica, que se pensa ser o mais aproximado com o que se pode identificar nos dias de hoje. (Ver Capítulo II, 1.1 A Fábrica Tinturaria Portugália como elemento do território).



Piso Térreo



Piso I



Piso 2

72 | Plantas dos três Pisos da
Tinturaria

A intenção deste complexo educacional é promover a relação da população com o seu património, capacitando a comunidade para as atividades no exterior.

Assim, podemos distinguir várias áreas dentro da tinturaria: A zona sul, com uma nave a Oeste, uma nave central e uma nave a Este; A zona Norte, com a mesma distribuição da zona sul; um pátio central de separação entre as duas zonas e o antigo edifício de habitação a oeste.

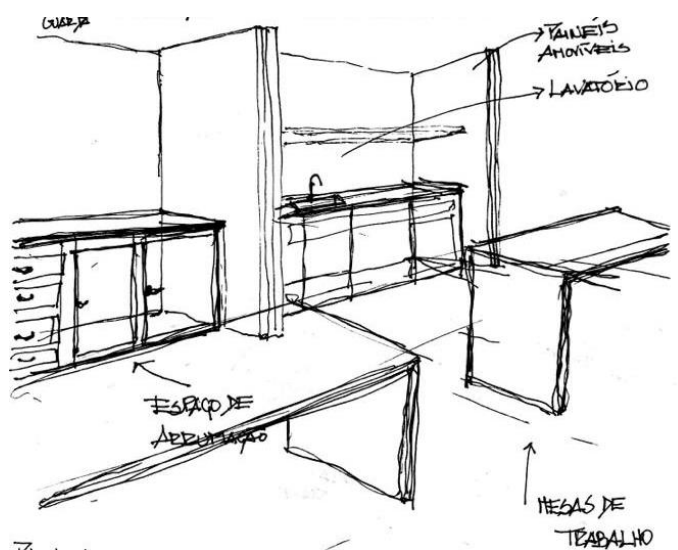
O projeto para as naves da tinturaria, de uma forma geral, propõe um piso social e cultural (piso térreo), um piso educational e de produção (segundo piso) e um novo piso destinado à produção individualizada (terceiro piso).

As naves centrais (zonas sul e norte) funcionam como pátios de ligação ao percurso urbano das hortas e do parque urbano, possibilitando uma passagem mais pública da parte sul à parte norte do terreno de intervenção. Apresentam áreas verdes ornamentadas com árvores de fruto e plantas aromáticas que podem ser tratadas e colhidas para a sua concepção nas cozinhas da escola.

No piso térreo (piso social e cultural), tanto na zona sul como norte, propõe-se distribuir os espaços que necessitem de maquinaria nas naves a oeste e os espaços de carácter social e de interação, nas naves a Este, para que desta forma tivessem um maior contacto com a zona do parque verde exterior.

Assim na Zona sul, podemos encontrar espaços de vendas e expositivos de obras produzidas por alunos da escola, bem como uma área de lazer relativa ao bar/cafetaria e o espaço de receção relativo à escola de artes manuais e têxteis. Quanto à nave oeste encontramos uma área de oficinas de materiais como madeira, ferro, entre outros, separadas dos balneários por um núcleo de escadas. No topo norte desta mesma nave, encontramos um pequeno auditório para apresentações de trabalhos ou de eventos, com triplo pé direito e instalações sanitárias.

Na zona norte podemos encontrar salas de workshops com armários de arrumação e lavatório, para serventia das duas escolas, e uma área de receção da escola de cozinha (nave oeste).



73 | Perspetiva do interior das salas e o seu equipamento

74 | Perspetiva do espaço de refeição económica e cozinha de aprendizagem da escola de cozinha.

Na nave Este, encontramos espaços relativos à escola de cozinha, com instalações sanitárias, e espaços de aulas práticas de cozinha (que funcionam dentro de uma caixa de vidro, uma cozinha, equipada com copa suja, espaço de refrigeração, confeção, garrafeira e armários de arrumos e um espaço de refeições/ cantina.

Toda a nave Este da zona norte do edifício, apresenta um pé direito triplo onde a cozinha, instalações sanitárias e aulas práticas funcionam numa “box” e a sua cobertura é percorrível. Presando a flexibilidade de espaços, esta cobertura pode tanto servir como espaço de contemplação, como para a continuação da área de refeições ou até para aulas práticas relacionadas com restauração (como a apresentação das mesas, dobragem de guardanapos, etc.)

O espaço desta cozinha deverá servir propósitos sociais, isto é, nas horas de almoços e jantares deverá funcionar como cantina social, onde são servidas refeições a preços acessíveis, tanto à população local (principalmente carenciada), como a trabalhadores da área e estudantes.

Ao nível do primeiro e segundo pisos da zona sul, propõe-se as estruturas para o funcionamento das aulas práticas e teóricas da escola de artes. Apresenta salas, *ateliers* e estúdios de trabalho os alunos. Com a mesma lógica de flexibilidade, os espaços de trabalhos e estúdios podem ser individuais ou coletivos. (movendo os painéis divisórios). O último piso proporciona também espaços mais individualizados para que alunos que estejam a acabar os cursos da escola possam trabalhar nos seus projetos específicos.

Quando à zona norte, o primeiro piso da nave oeste segue a mesma lógica anterior e proporciona espaços de aulas teóricas da escola de cozinha. Contudo no segundo piso propõe-se *ateliers*/estúdios independentes que têm como principal objetivo o aluguer a artistas externos á escola que estejam á procura de espaços de trabalho ou de trabalhos de investigação.

Todas as salas são providas de um armários de arrumações, lavatório e mesas de trabalho individuais/ coletivas.

Tendo em conta a proximidade da escola de artes Ar.Co, deveram ser promovidas atividades entre estas duas estruturas de ensino para que não entrem em “competição”, mas sim que sejam elementos dinamizadores da área, completando-se.

O antigo edifício habitacional é um espaço de áreas mínimas que oferecia habitação à classe operária da fábrica, às suas famílias e porteiros. Assim, o edifício é restaurado e reutilizado, mantendo a memória da distribuição de espaços, para albergar as salas administrativas e de reuniões.

É importante referir que tanto as atividades dinamizadores interiores e exteriores do complexo (hortas urbanas, mercado biológico e escolas) que promovem o desenvolvimento económico e social desta área, são da responsabilidade deste gabinete administrativo, sendo que é neste edifício que são registadas os serviços propostos e onde a população em geral se deve dirigir para usufruir e apoiar os mesmo.

3.3 | Materialidades

O Sistema Construtivo e os materiais utilizados para a Reabilitação da fábrica, mercado biológico e para a estrutura de apoio (Espaços de apoio às hortas urbanas), partem da ideia de conectar o natural à memória e às formas industriais, utilizando a madeira, pedra, aço corten e betão.

Complexo Educacional da Tinturaria

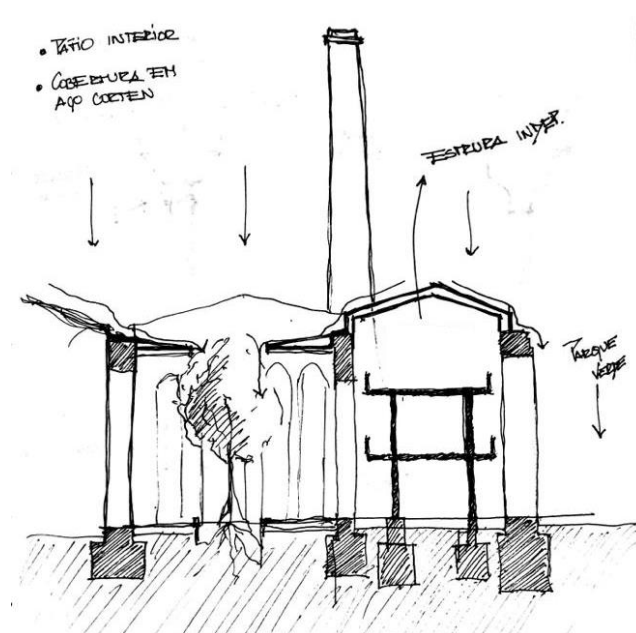
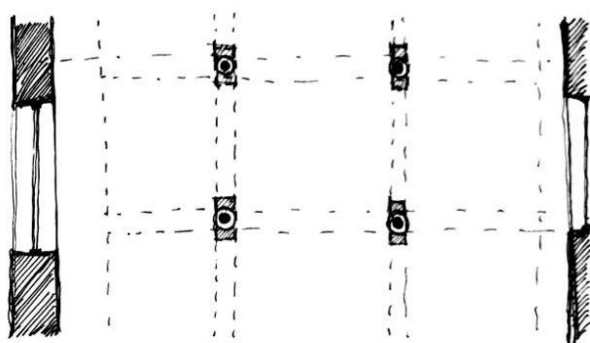
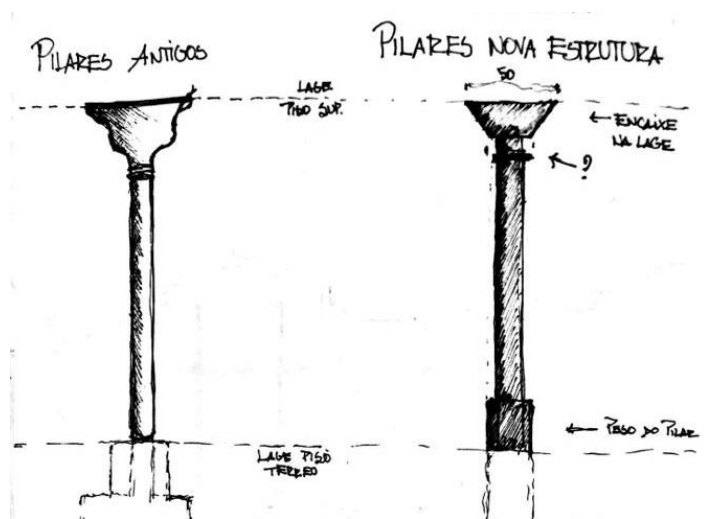
É desta maneira que se optou, no Edifício-Mãe do antigo complexo fabril, pela escolha de materiais originais para que seja possível restabelecer a ligação ao passado da Fábrica Tinturaria Portuguesa, recriando o ambiente e espaços do período em que a fábrica ainda se encontrava em funcionamento.

Este edifício é conhecido pela sua fachada em arcos, possuía pilares em ferro fundido que suportavam lajes metálicas cravadas nas paredes. A cobertura era suportada por asnas de madeira que se fixavam nas paredes através de cachorros e os telhados, de telha, eram de duas águas (naves laterais) e quatro águas (naves centrais).

As paredes exteriores, bem como a chaminé, resistiram, a muito custo, à implacável passagem do tempo e são constituídas por uma alvenaria irregular em pedra calcária e tijolo burro (nos arcos), com a função de desenho ornamental, presente apenas na fachada este e oeste.

É neste âmbito que a proposta procura prorrogar e preservar algumas das pré-existências tais como as paredes exteriores da fábrica e a chaminé, sendo estes, elementos identitários do lugar.

Devido ao estado de degradação do edifício é quase impossível a preservação de grande parte das paredes, lajes e pisos do interior da fábrica. Posto isto, opta-se pela reconstrução de alguns destes elementos com novos materiais, permitindo uma melhor identificação dos elementos reabilitados e preservados, dos elementos novos (relação Passado-Presente).



75 | Referência da estrutura metálica em Aço e a reinterpretação dos pilares.

76 | Corte á mão levantada onde se pode identificar a cobertura, a nave central e a estrutura interior metálica afastada das paredes existentes

Quanto às fachadas exteriores, pré existentes, a degradação do reboco de cal aéreo mostra a sua constituição interior. Assim, é utilizado betão armado como solução para a insuficiência estrutural das mesmas e é colocada uma viga de bordadura para a sustentação das paredes do novo piso e da cobertura.

A alvenaria de pedra calcária e tijolo burro irregular são mantidos, sempre que possível, e revestidas com uma argamassa de cal branca que após a aplicação é raspada conferindo-lhe um aspeto idêntico ao original.

Esta recuperação propõe manter os vãos originais e afastar a nova intervenção para que, desta forma, se salvguarde as características das fachadas que funcionam como uma “capa” protetora dos elementos novos (estrutura metálica, lajes interiores). A ideia projetual apoia-se na flexibilidade para possíveis intervenções futuras (seja de manutenção ou nova construção), protegendo as fachadas de danos que possam ser causados pelas mesmas.

A estereotomia da caixilharia dos antigos vãos da fábrica (das paredes exteriores, bem como nas naves centrais) são mantidos praticamente na sua totalidade. Contudo, visto precisarem de intervenção, e enquanto elementos novos, serão redesenhados de uma forma mais contemporânea, onde a caixilharia preta, de dimensões pequenas³⁸, pretende destacar-se das paredes brancas de cal aéreo.

No interior, propõe-se uma estrutura metálica independente das paredes exteriores da antiga fábrica. Esta nova estrutura é composta por duas fileiras de pilares em aço, de secção circular, que suportam o peso das lajes colaborantes e tem por base ideológica a memória da antiga estrutura, também ela composta por pilares metálicos circulares, recriando assim o ambiente anteriormente vivido. Assim, estes pilares serão inspirados nos antigos e redesenhados de uma forma contemporânea, e as vigas em aço, de secção em I, à vista pretendem realçar o antigo carácter industrial deste edifício.

A utilização dos materiais nas paredes interiores deve servir dois propósitos, primeiramente a criação de espaços acusticamente confortáveis, devido ao programa escolar proposto e a continuidade arquitetónica da dualidade entre o novo e o antigo (o proposto e o existente). Desta forma, serão revestida a com isolamento acústico e terão um acabamento de Aço Corten.

³⁸ Ver em anexo Referências Projetuais: Reconversão do Convento de Santa Maria do Bourgo

Nas salas de trabalho e workshops, são utilizados painéis deslizantes com o mesmo material, priorizando a ideia de flexibilidade de espaços. No pequeno auditório de apresentação de trabalhos, também são utilizados painéis de madeira, neste caso pivotantes.

A cobertura é o elemento que pertence ao “invólucro” do edifício e é desta forma que é constituída por uma estrutura, também ela metálica, suportada nas paredes exteriores.³⁹

A repetição dos perfis metálicos de suporte da cobertura permite a criação, tanto de um ambiente industrial, como permite a fixação de vidro para que possa entrar bastante luz natural para o interior do edifício e originando vários jogos de Luz-Sombra.

Estes perfis metálicos são em Aço de secção em I, e será aplicado um acabamento com placas de Aço Corten, tomando esta nova construção num elemento de destaque que se evidencia dos elementos construtivos antigos. Os caixilhos serão colocados de forma a não serem perceptíveis na fachada exterior do edifício, criando uma linguagem contínua e contemporânea. Todas as placas de Aço Corten deverão levar um tratamento, camada de patina⁴⁰, de forma a não perder tanta cor e não tingir outros materiais.

Grande parte do pavimento das áreas de circulação do piso térreo é composto por lajetas de pedra que nos permite relembrar a estrutura das azinhagas tão presentes por todo o vale.

Nos pavimentos das áreas de serviço e dos pisos superiores (primeiro e segundo pisos) é utilizada uma betonilha de regularização, com acabamento de resina auto-nivelante Epoxy, característica de espaços industriais que, devido à sua homogeneidade, permite a facilidade na limpeza e manutenção dos espaços.

³⁹ Ver em anexo Referências Projetuais: Novo e Velho Armazém de Farinha de Rotermann

⁴⁰ A patina é uma camada protetora invisível, aplicada ao Aço Corten, para aumentar a durabilidade do material, e auxilia a diminuir o óxido libertado através das chuvas, e consequentemente a preservar as características cromáticas tanto deste material, como dos materiais em contato com o mesmo.

Casa das Caldeiras: Mercado Biológico

Quanto ao antigo edifício das caldeiras da Tinturaria que agora alberga o mercado Biológico, é proposta uma estrutura semelhante á atual, de modo a manter o seu carácter original. A abertura dos vãos são mantidos, na sua maioria, e a caixilharia é igual á utilizada na fachada em arco da tinturaria. O pavimento, terá uma inclinação mínima (entre 1 a 2%) para escoamento de água, de forma a facilitar a sua limpeza.

Edifício das hortas sociais

Os volumes de anexos pertencentes às hortas urbanas são compostos por elementos semelhantes ao proposto para o edifício principal, criando uma homogeneidade em todo o complexo. A sua estrutura é de betão armado e a entrada para cada anexo é feita por painéis pivotantes de madeira que permitem a entrada de Luz natural.

A área social, terá painéis de madeira deslizantes de forma a permitir usufruir de uma área maior e de um contacto direto com o exterior (e com a natureza). A escolha da madeira prende-se na utilização de um material natural, de forma a conseguir enquadrar-se nas características “naturais” dos espaços envolventes

Considerações Finais

A reflexão sobre o passado do local que se propôs trabalhar tornou-se um elemento indispensável, pois só assim se pode relacionar a memória do lugar com a nova página de história que este local terá para contar no seu futuro. Percebe-se assim que o passado deve ser o fio condutor de conhecimentos e memórias, projectando-as no presente e proporcionando um futuro com mais significado.

Contudo, a importância de trabalhar com o património não deve ser esquecida. Estes objetos do passado, carregam a história de todos nós entre as suas paredes impregnadas de memórias e deste modo, não devem ser vistos como objetos estagnados num espaço e tempo, mas sim como elementos caracterizadores e de referência, capazes de potencializar imensas possibilidades culturais, ecológicas e sociais. A sua reabilitação e reutilização deverão ajudar à sua reintegração na sociedade contemporânea.

É neste contexto que a proposta visa reescrever uma nova linha de história ao complexo da Tinturaria Portugália, pensada de forma a mudar a realidade social, urbana e cultural vivida no território que se encontra. Com isto, pretende-se reverter a tendência ao abandono e esquecimento deste tipo de edificado, dando-lhe uma nova vida, uma nova existência.

De forma a recolocar a Tinturaria no mapa da cidade de Lisboa, criaram-se espaços de convívio e de ensino, que incentivem as vivências em comunidade e a partilha, não só para os residentes mas para quem ali passa.

A proposta defende uma abordagem que mantenha “vivo” o passado, onde as pré-existências são respeitadas e é introduzida uma nova estrutura que serve como ponto de encontro entre o passado e presente do património. É nesta linha temporal do património que se encontra uma forma de cuidar e impulsionar um futuro mais promissor, através da reutilização de espaços onde se criam melhores condições de trabalho e ensino. O Património Industrial, que é de todos nós, é reutilizado e vivenciado, fugindo da sua museificação.

Assim, o programa proposto deixa o testemunho do passado para as gerações futuras e simultaneamente procura resolver as necessidades atuais da população.

Este Projeto Final de Mestrado oferece a possibilidade de demonstrar que todos os lugares têm uma história para contar, quer seja um edifício individual, um terreno de intervenção ou um território e que cada intervenção no tempo de um lugar determina a sua unicidade, valor e significado.

Só após perceber o seu valor, é que se pode compreender a importância de reintegrar estas comunidades dentro da grande cidade, criando novas formas de sociabilidade, cultura, educação e produção, adaptadas ao arrojado mundo contemporâneo.

Referências Bibliográficas

Livros:

- AGUIAR**, José; **ROSA**, Daniela (editores) (2016) - O Futuro da Memória da Manutenção Militar. 2015-2016 Conservação, Restauro e Reabilitação. Lisboa: FA ULisboa, [Livro digital]
- ALVÉS**, Gille (1999) - O património industrial – um território promissor”; in Património – Encontros de Divulgação e Debate em Estudos Sociais;
- APPLETON**, João (2003) - Reabilitação de Edifícios Antigos. Patologias e Tecnologias de Intervenção; Edições Orion; Lisboa
- BRANDI**, C (1977) - Teoria del Restauro, Roma: Einaudi.
- CANDAU**, Joël (2005). *Antropologia da Memória*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CASTRO**, Armando (1978) - A revolução Industrial em Portugal no séc. XIX”; Editora Lumiar
- CHAUI**, Marilena (2000). Convite à filosofia. Ed. Ática. São Paulo
- CHOAY**, Françoise (2017); Alegoria do Património; Lisboa: Edições 70.
- COLIN**, Elianor; **SYMONDS**, James (2005) - *Industrial Archaeology; Future Directions*; Nova Iorque, Springer;
- CONSIGLIERI**, Carlos, **RIBEIRO**, Filomena, **VARGAS**, José e **ABEL**, Marília (1993) - Pelas Freguesias de Lisboa - Volume 2. 1.a ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa
- COUCEIRO**, João; Urbanismo e património; Lisboa; Igaphe Urbe 1998.
- FERREIRA**, Vitor Matias (2004) - Fascínio da Cidade: Memória e Projecto da Urbanidade, Lisboa: ISCTE; Ler Devagar;
- FIGUEIRA**, Jorge, **MILHEIRO**, Ana Vaz (2005) - Fim da fábrica, o início da ruína, in **GARCIA BRAÑA**, Celestino, **LANDROVE**, Susana, **TOSTÕESS**, Ana - A Arquitectura da indústria; 1925-1965;
- FOLGADO**, Deolinda; **CUSTÓDIO**, Jorge (1999) - Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte,
- GRACIA**, F. (2001) - Construir em lo construído; Nerea Editorial.
- GUIMARÃES**, Carlos (2005) - Arquitectura e industria modernas (1925-1965), in **GARCIA BRAÑA**, Celestino, **LANDROVE**, Susana, **TOSTÕESS**, Ana - A Arquitectura da indústria, 1925-1965.

HEITOR, Teresa (2001). A vulnerabilidade do espaço em Chelas: uma abordagem sintáctica. Editora: Fundação Calouste Gulbenkian.

KONG, Mário (2013) - Central Tejo - Uma abordagem da arquitetura Industrial. Insidecity, Lda.

LE GOFF, Jacques. (1997). "Memória" in AAVV. "Enciclopédia Einaudi". Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira. Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Volume I.

LEITE, António; **FELICIANO**, Ana - Memória, Arquitectura e Projecto

FURTADO, Mário (1997). Do Antigo Sítio de Xabregas. Lisboa: Editor Vega

FURTADO, Mário (1997). Do Antigo Sítio de Xabregas. Lisboa: Editor Veja.

MENDES, José Amado (2002). Industrialização e património industrial: desenvolvimento e cultura.

MOITA, Irisalva, (1994) - O Livro de Lisboa, Editora Livros Horizonte.

MUNCE, James F. (1960) - Industrial Architecture. An Analysis of international building Practice"; New York; F.W.Dodge Corporation;

PALLASMAA, J. (1996) - The eyes of the skin: Architecture and Sense; Londres Academy Editions;

PEREIRA, Nuno Teotónio; (1995) - Pátios e Vilas de Lisboa 1870 – 1930: a promoção do alojamento operário; *Análise Social*, [pp. 509-524].

PORTUGUEZ, Anderson Pereira (2004) - Turismo, Memória e Património Cultural; São Paulo;

RIOUX, Jean Pierre (1977) - A revolução industrial, Publicações D. Quixote;

ROBERTS, Peter e **SYKES**, Hugh (2000) - Urban Regeneration; 1.a ed. London: SAGE Publication,. [p. 320]

RODRIGUES, Manuel Ferreira e **MENDES**, José M. Amado; (1999) - História da Indústria em Portugal, da Idade média aos nossos dias; 1.a ed. Lisboa: Publicações Europa América, [p. 492]

SALOMONE, Nino - Causas sociais da Revolução Industrial, Editorial Presença.

SOCZKA, Luis; in **MATOS**, Carolina (2014). O som do tempo: Reabilitar Santa Marta. Lisboa

VALDEMAR, António (1989). chiado; "O Peso da Memória" Edições Lisboa. Lhapa

Artigos:

LIMA DE FARIA, Margarida e Renata de Almeida (2006) - A Problemática da Identidade e o Lugar do Património num Mundo Crescentemente Cosmopolita; in *Comunicação & Cultura*, nº 1, pp. 117-133; 2006;

NUNES, J. e A. Serqueira (2011) "O Fado de Marvila. Notas sobre a origem citadina e o destino Metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa" Em Fórum Sociológico [online] 2011;

RODRIGUES, Donizete. Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica, *in Universidade da Beira Interior*.

Teses:

BARBOSA, Rita Dias (2009) - Reabilitação Sustentável de Edifício Industriais – o caso da zona industrial do bairro de Alvalade; Dissertação para Obtenção do grau mestre em Arquitetura no IST,

GOMES, Afonso N. S. C. (2016) - Memória Industrial. Proposta de Reabilitação do Boqueirão do Duro"; Projecto final de mestrado para obtenção de grau mestre em Arquitetura;

MARTINS, Luísa Pimentel. "O Loft (n)O Património Industrial (d)A Cidade". Coimbra. Tese mestrado FCT Universidade de Coimbra. 2009

MIHIC, Neda; "Património Industrial como Nuevo Paisaje Cultural"; Dissertação para obtenção de grau Mestre em Estudos Urbanos em Regiões Mediterrânicas na FA-UTL; 2012

SOLDANO, Lapo (2016) - Reabilitação Urbana de uma Área Industrial Devolvida, Lisboa, FAUL.

Publicações:

CORBOZ, André (1938) - "Le territoire comme palimpseste", Diogenes nº 121.

Documentos Online:

CML, Câmara Municipal de Lisboa

Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-eficazes/plano-de-urbanizacao-do-valede-chelas-proposta-de-revogacao>

Acedido em: Outubro de 2017

ARU, Vale de Chelas

Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/reabilitacaourbana/aru-vale-de-chelas>

Acedido em: Novembro de 2017

NODU - Duisburg Nord Landscape Park

Latz + Partner

Disponível em: <http://www.latzundpartner.de/en/>

Acedido em: Outubro de 2017

Landschaftspark

Disponível em: <http://en.landschaftspark.de/>

Acedido em: Outubro de 2017

Casa das Caldeiras

Universidade de Coimbra

Disponível em: <http://www.uc.pt/ruas/inventory/mainbuildings/caldeiras>

Acedido em: Fevereiro de 2018

Arch Daily

Disponível em: https://www.archdaily.com/62876/casa-das-caldeiras-joao-mendes-ribeiro-e-cristina-guedes?ad_medium=gallery

Acedido em: Fevereiro de 2018

ANEXOS

Índice de anexos

Anexo I | Documentação Histórica

1. Cartografia e iconografia Histórica

Anexo II | Levantamentos da área de intervenção

1. Documentação sobre a Fábrica Tinturaria Portugália
2. Registos fotográficos históricos

Anexo III | Complementos ao projeto

1. Registo Fotográfico da Fábrica
2. Referências de intervenção urbana NPK
3. Referências Projetuais

Anexo IV | Processo de Trabalho

1. Conversa informal com o Sr. José
2. Esquços e perspetivas do desenvolvimento do trabalho
3. Registo fotográfico de maquetes

Anexo V | Peças Desenhadas

1. Plantas de Enquadramento da Proposta Urbana (1:20000 e 1:1000)
2. Planta de Localização da Proposta Urbana e Perfis (1:500)
3. Planta Piso Térreo da Proposta Arquitetónica (1:200)
4. Primeiro Piso da Proposta Arquitetónica (1:200)
5. Segundo Piso da Proposta Arquitetónica (1:200)
6. Planta de Cobertura da Proposta Arquitetónica (1:200)
7. Cortes e perspetivas/*renders* interiores da Proposta Arquitetónica (1:200)
8. Alçados e perspetivas/*renders* interiores da Proposta Arquitetónica (1:200)
9. Corte Construtivo (1:50)
10. Alçado e Corte construtivo (1:20)

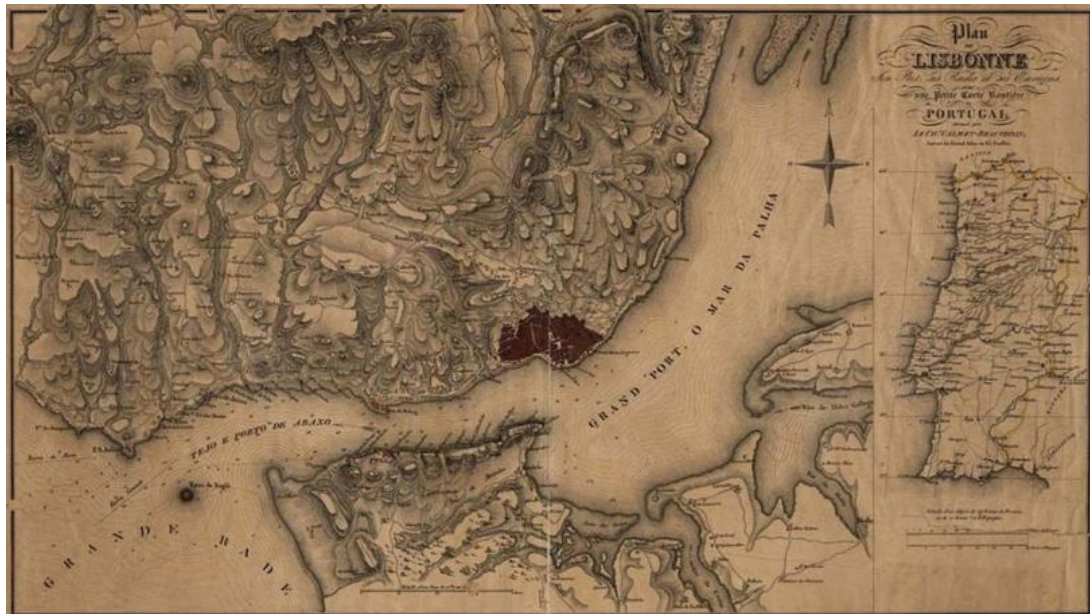
Anexo I | Documentação Histórica

I. Cartografia e iconografia Histórica



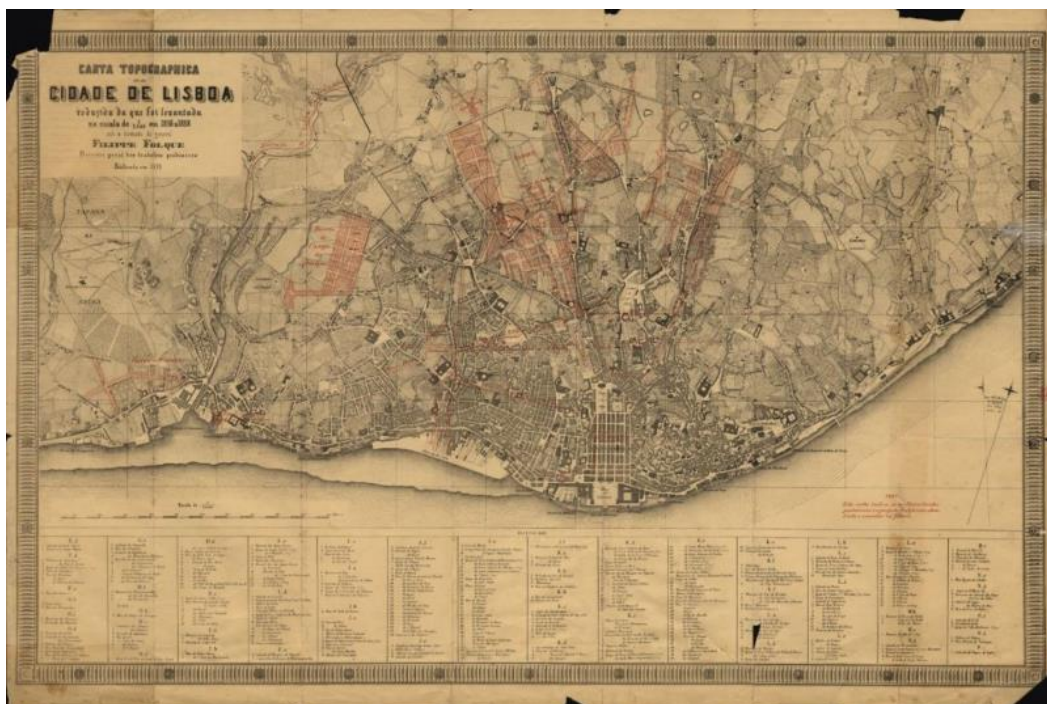
I | Gravura de Lisboa, zona ribeirinha (1572) Georg Braun e Franz Hogenberg.
Fonte: Barry Lawrence Rudemann – Antique Maps

2 | Gravura de Lisboa (1598) Georg Braun e Franz Hogenberg.
Fonte: <http://lisboa-e-o-tejo.blogspot.pt/2016/05/iconografia-de-lisboa-2-parte.html>



3 | Estuário do Tejo onde é visível os limites de Lisboa (s.d.), adaptado de Calmet-Beauvoisin
Fonte: CML

4 | Carta de Lisboa, onde é visível a expansão da cidade primeiramente para ocidente (1812), I. Tomkyns
Fonte: CML



5 | Planta topográfica da cidade de Lisboa, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, Col. Vieira da Silva, (1756)
Fonte: AML

6 | Planta topográfica da cidade de Lisboa, Filipe Folque, (de 1856-1858 e publicada a 1871)
Fonte: AML

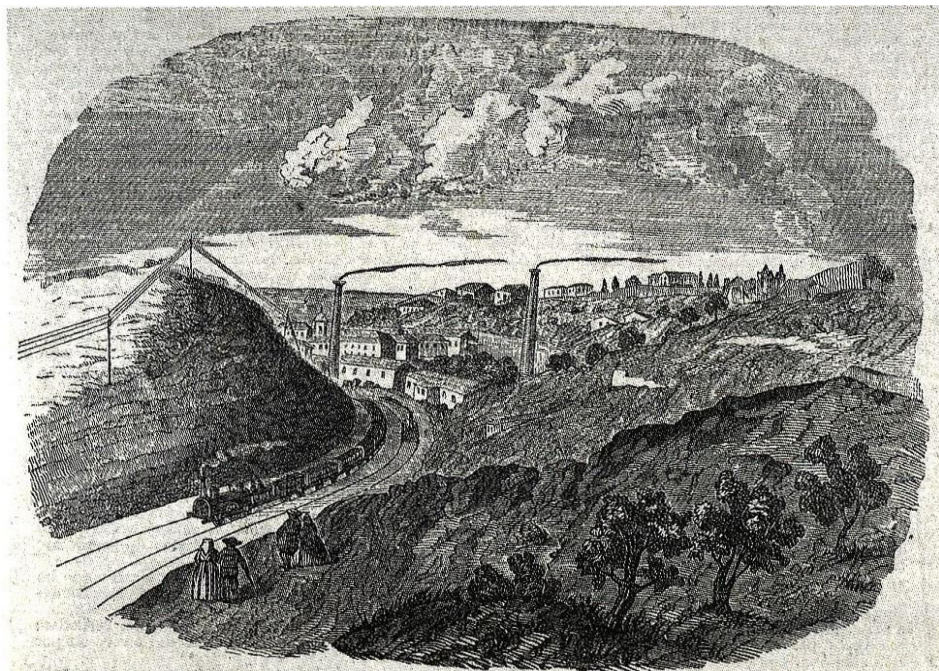


7 e 8 | Plantas do Vale de Chelas de Filipe Folque, onde se pode identificar a Fábrica da Tinturaria Portuguesa e os campos de cultivo existentes em Lisboa (1856-1858)
Fonte: AML



9 | Planta de Lisboa de J.F. Pallha (1875)
Fonte: AML

10 | Planta de Lisboa onde se pode identificar o Vale de Chelas, Silva Pinto (1911)
Fonte: AML



11 | Gravura do Vale de Chelas e os Caminhos-de-ferro, onde se pode ver a presença da paisagem industrial (1857)

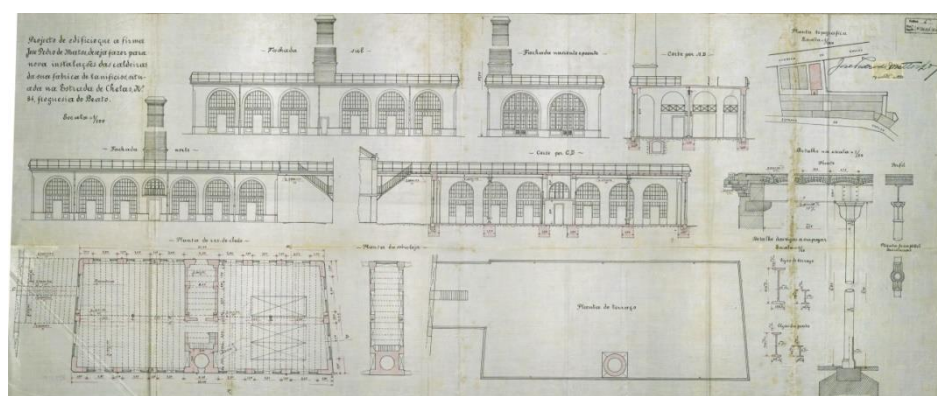
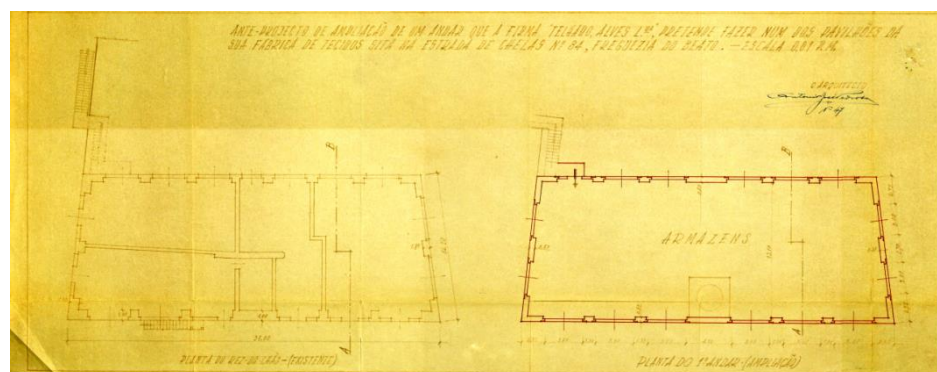
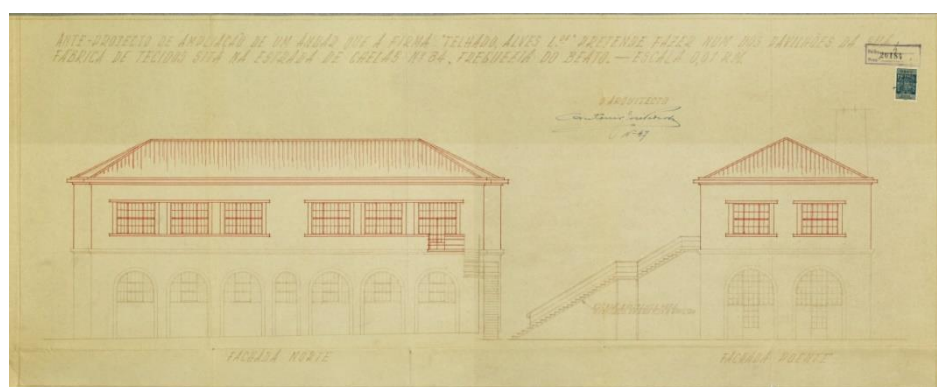
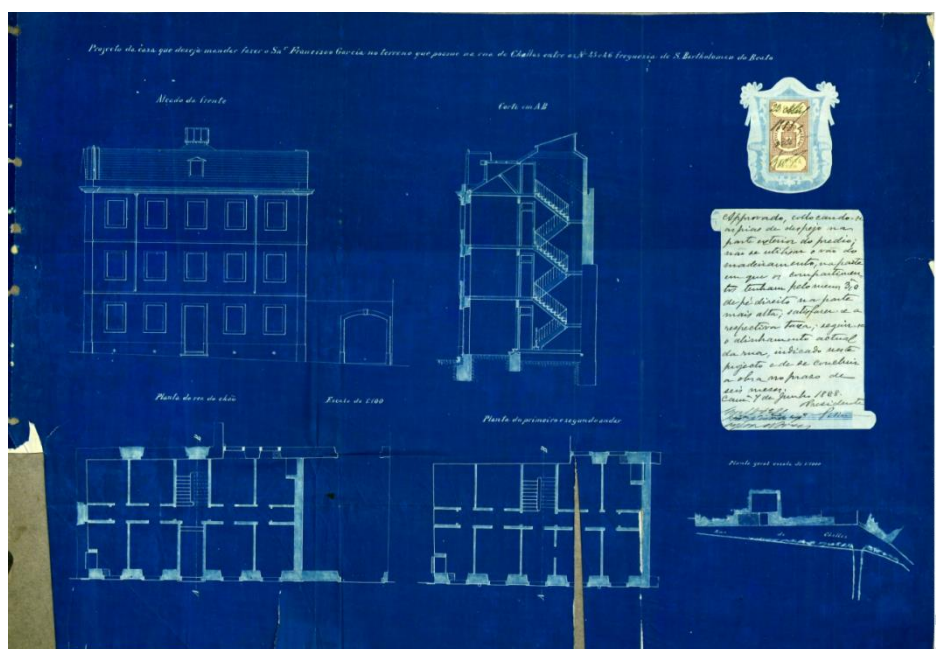
Fonte: *Archivo Pittoresco*

12 | Gravura do Viaduto de Xabregas, Desenho de Manuel Maria Bordalo Pinheiro, gravura em madeira de João Maria Batista Coelho (1857)

Fonte: *Archivo Pittoresco*

Anexo II | Levantamento da área de intervenção

I. Documentação sobre a Fábrica Tinturaria Portugália

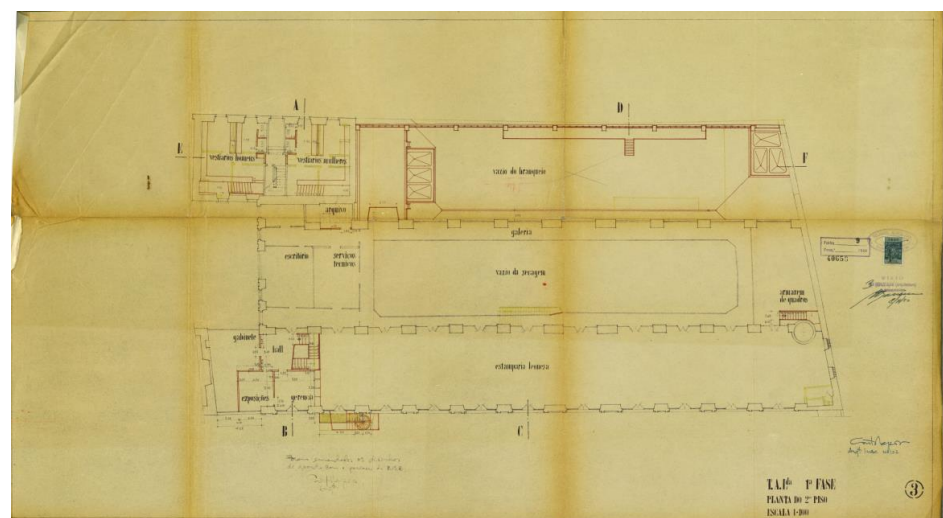
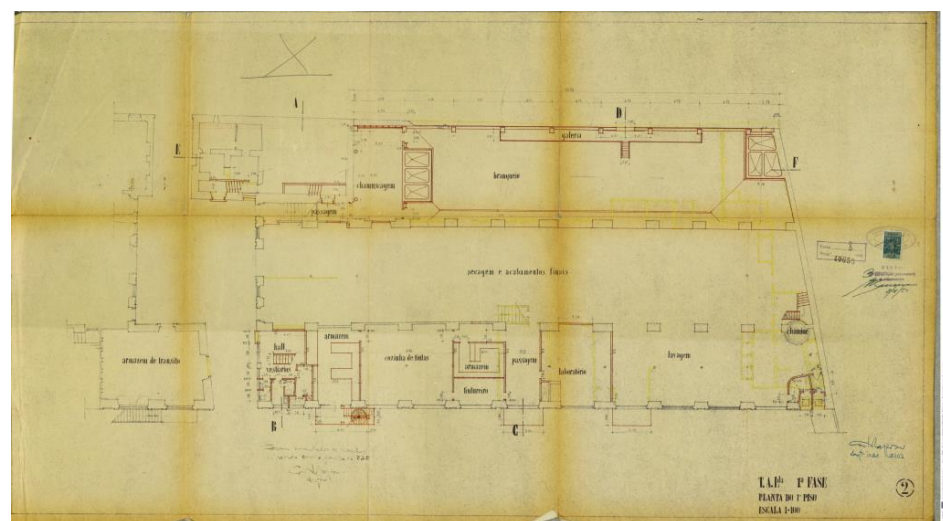
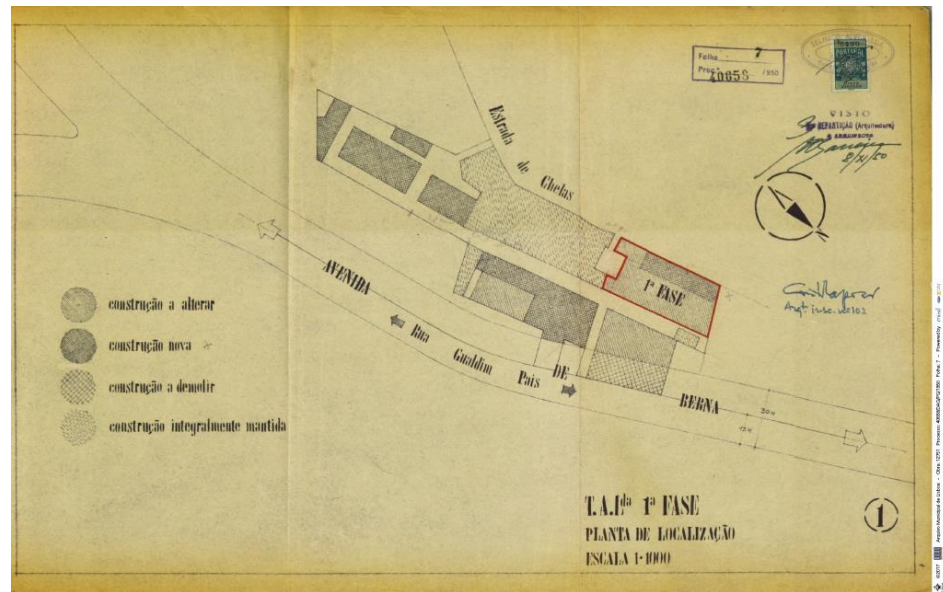


13 | Primeiro Registo da Fábrica
Tinturaria Portuguesa (1888)
Fonte: AML

14 | Ante Projeto de ampliação
da firma "Telhado Alves
Lda"(1947)
Fonte: AML

15 | Ampliação do Edifício das Caldeiras (1947)
Fonte: AML

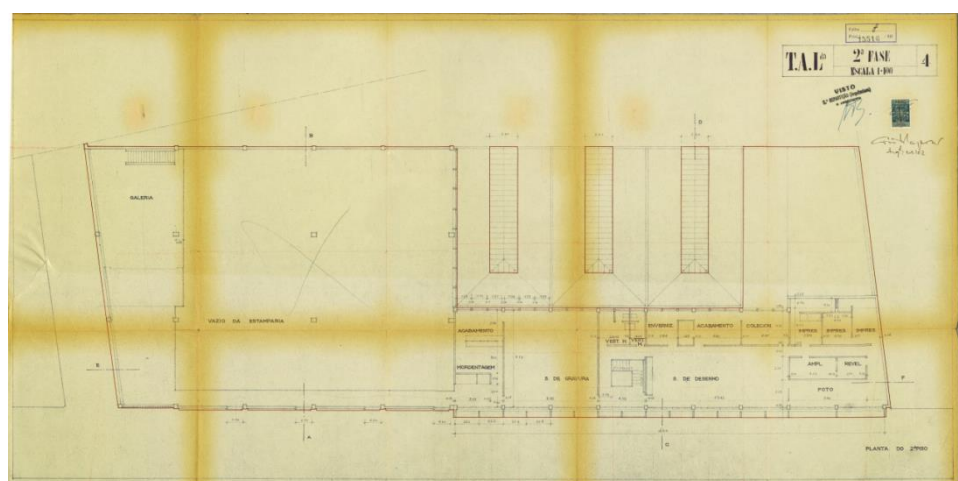
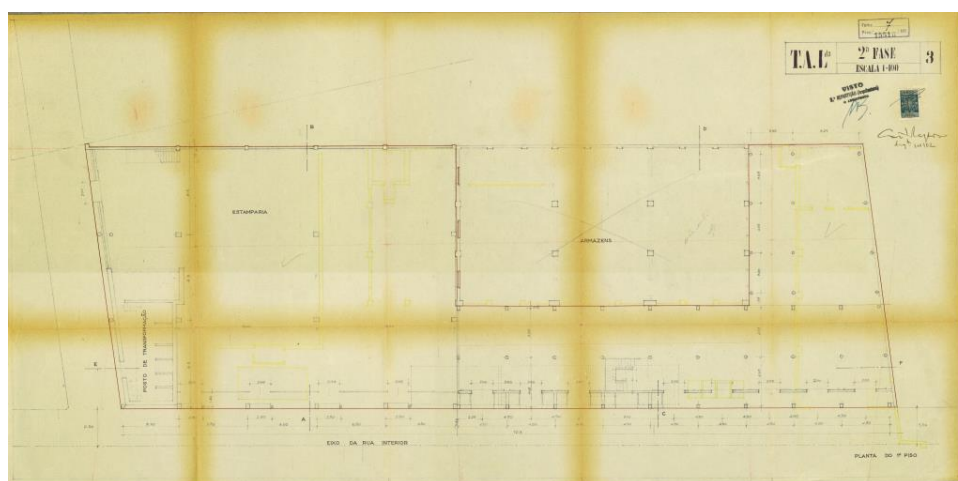
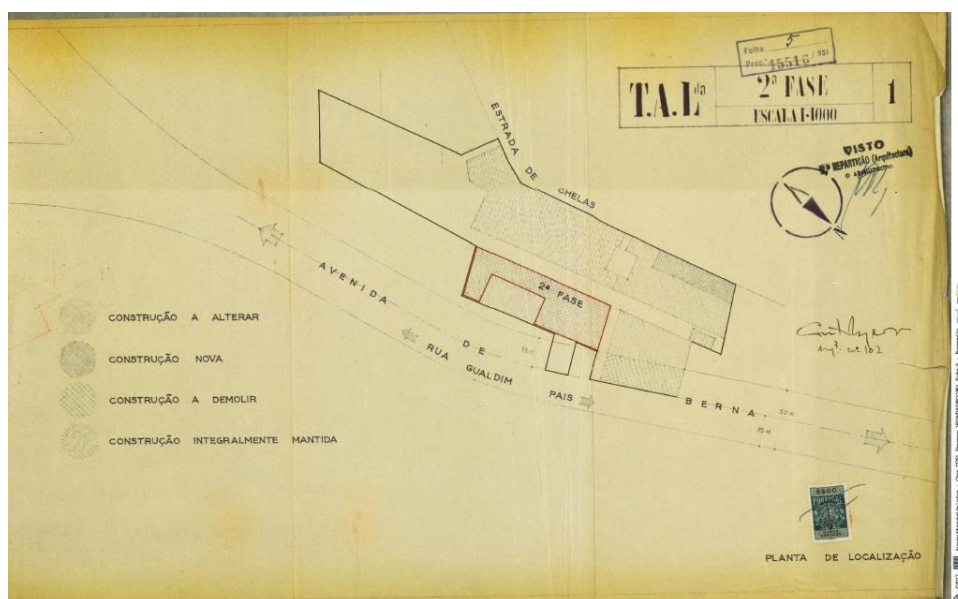
16 | Edifício das Caldeiras
(1920)
Fonte: AML



17 | Fases de construção e alterações da Fabrika Tinturaria Portugália (1951)
Fonte: AML

18 | Planta Piso 0 da Fase I
(1951)
Fonte: AML

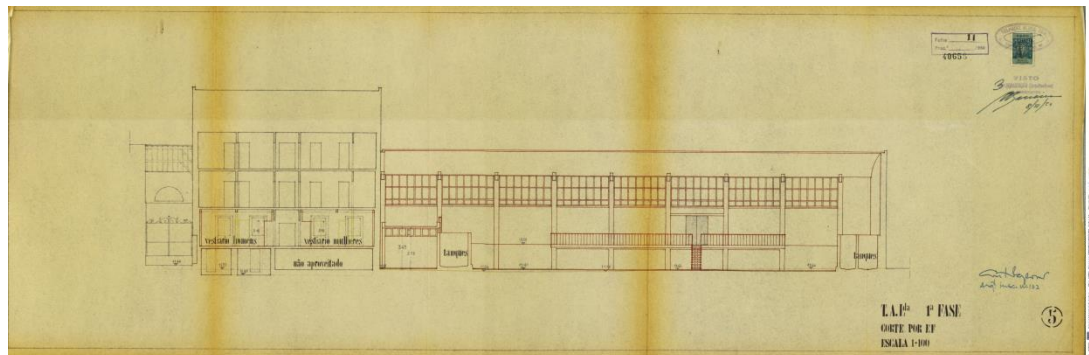
19 | Planta Piso I da Fase I
(1951)
Fonte: AML



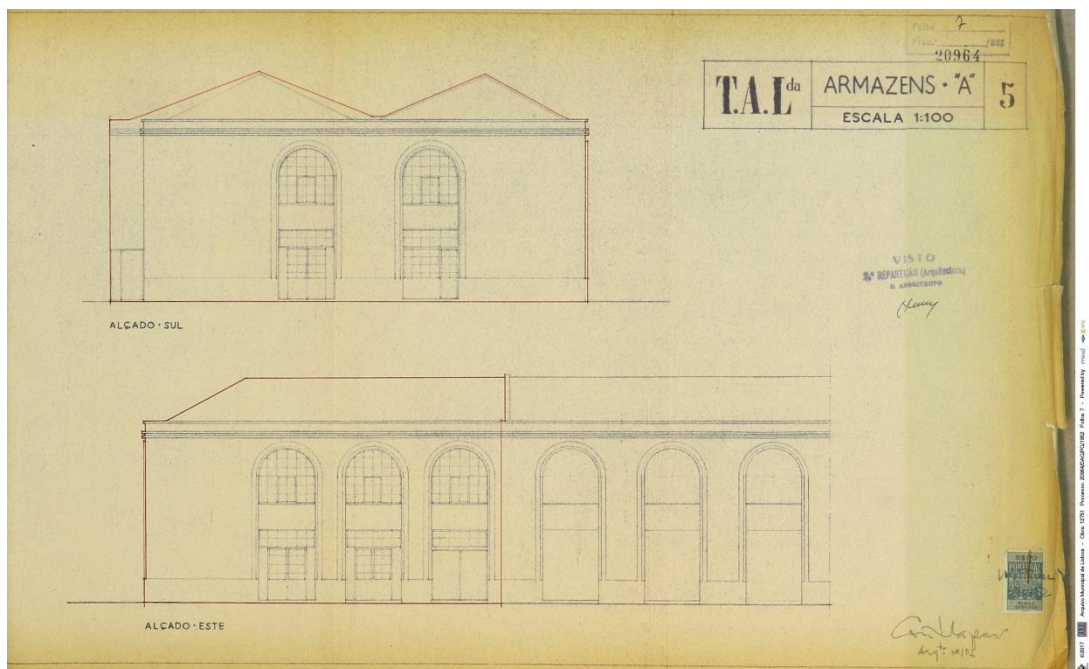
20 | Localização - Fase 2 (1951)
Fonte: AML

21 | Planta Piso térreo da Fase 2 (1951)
Fonte: AML

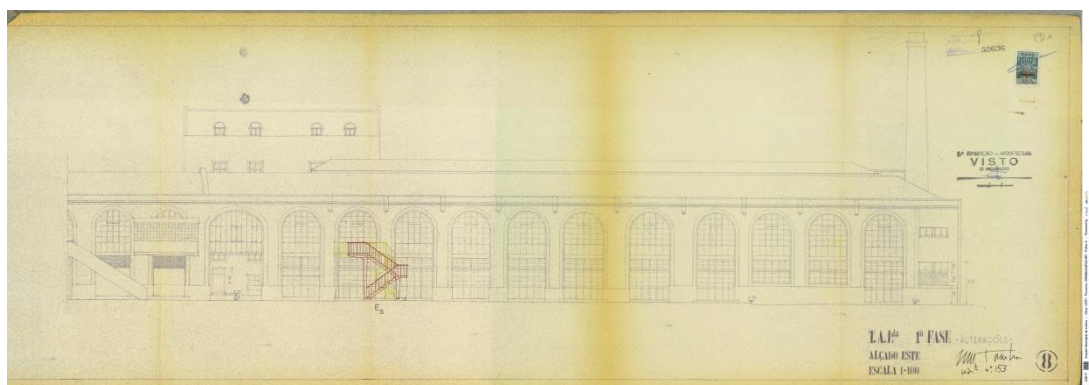
22 | Planta Piso I da Fase 2 (1951)
Fonte: AML



23 | Corte do edifício de Habitação e nave norte da fábrica de tecidos - Fase I (1950)
Fonte: AML



24 | Alçados sul e este do edifício da fábrica "amidex" - Fase I (1952)
Fonte: AML



25 | Alterações da Fachada Principal - Fase I (1957)
Fonte: AML



© 2017 Arquivo Municipal de Lisboa - Obra: 12751 Processo: 11302CED011965 Folha: 27 - Powered by mind



© 2017 Arquivo Municipal de Lisboa - Obra: 12751 Processo: 11302CED011965 Folha: 27 - Powered by mind
Fundo: 15152 Morada: ESTRADA CHELAS, 74 A 88 e RUA GUALDIM PAIS, 97

26 | Implantação da Fábrica Tinturaria Portugália entre a Estrada de Chelas e a Rua Gualdim Pais (1979)
Fonte: AML

27 | Planta de Localização, onde se vê parte da Tinturaria (na margem esquerda) (1979)
Fonte: AML

Anexo II | Levantamento do Vale

2. Registos fotográficos históricos



28 | Vista Aérea da zona do Poço do Bispo e do lado oriental do Porto de Lisboa (1979), com a presença industrial da frente Ribeirinha
Fonte: AML

29 | Vista panorâmica do Vale de Chelas (1950), Ainda é possível ver as chaminés caracterizadores do lugar.
Fonte: AML



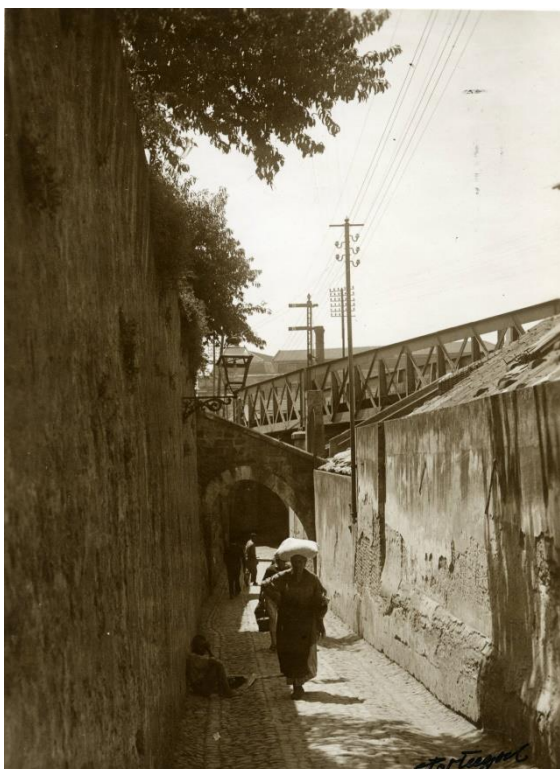
30 | Vista da zona industrial de Xabregas, apartir do Rio Tejo, foto de eduardo Portugal, (1949),



31 | Vista aérea do B° Madre de Deus a Alvalade, fotografia de Mário Oliveira, (s.d.),
Fonte: Arquivo Fotográfico CML



32 | Ortofotomapa do Vale de Chelas (1990),
Fonte: CIGeoE – Centro de Informação Geoespacial do Exército



31 e 32 | Antigo Mercado de Xabregas (1939) e o registo das inundações de 1950 (à esquerda), fotografia de Eduardo Portugal e Ferreira Cunha (respectivamente),
Fonte: AML

33 e 35 | Mercado Municipal de Xabregas (1967) fotografia de João H. Goulart e João Oliveira (respectivamente),
Fonte: AML

34 | Arco do Beco dos Toucinhos e o Viaduto de Xabregas (s.d.), fotografia de Eduardo
Fonte: AML



35 | Vista Panorâmica da Tinturaria Portugal e o cemitério do Alto de S. João (s.d.)
Fonte: AML

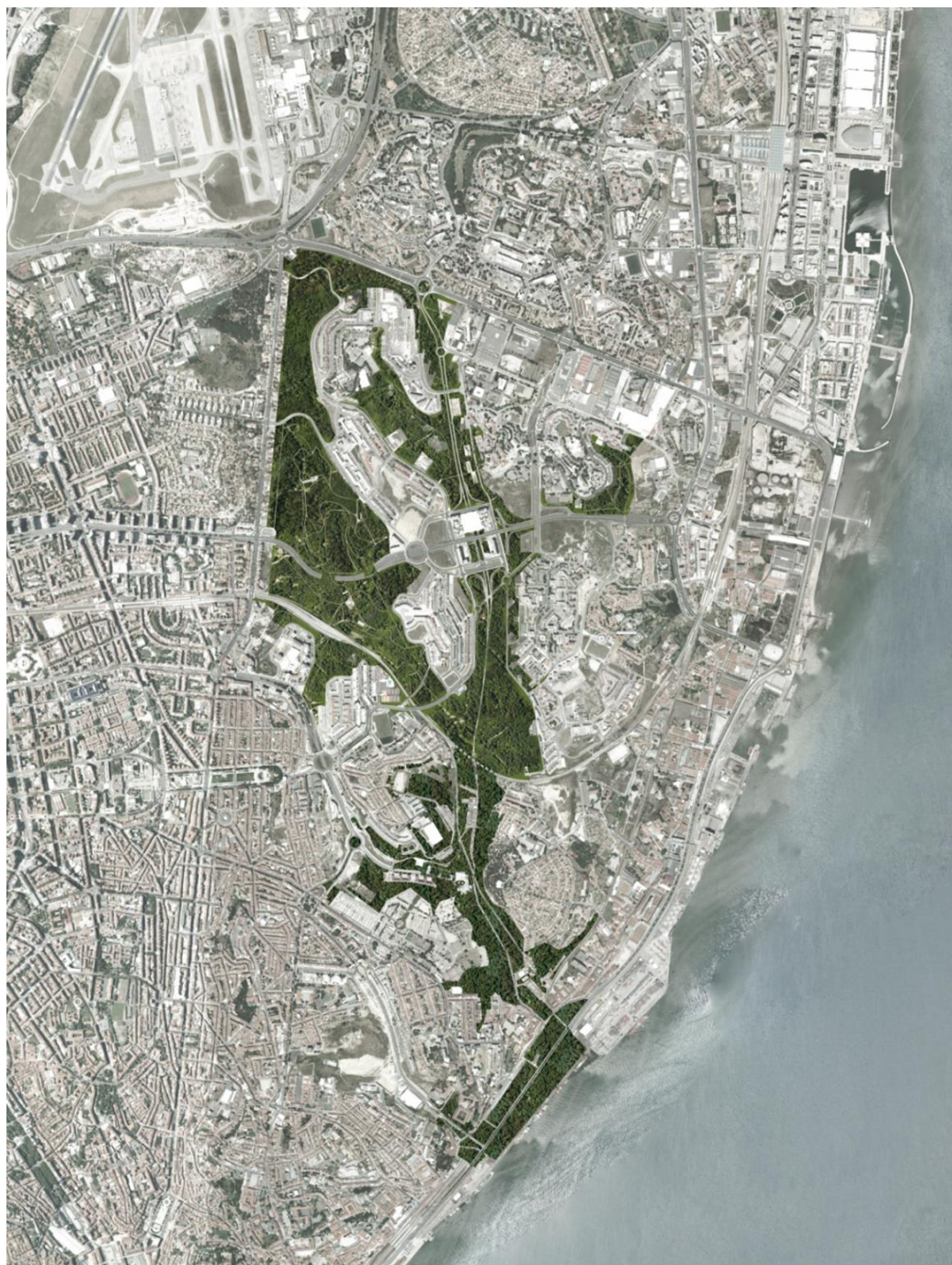
36 | Vista Panorâmica desde o cemitério do Alto de S. João (s.d.)
Fonte: AML

Anexo III | Complementos ao projeto

I. Referências de intervenção Urbana: NPK

CORREDOR VERDE ORIENTAL

“O CONJUNTO AGREGA 250 HECTARES DE ESPAÇOS BIOLOGIACAMENTE PRODUTIVOS” NPK



Proposta [Fase I]

"A CURTO PRAZO ASSOCIADO AO PROGRAMA DE REABILITAÇÃO URBANA EXISTENTE
(ARU VALE DE CHELAS)." NPK



Proposta [Fase 2]

"HORIZONTE TEMPORAL MAIS ALARGADO, AINDA SEM DATA PREVISTA ONDE SE VERIFICA A
MATURAÇÃO FINAL DO CORREDOR VERDE ORIENTAL" NPK



Sistema Hídrico

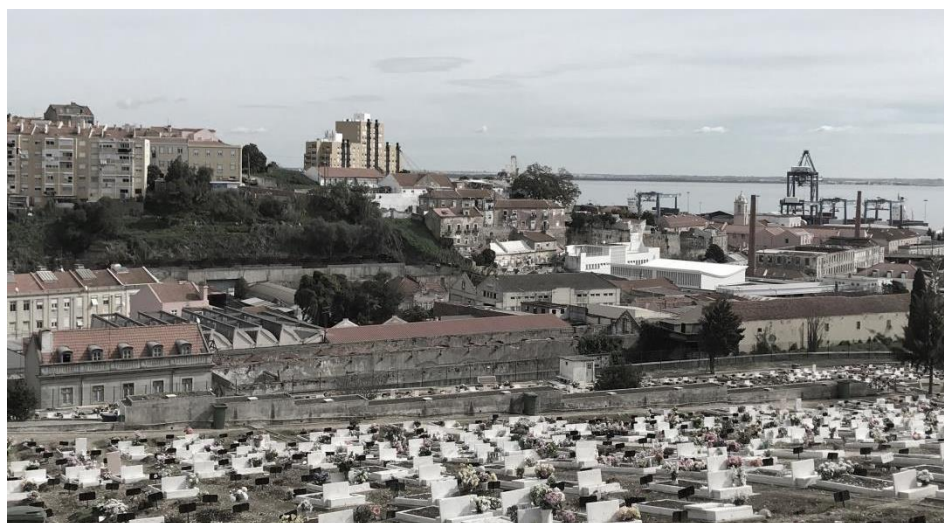


Sistema Edificado [Demolições]



Anexo III | Complementos ao projeto

2. Registos fotográficos da Tinturaria



Registos Fotográficos
elaborados pela autora (2018)



Registos Fotográficos
elaborados pela autora (2018)



Registos Fotográficos
elaborados pela autora (2018)





Registos Fotográficos
elaborados pela autora (2018)

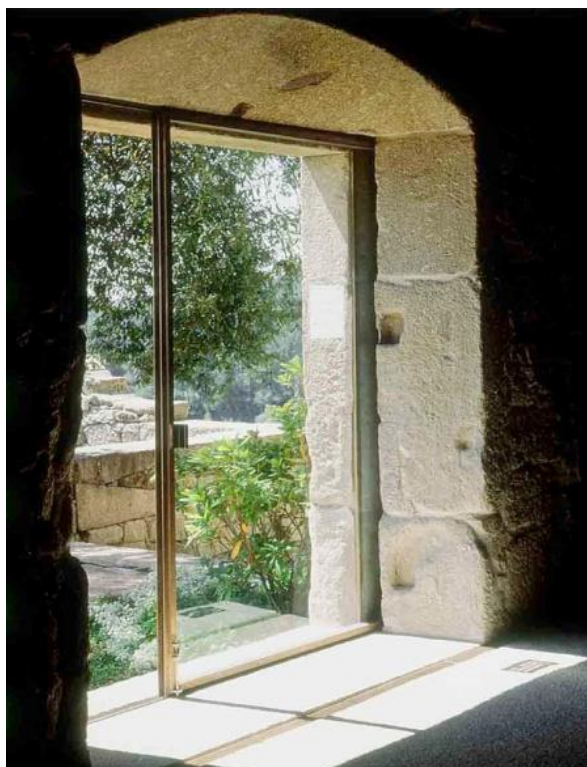




Registos Fotográficos
elaborados pela autora (2018)

Anexo III | Complementos ao projeto

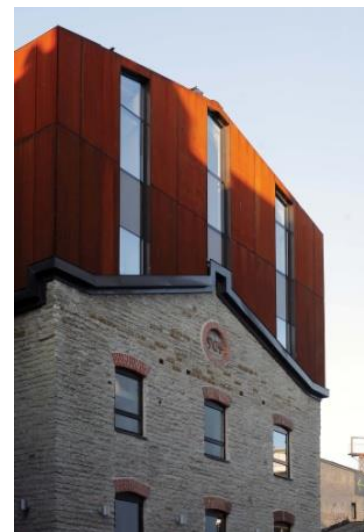
3. Referências Projetuais



Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro numa pousada (1989 / 1997)

Arquitetos: Eduardo Souto Moura e Humberto Vieira

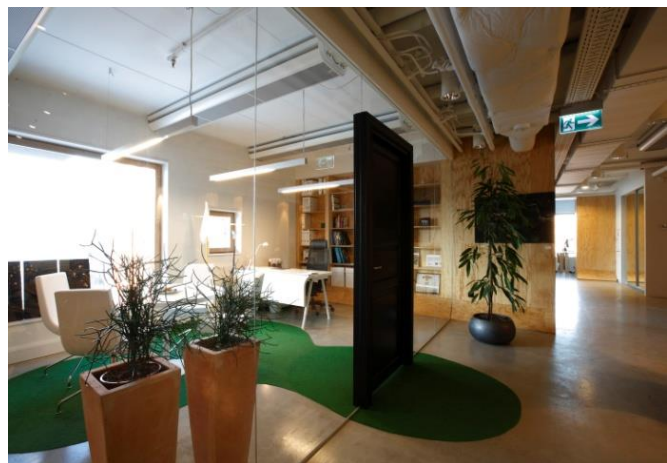
Fonte:
https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira?ad_medium=gallery

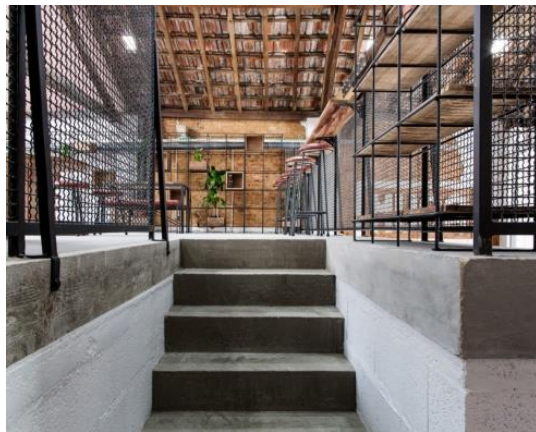


Novo e Velho Armazém de Farinha de Rotermann (2009)

HGA

Fonte:
<https://www.archdaily.com.br/br/758743/novo-e-velho-armazem-de-farinha-de-rotermann-hga-hayashi-grossschmidt-arhitektuur/5119463bb3fc4b07b9000061-rotermanns-old-and-new-flour-storage-hga-photo>





Musa Brewery (2017)

Paulo Moreira Arquitetos

Fonte:
<http://www.paulomoreira.net/projects/musa-brewery/>

Anexo IV | Processo de Trabalho

I. Conversa Informal com o Sr. José

Em 2018, numa das visitas à fábrica Tinturaria Portugália, teve-se o privilégio de falar com o Senhor José Tavares, o último residente do edifício de habitação.

O Sr. José, com 82 anos, nasceu e cresceu a ver o complexo de fábricas em funcionamento. Nessa conversa informal, mostrou-se relutante por ter de “abandonar” o local que o viu crescer por falta de condições, o que comprova a precariedade da habitação operária da época e a falta de convergência com a era contemporânea.

Ao longo de um percurso explicativo pelo edifício-mãe do complexo, o Sr. José, foi esclarecendo aspectos importantes sobre o mesmo. Falou que no seu tempo de miúdo, vagueava pela fábrica de tecidos (zona norte) onde o pai e a mãe trabalhavam. Disse existir um túnel de ligação ao Convento de São Félix de Chelas (a Norte do Vale), onde brincava com o seu melhor amigo, também filho de operários da fábrica e residente no edifício de habitação (que já tinha falecido).

Posteriormente esse túnel teria sido tapado e com o passar dos anos a sua existência teria sido esquecida. Nestas afirmações, o Sr. José estava convencido, tanto pelo túnel de ligação ao convento como pelas paredes em arco e disposição das naves da fábrica, que a fábrica a quando da sua construção teria sido também ela um convento. Contudo não passaria de rumores que circulavam de geração em geração e passo a citar, “ Isto é o que se dizia aqui. Os senhores meus pais já diziam isto mas eu nunca vi a fábrica a ser um convento portanto não lhe sei dizer com certeza.”.

Mostrou o local dos depósitos exteriores de água onde a fábrica tanto de tecido como de farinha Amidex retiravam a água para uso nas respectivas fábricas, se bem que já estavam desativados e tapados ora com o pavimento ora com tampas metálicas de pequenas dimensões. O que outrora fora utilizado, estava assim esquecido e totalmente desconfigurado da sua forma original. Sobre a fábrica Amidex, de produção de farinhas Saluzena, revelou que alguma da matéria-prima provinha do ultramar, em embarcações onde se pode denotar a importância da proximidade do porto de Lisboa e da localização da fábrica para a chegada dessas matérias-primas.

A importância desta fábrica na vida social e política do país foi ainda citada quando o Sr. José referiu na possibilidade de uma das donas da fábrica ter sido filha do presidente da república. Não foi possível verificar a veracidade desta afirmação, no entanto sabe-se que a fábrica foi alvo de visitas do presidente da república da época.

Segundo José, o edifício de habitação foi reabilitado pela CML (Câmara Municipal de Lisboa), em 2000. A reabilitação foi maioritariamente no seu exterior, no entanto não se encontram registos da mesma e não ajudou à melhoria de condições habitacionais do mesmo sendo que em 2017, o sr. José teve de ir morar com o filho devido às mesmas e ao isolamento do idoso naquele edifício.

No final, entre as paredes do pátio central, foram mostradas as fotografias únicas da fábrica de Tecidos que estavam na posse do Sr. José durante vários anos. Foram-lhe oferecidas, num álbum antigo, por um porteiro da fábrica, também residente no edifício de habitação, quando esta abriu falência. Estas fotografias da autoria de S a n t o s Lim a revelam todo o esplendor, robustez, carácter e identidade da fábrica em laboração e constituem um dos poucos registos fotográficos de fábricas em funcionamento da era industrial em Portugal, o que lhes confere um valor elevado.

Um agradecimento especial ao Sr. José que apesar de não ter autorizado a publicação das fotografias, mostrou-se sempre prestável para esclarecer qualquer dúvida sobre este marco industrial apelidado de Fábrica Tinturaria Portugália.

Anexo IV | Processo de Trabalho

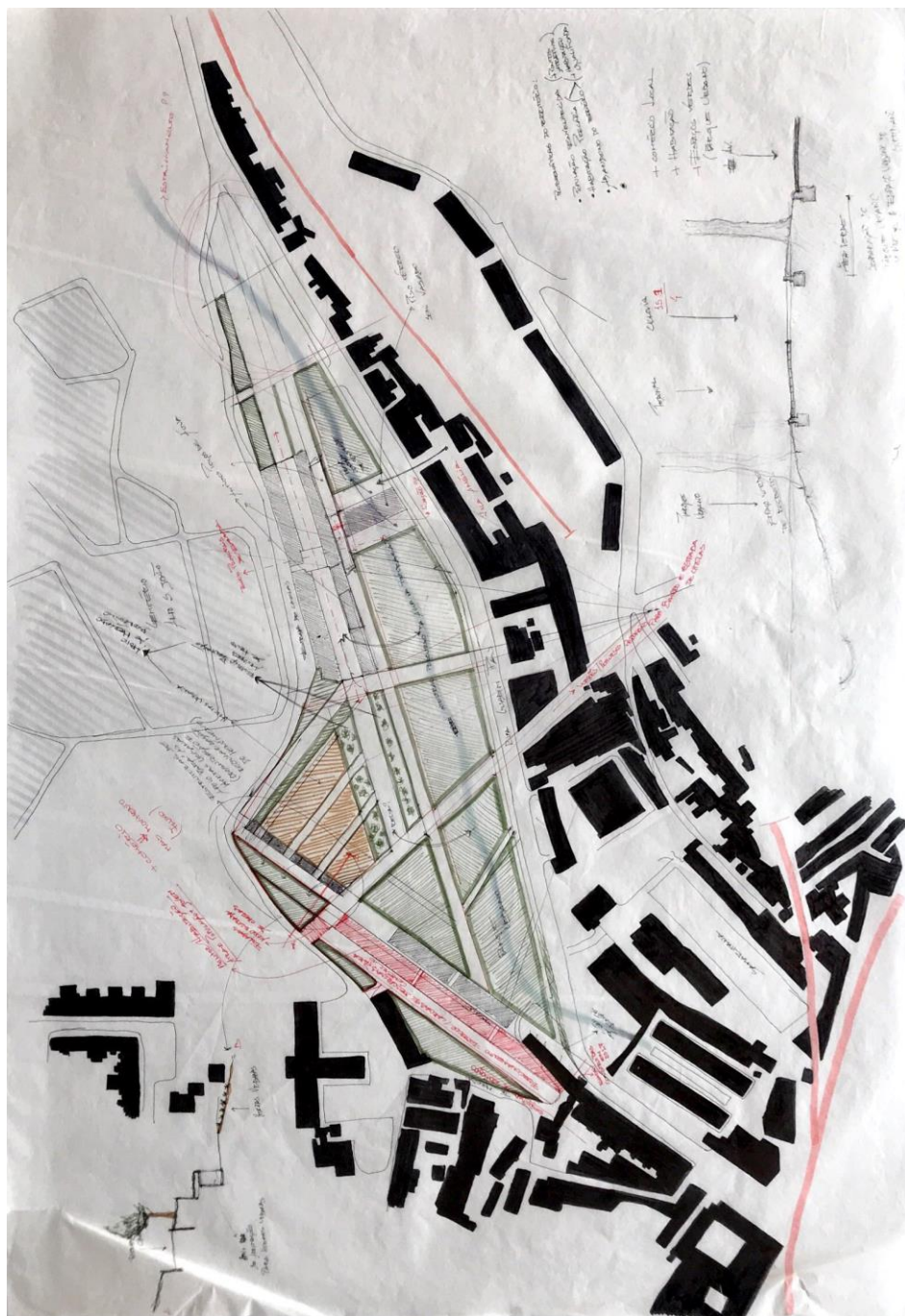
2. Esquços e perspetivas do desenvolvimento do trabalho



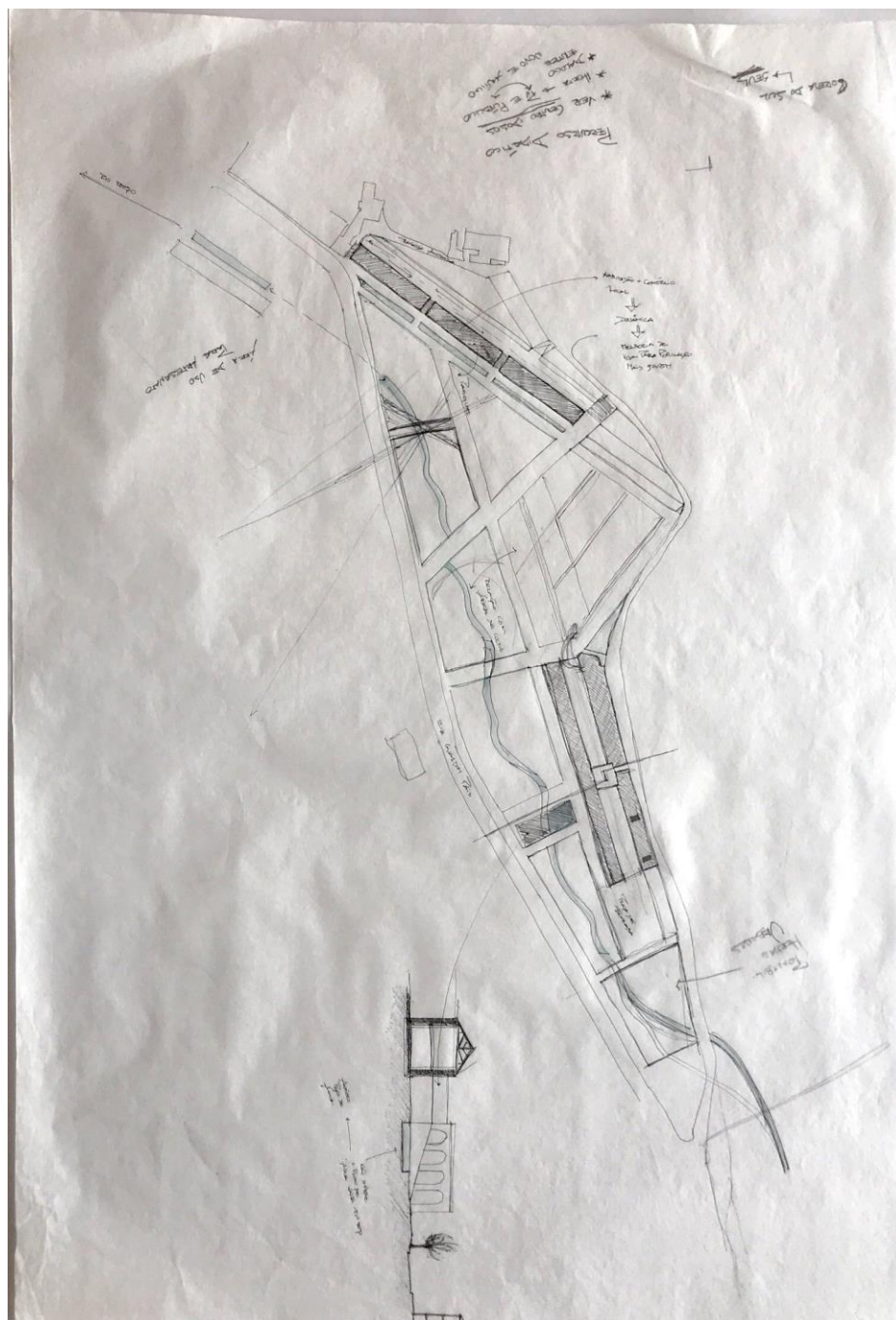
Esquços do desenvolvimento do projeto. – Portfólio
Elaborado pela autora.



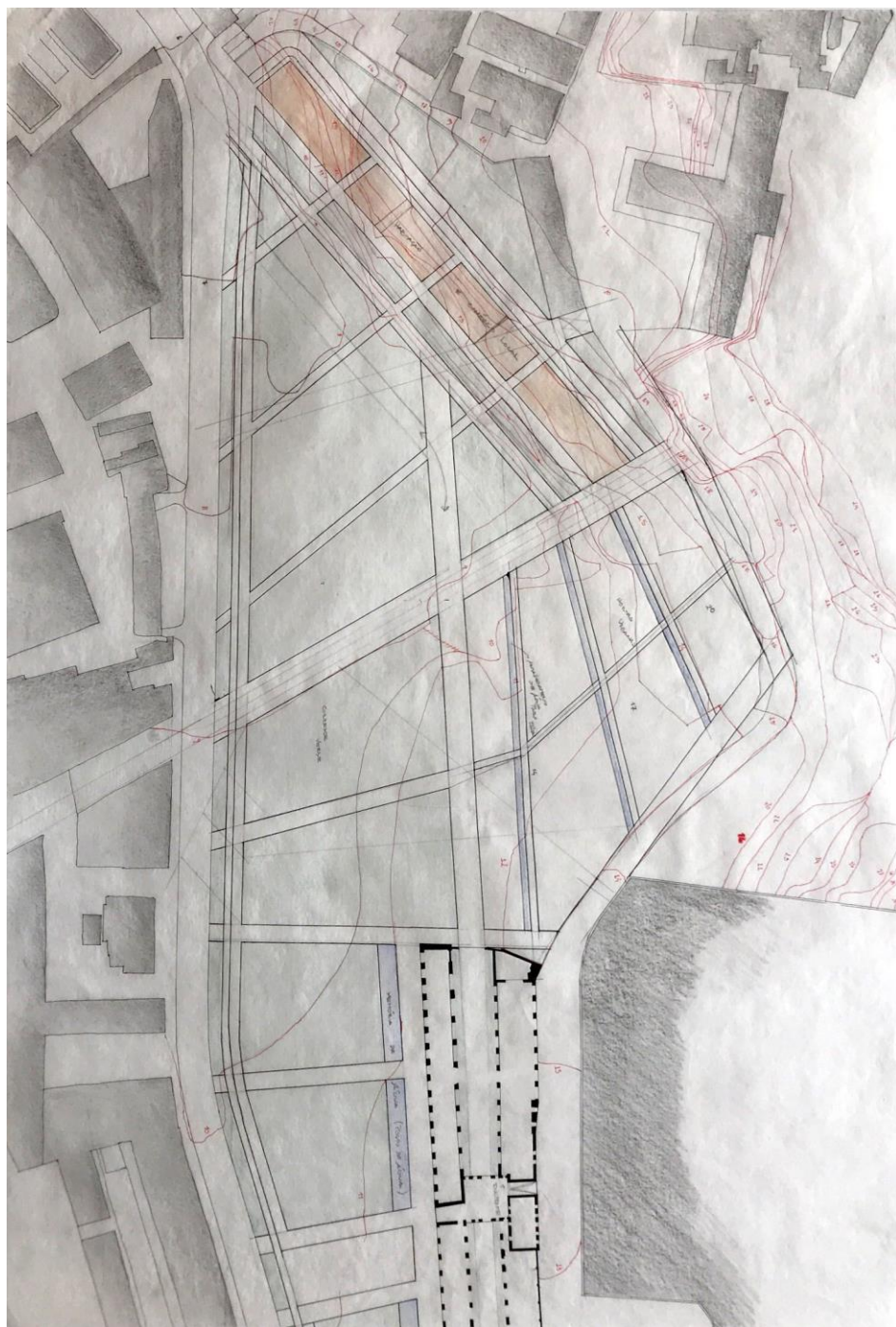
Esquços do desenvolvimento do projeto. – Portfólio
Elaborado pela autora.



Esquços do desenvolvimento do projeto. – Portfólio
Elaborado pela autora.



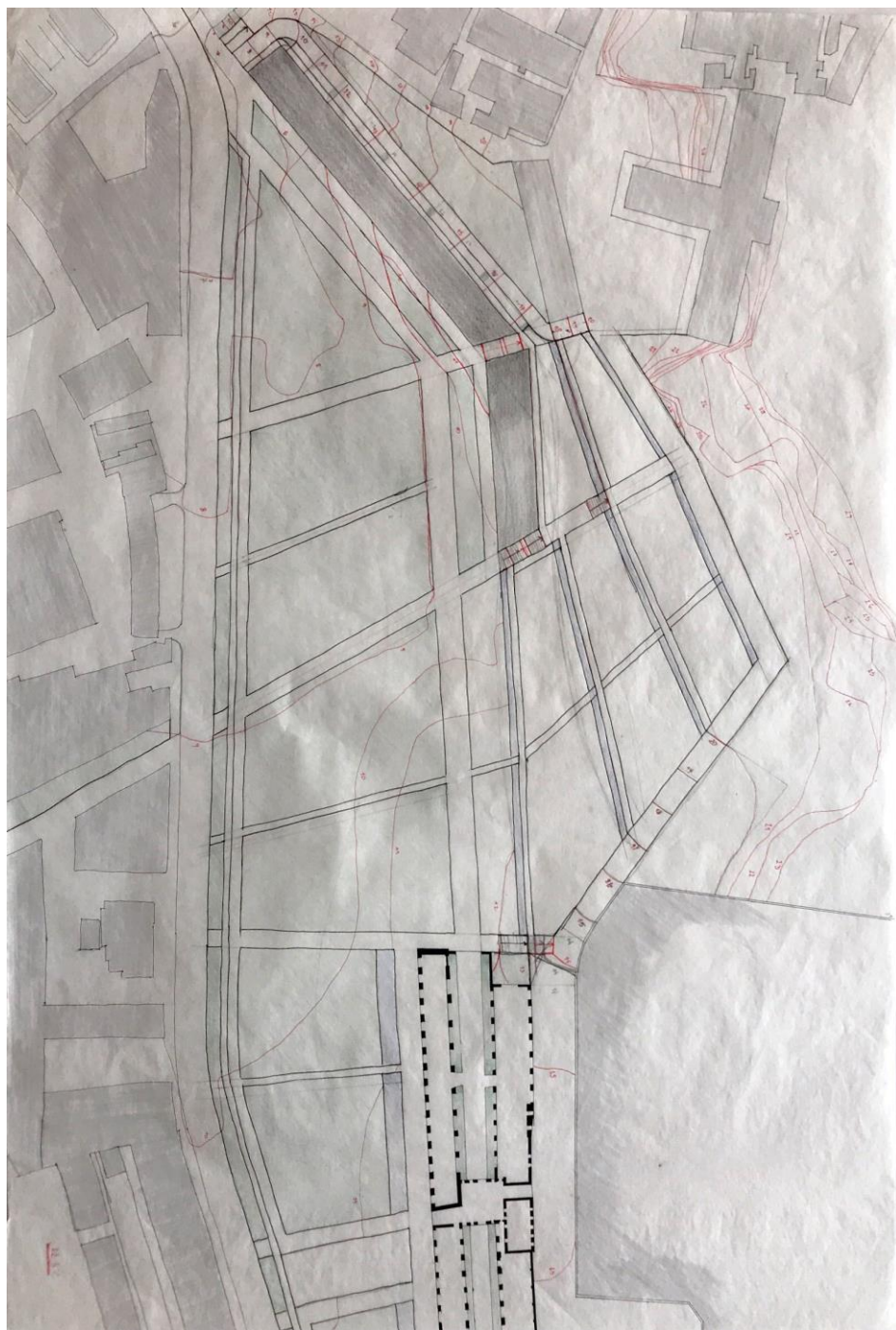
Esboços do desenvolvimento do projeto. – Portfólio
Elaborado pela autora.



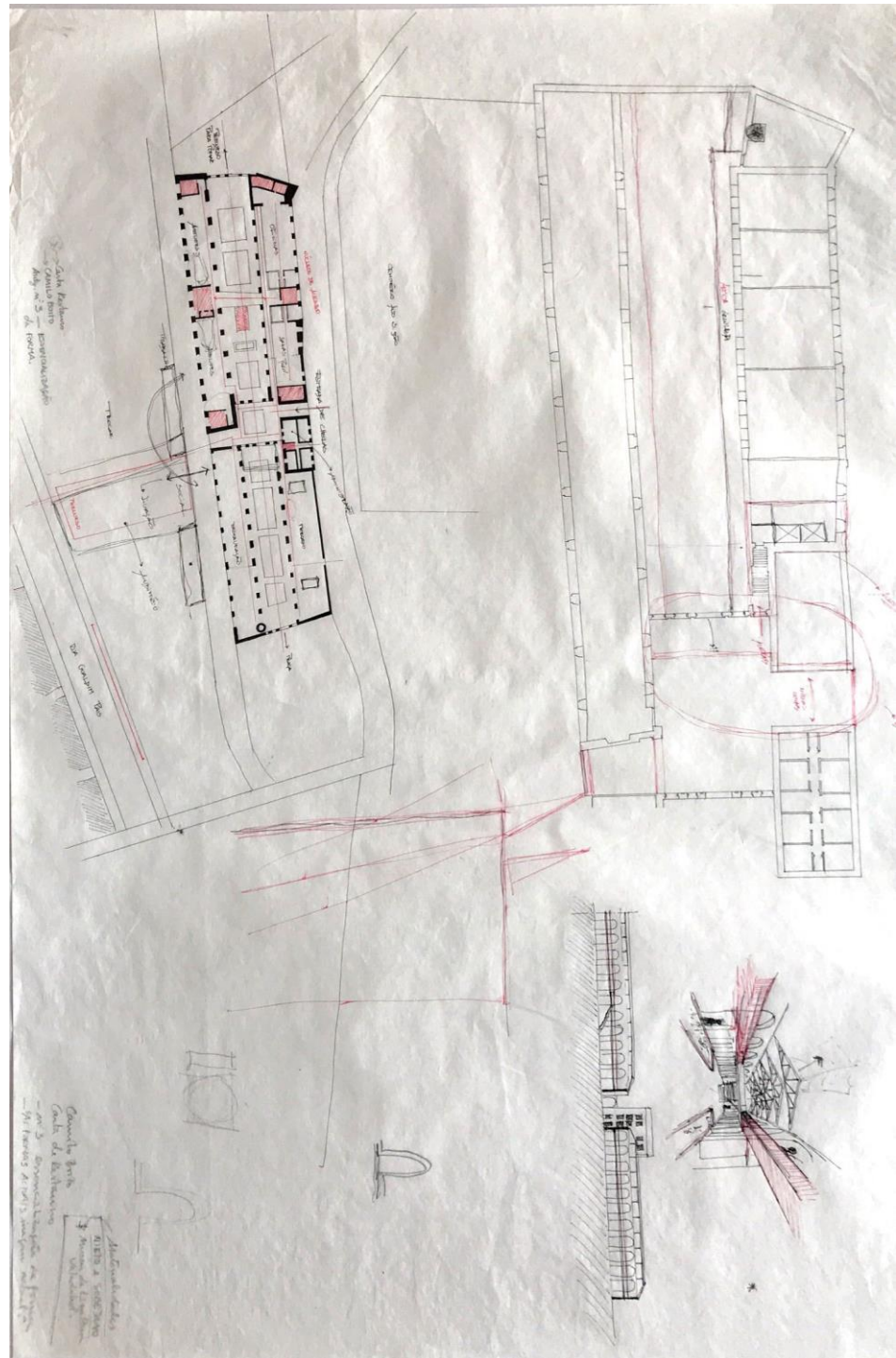
Esquços do desenvolvimento do projeto. – Portfólio
Elaborado pela autora.



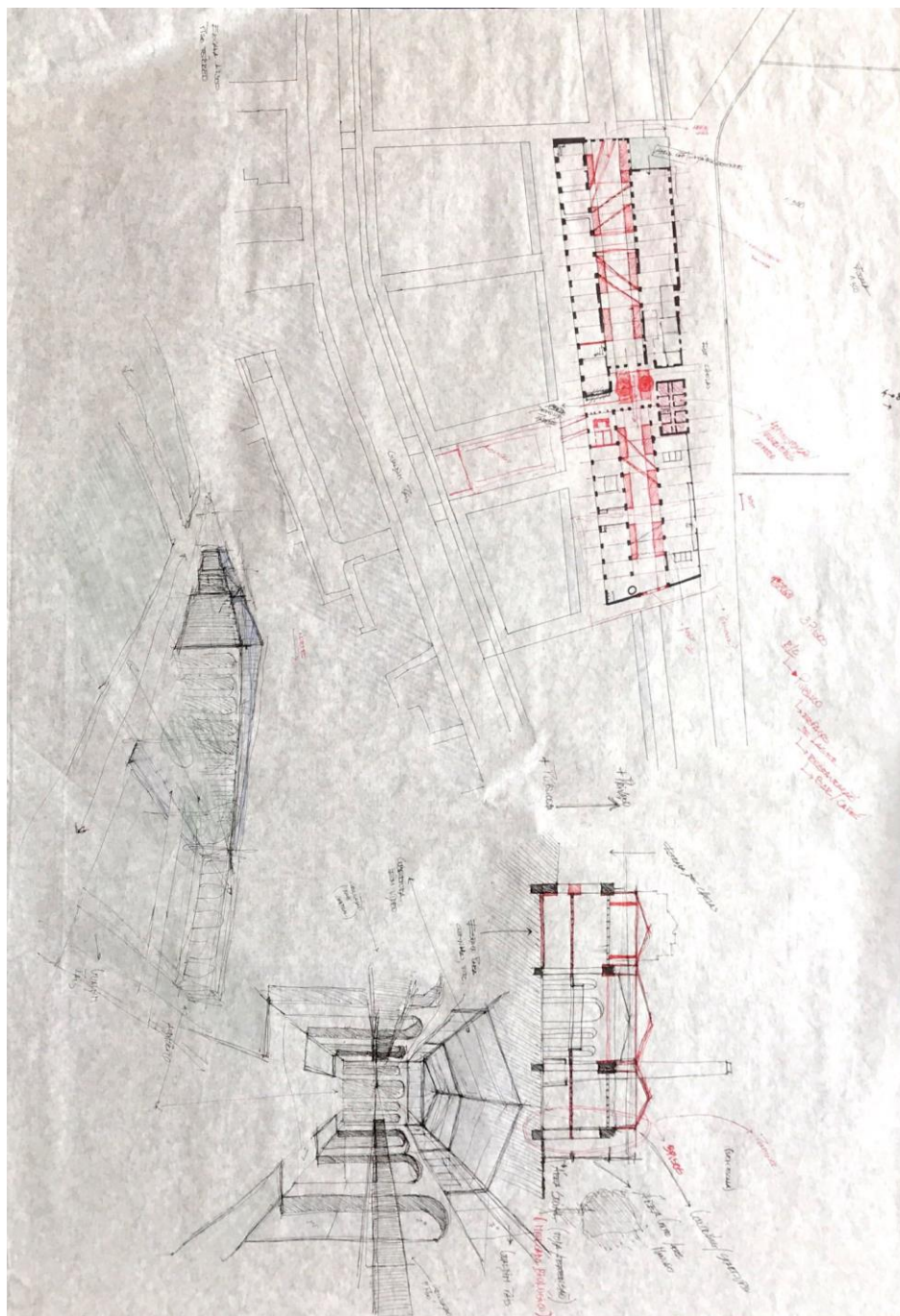
Esquços do desenvolvimento do projeto. – Portfólio
Elaborado pela autora.



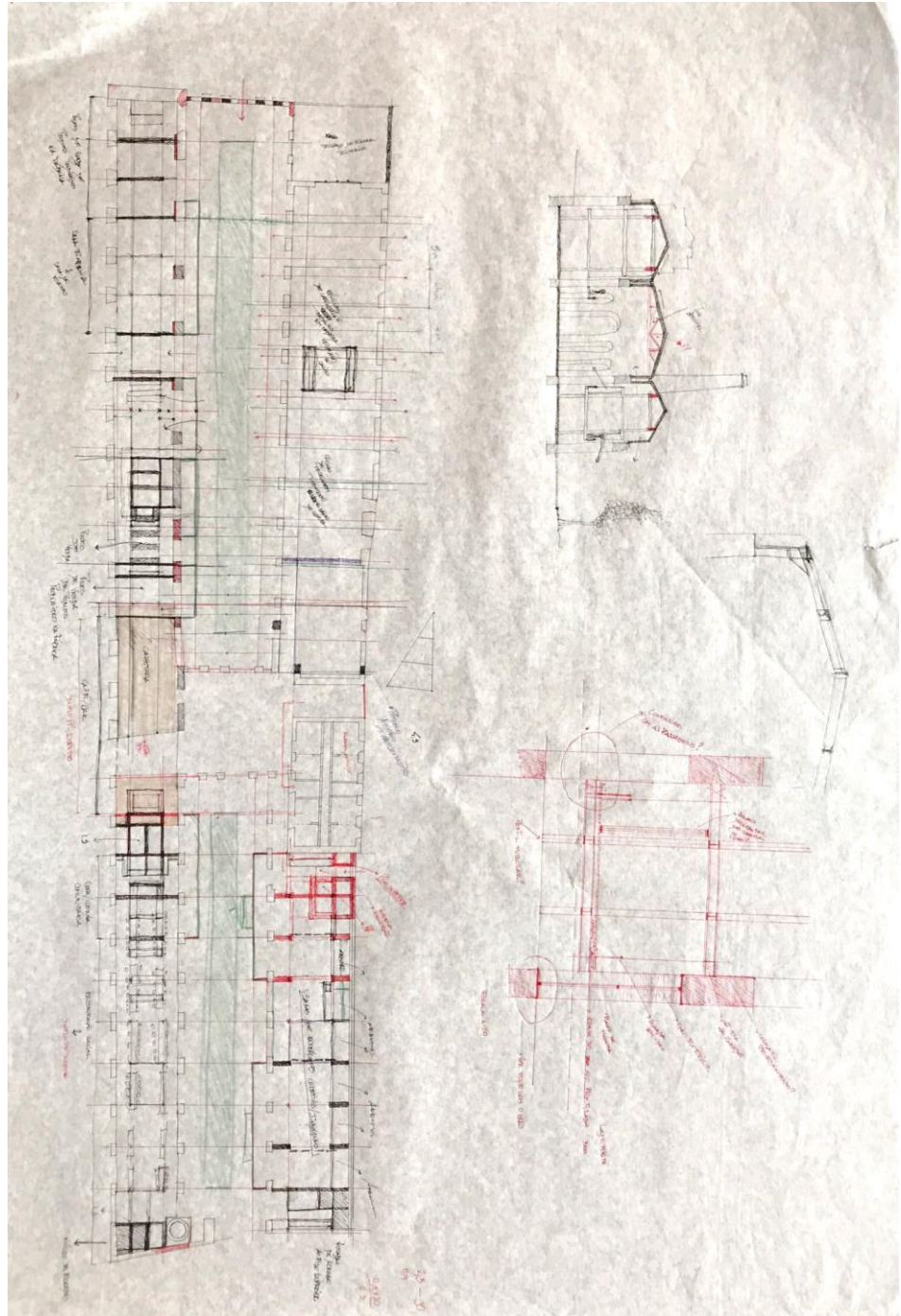
Esquços do desenvolvimento do projeto. – Portfólio
Elaborado pela autora.



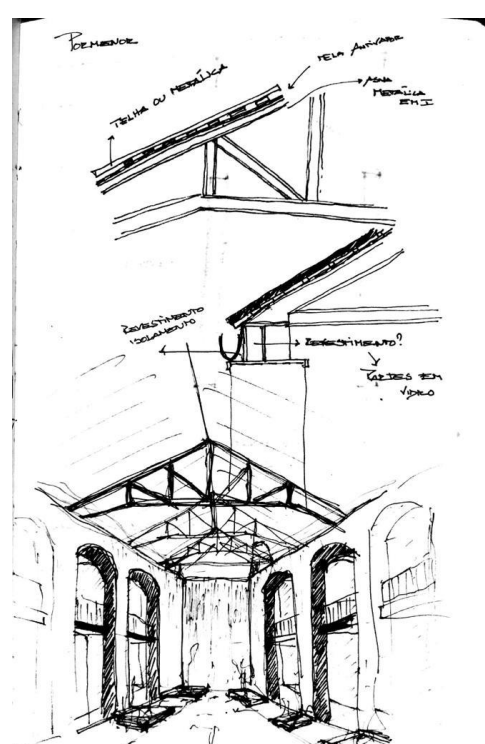
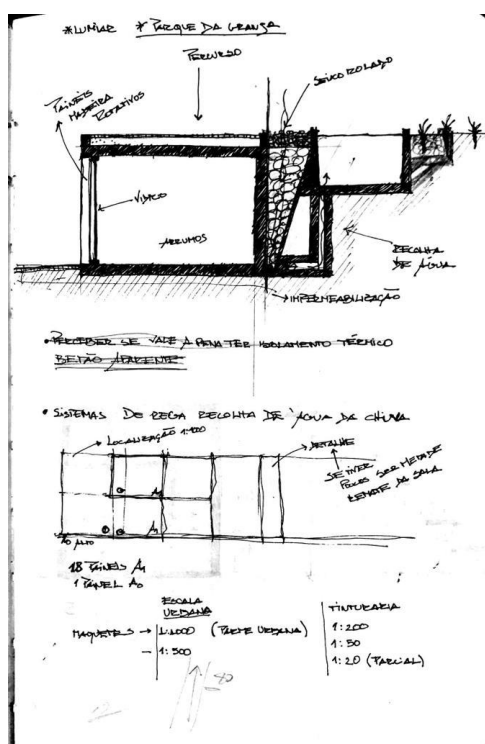
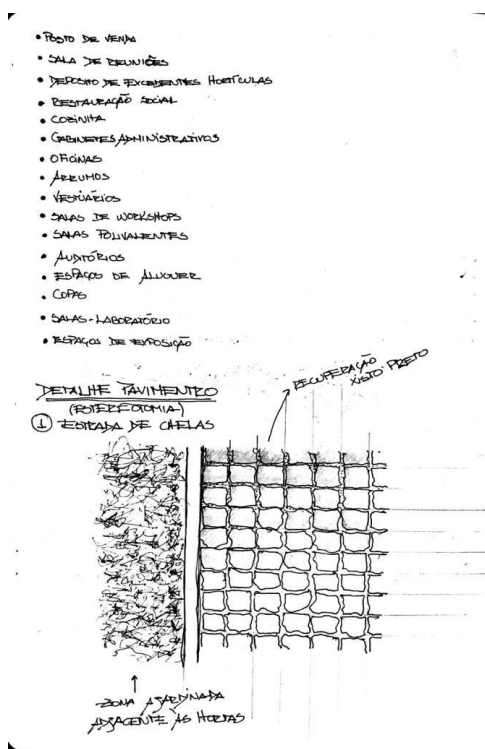
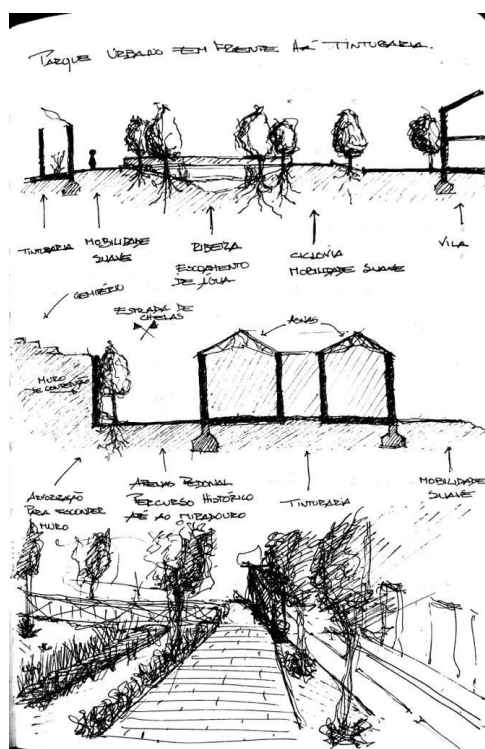
Esquços do desenvolvimento do projeto. – Portfólio
Elaborado pela autora.



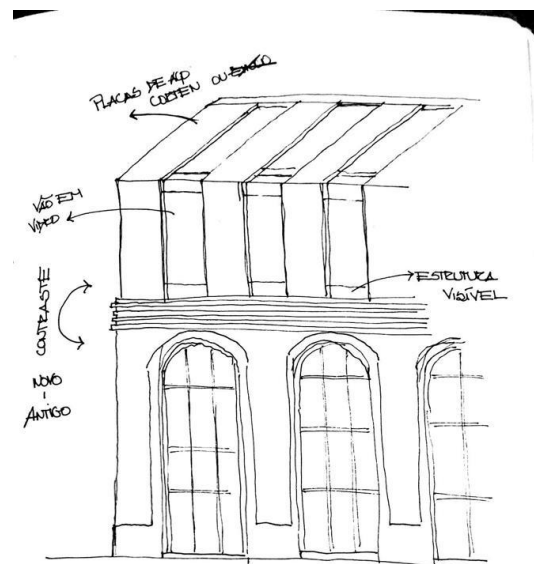
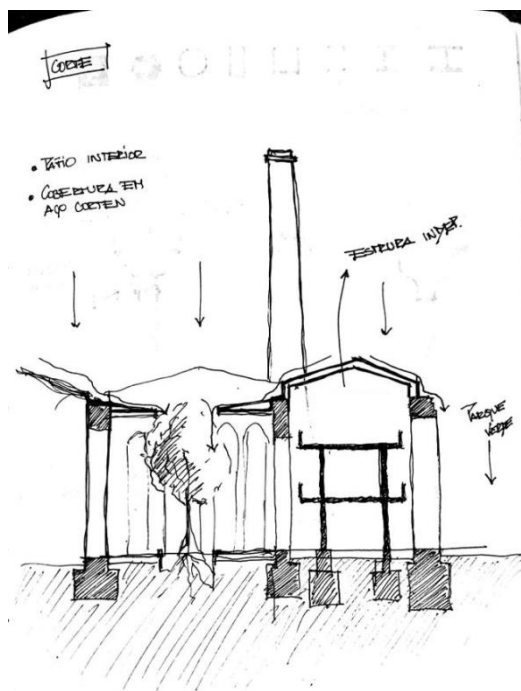
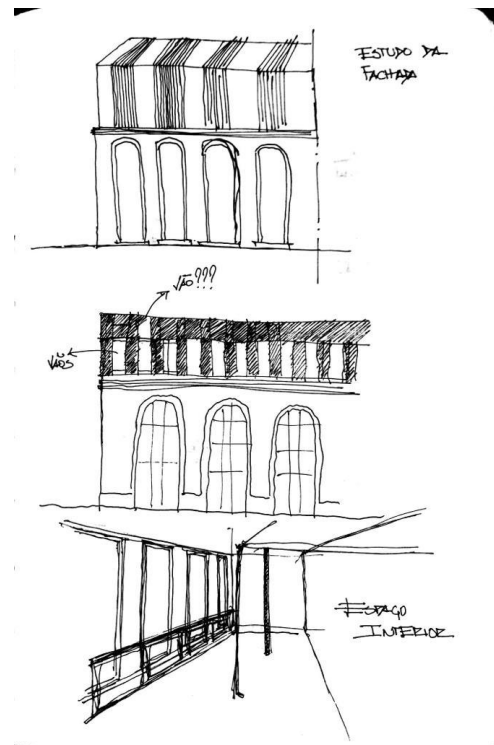
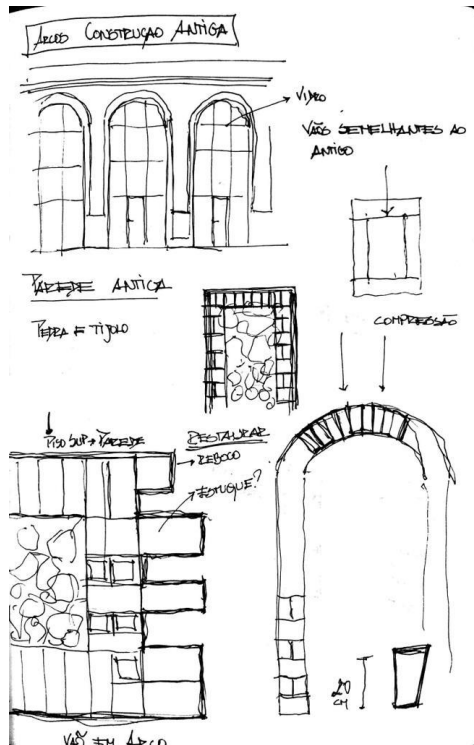
Esquços do desenvolvimento do projeto. – Portfólio
Elaborado pela autora.



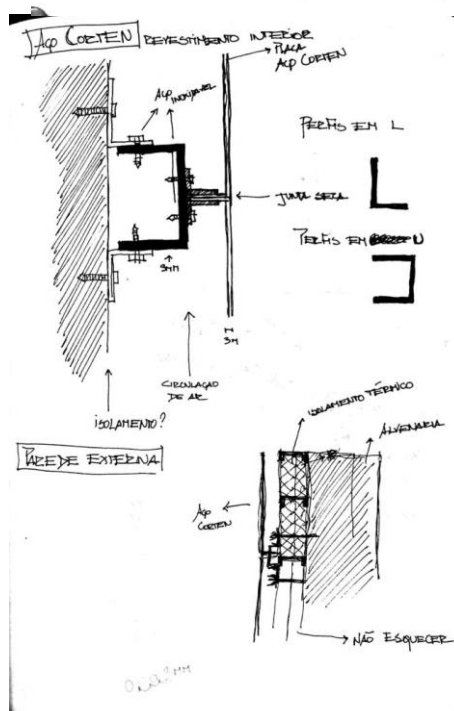
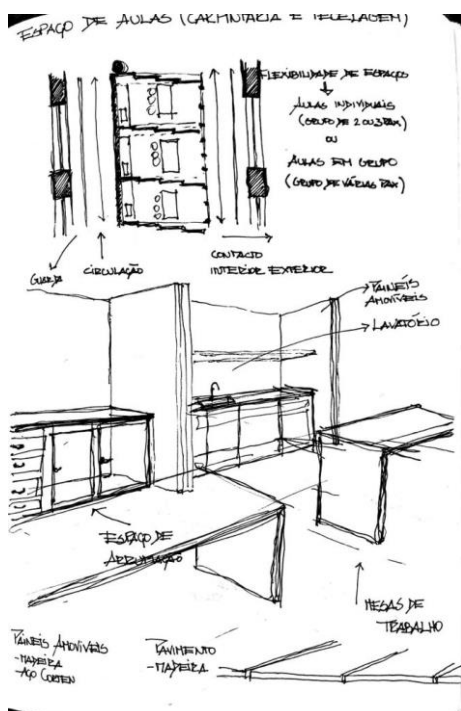
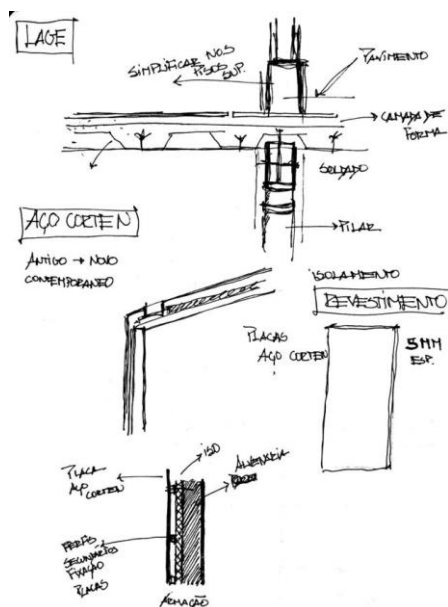
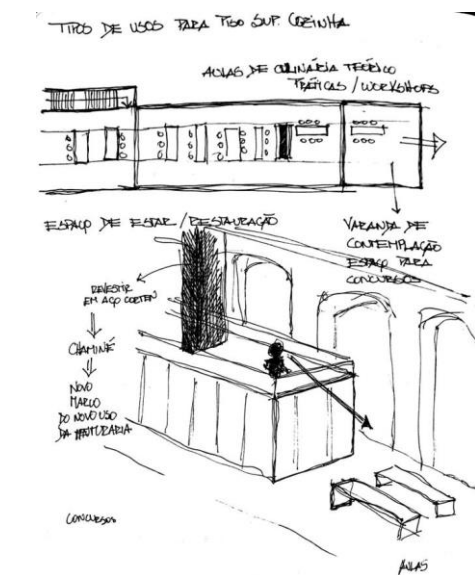
Esquços do desenvolvimento do projeto. – Portfólio
Elaborado pela autora.



Esquícios do desenvolvimento do projeto. – Diário Gráfico.
Elaborado pela autora.



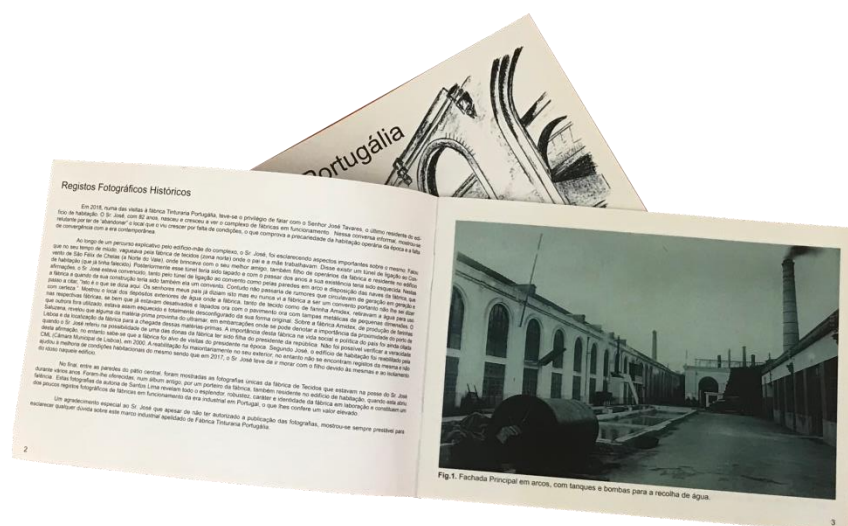
Esquços do desenvolvimento do projeto. – Diário Gráfico.
Elaborado pela autora.



Esquços do desenvolvimento do projeto. – Diário Gráfico.
Elaborado pela autora.



Livro de anexos – Cartografia Histórica e Registos Fotográficos Históricos.
Elaborado pela autora.



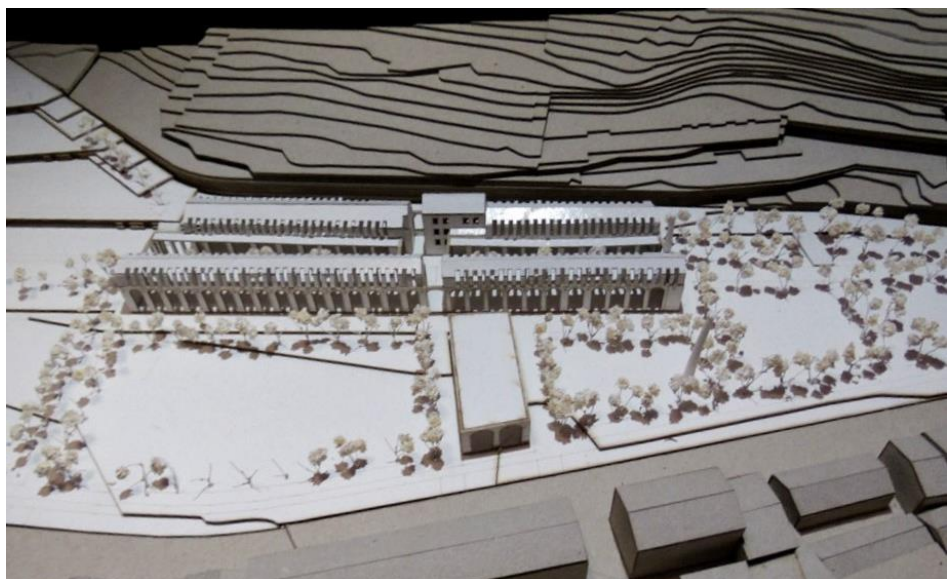
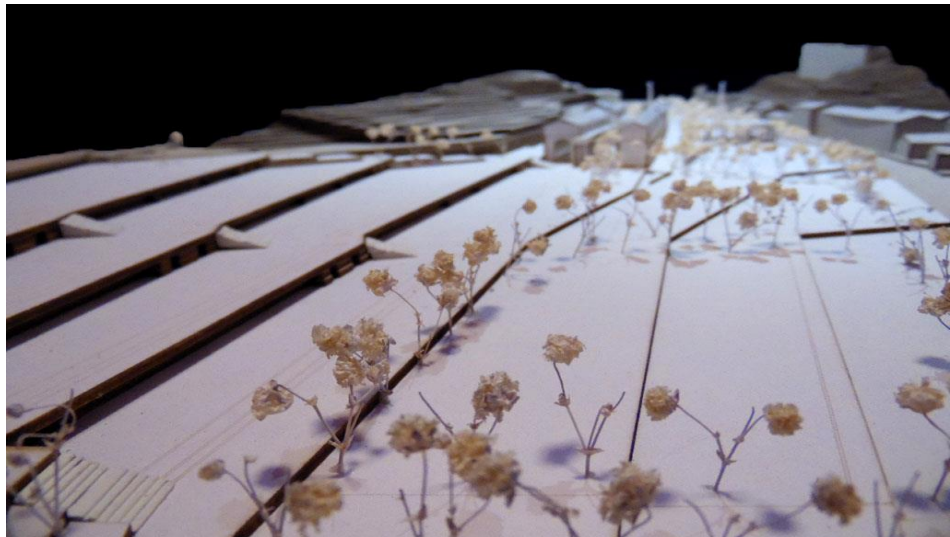
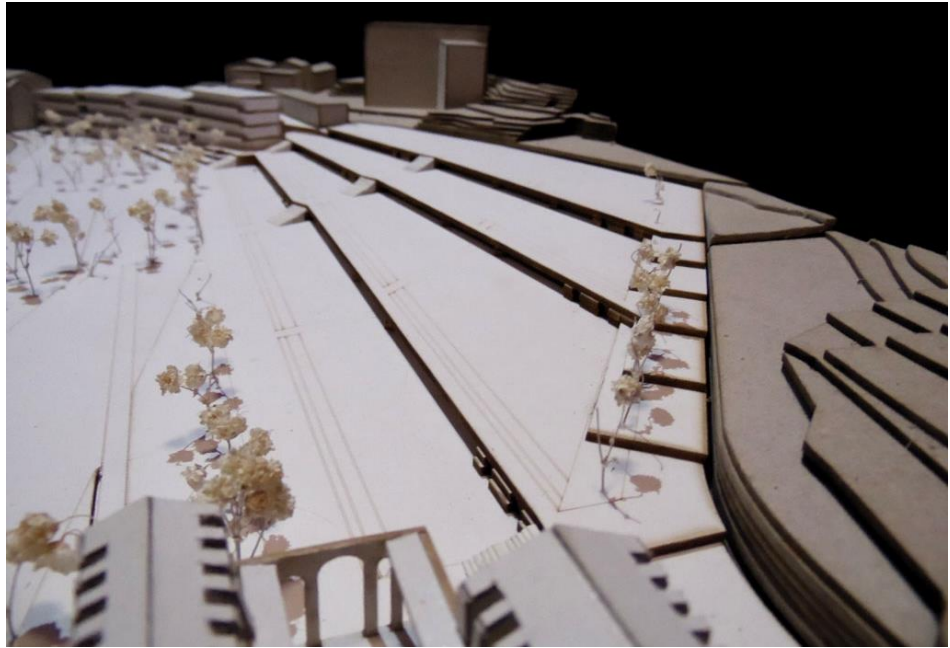
Livro de anexos – Registos Fotográficos Históricos (fotografias não publicadas, fornecidas pelo Sr. José)
Elaborado pela autora

Anexo IV | Processo de Trabalho

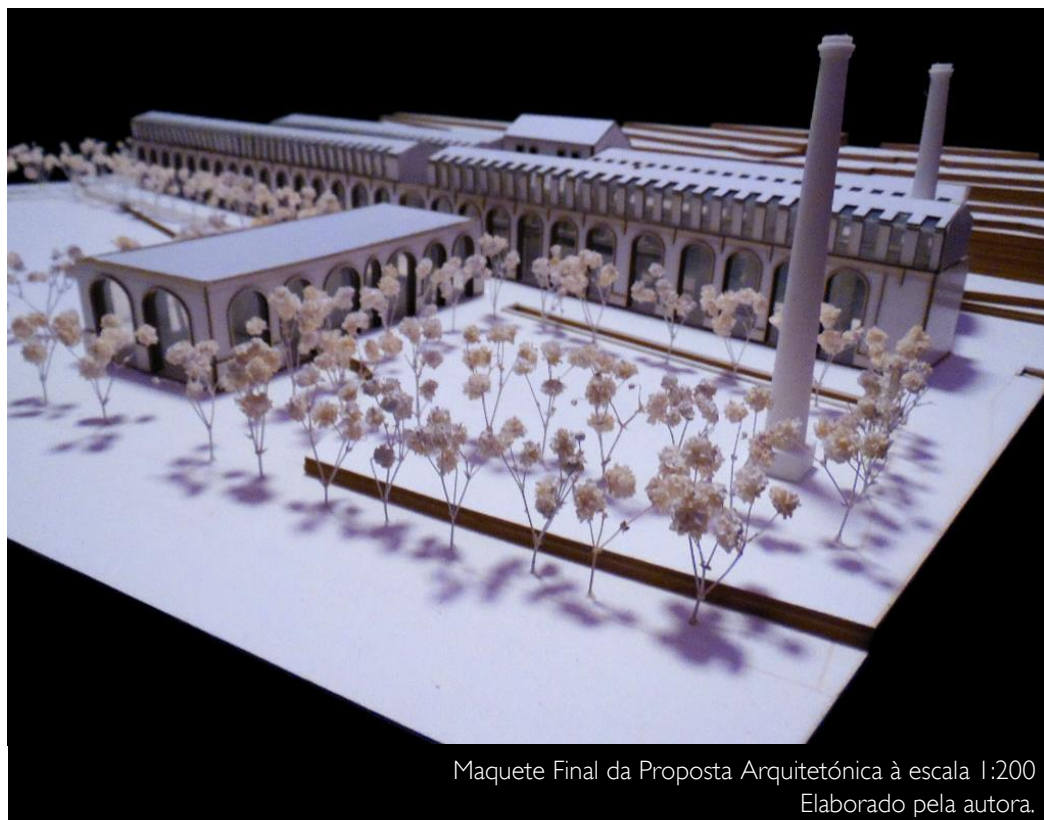
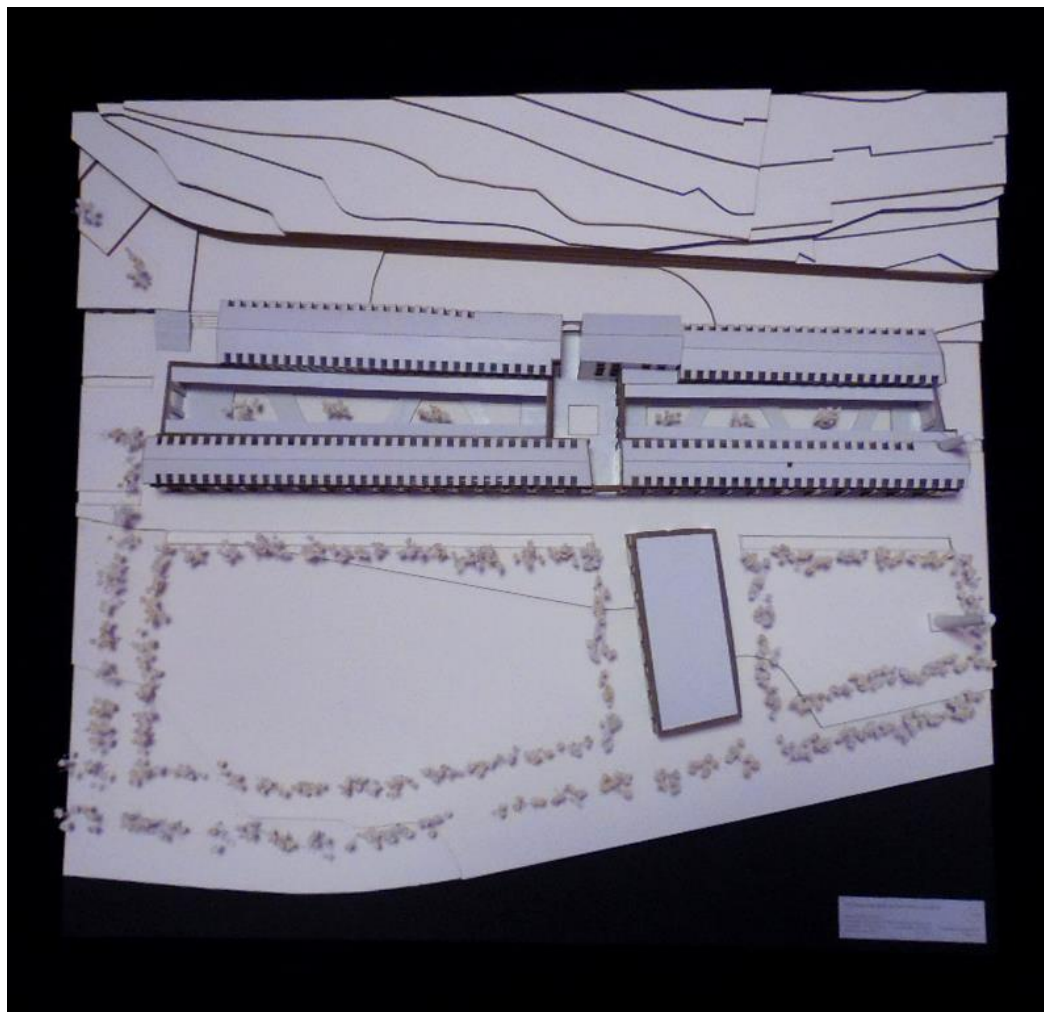
I. Registo fotográfico de maquetes



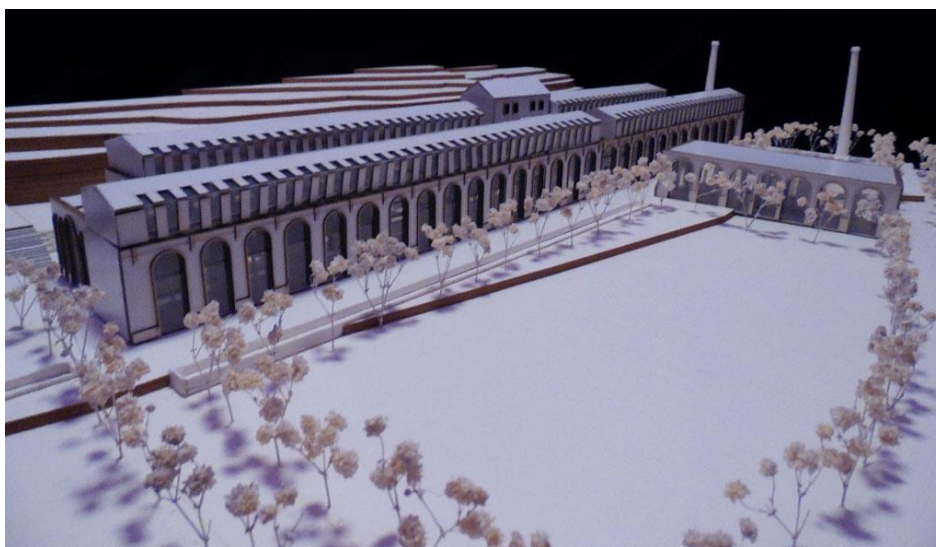
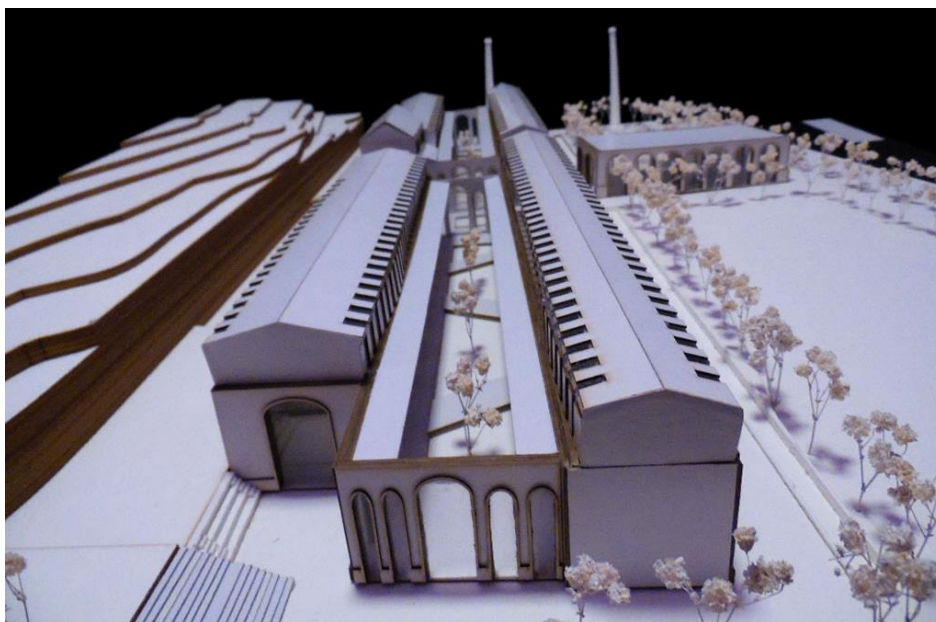
Maquete Final da Proposta Urbana à escala 1:500
Elaborado pela autora.



Maquete Final da Proposta Urbana à escala 1:500
Elaborado pela autora.



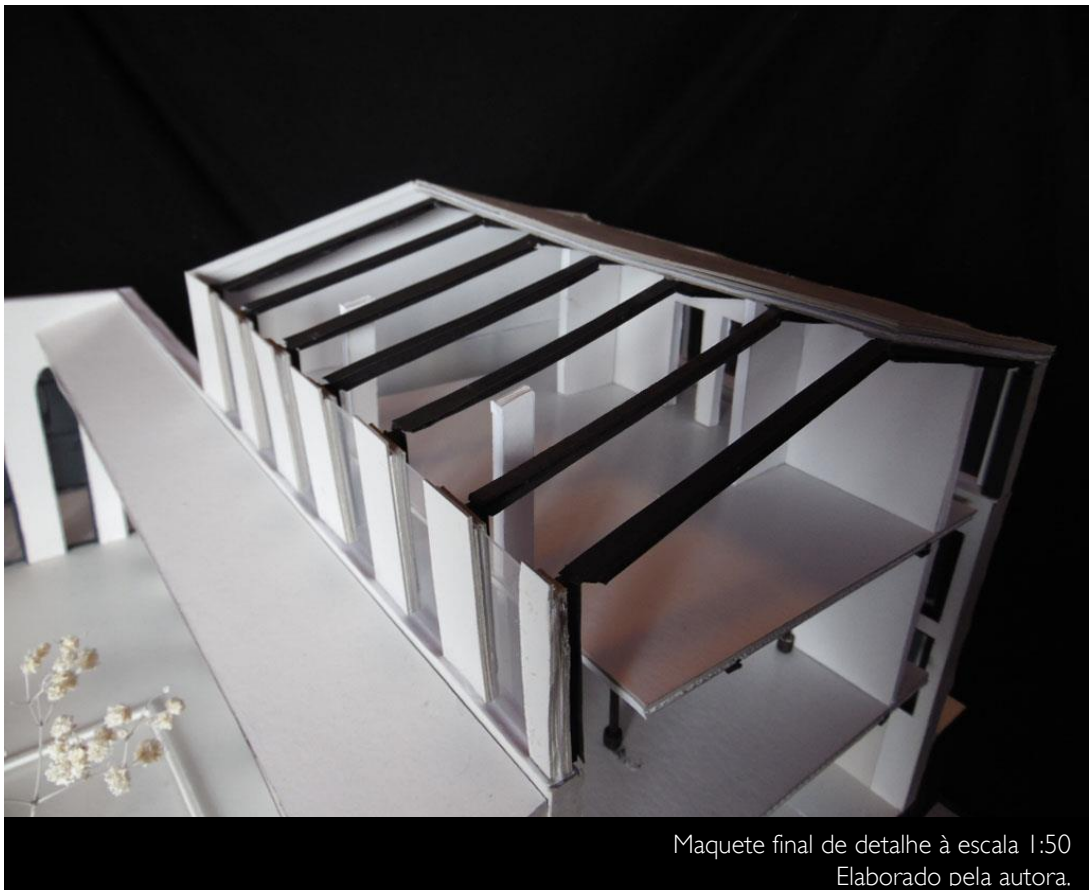
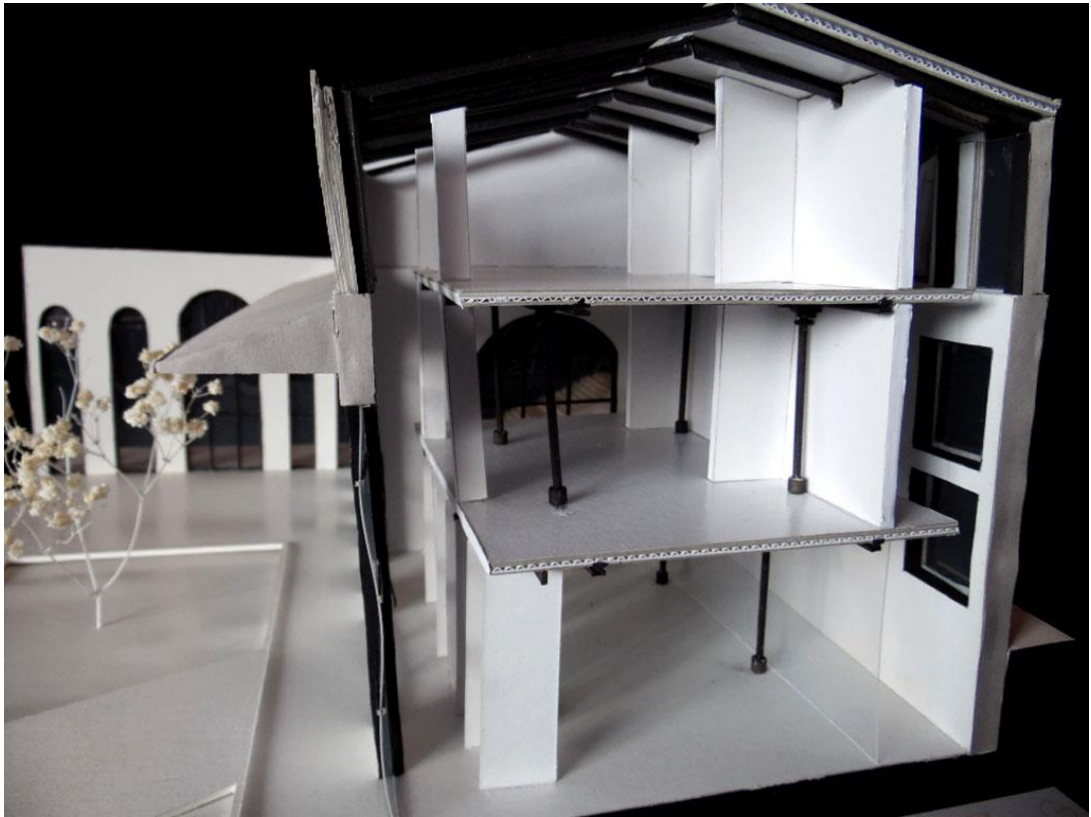
Maquete Final da Proposta Arquitetónica à escala 1:200
Elaborado pela autora.



Maquete Final da Proposta Arquitetónica à escala 1:200
Elaborado pela autora.

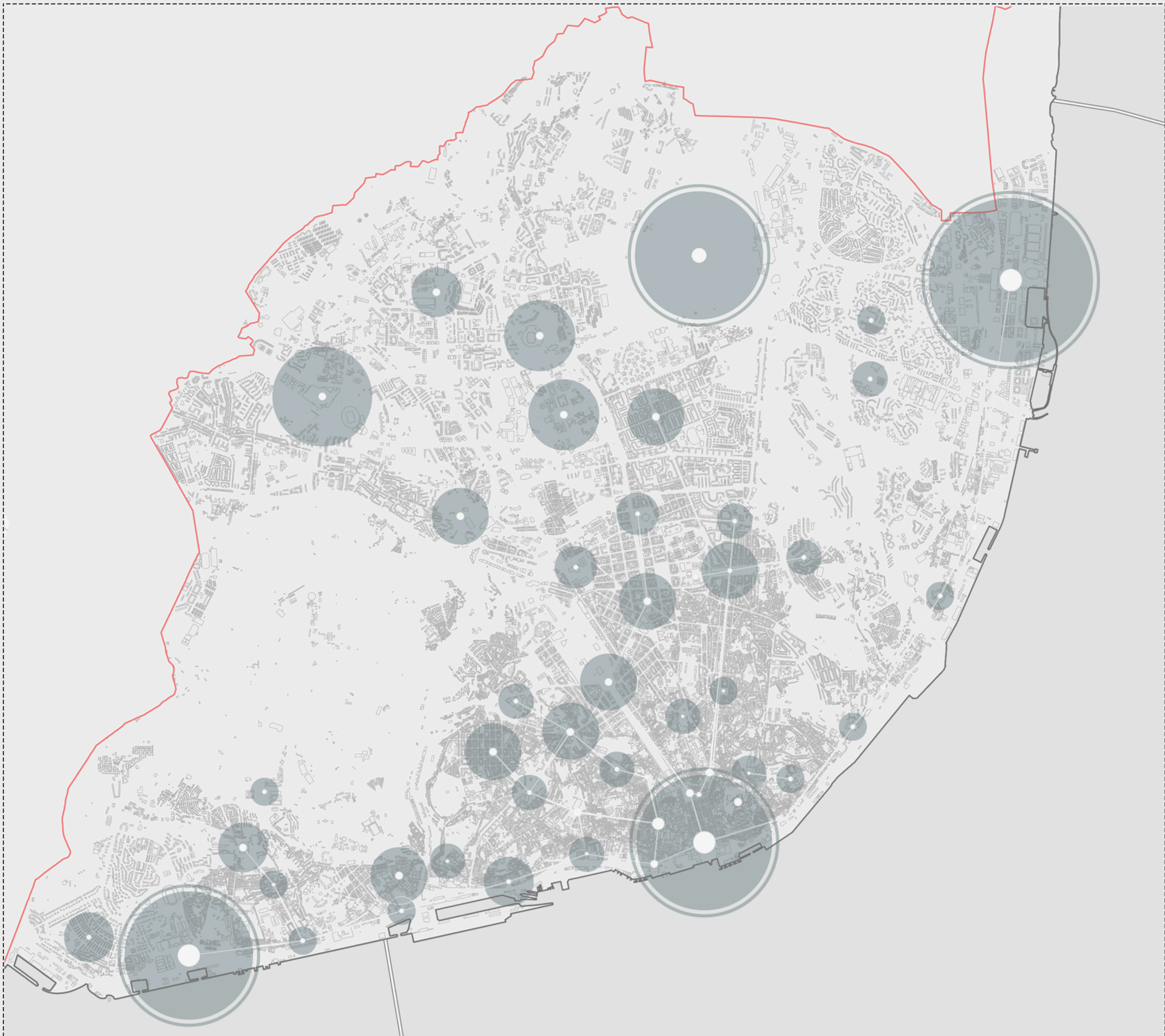
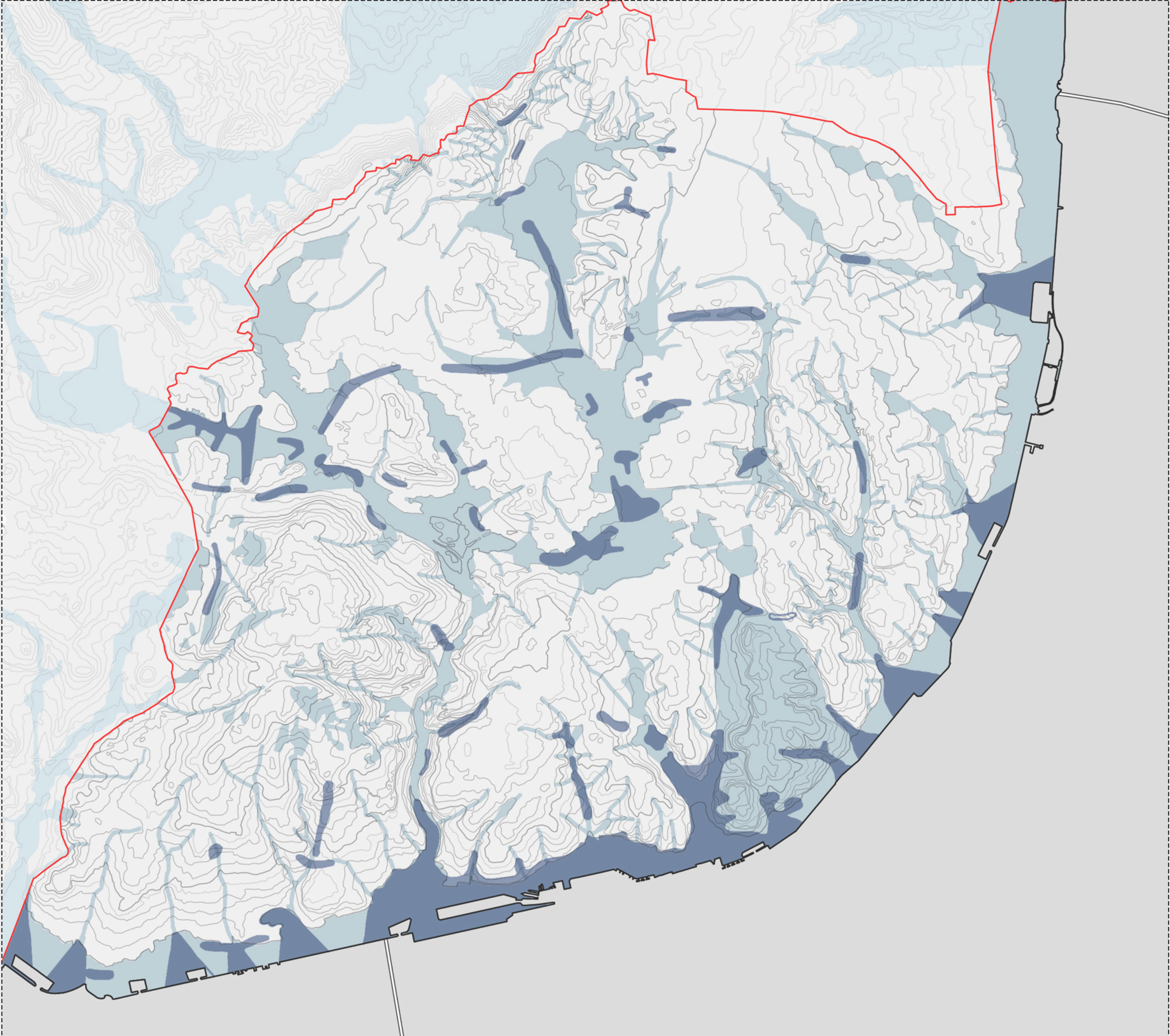


Maquete final de detalhe à escala 1:50
Elaborado pela autora.



Maquete final de detalhe à escala 1:50
Elaborado pela autora.

Anexo V | Peças Desenhadas





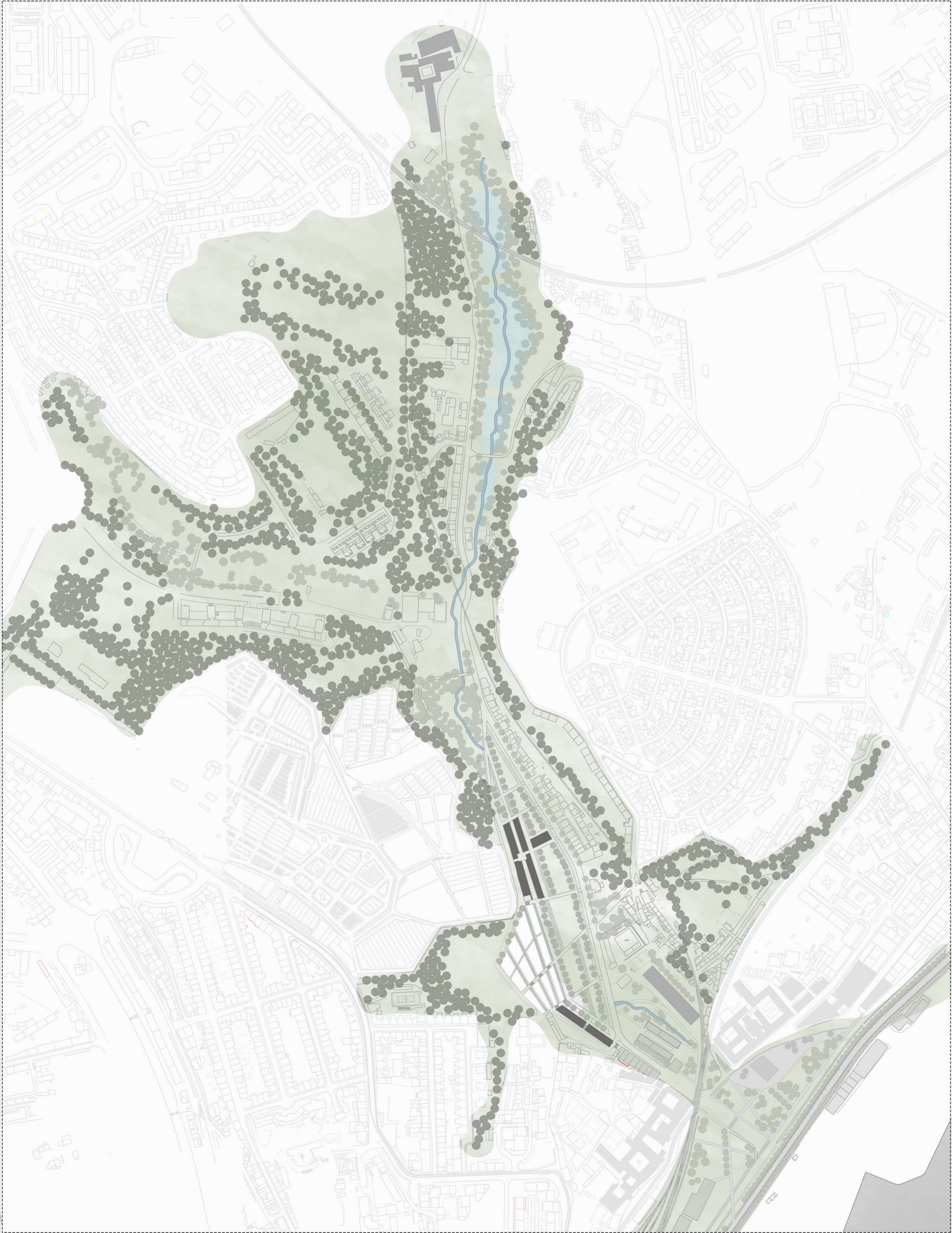
Núcleo Indútrial do Braço de Prata

Núcleo Indútrial do Poço do Bispo

Núcleo Indútrial de Marvila

Núcleo Indútrial do Vale de Chelas/ Xabregas

Núcleo Indútrial do Poço do Bispo



Convento de S. Félix de Chelas e Fábrica da Pólvora seca



Fábrica Tinturaria Portugália

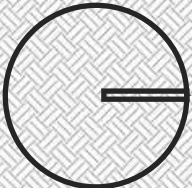
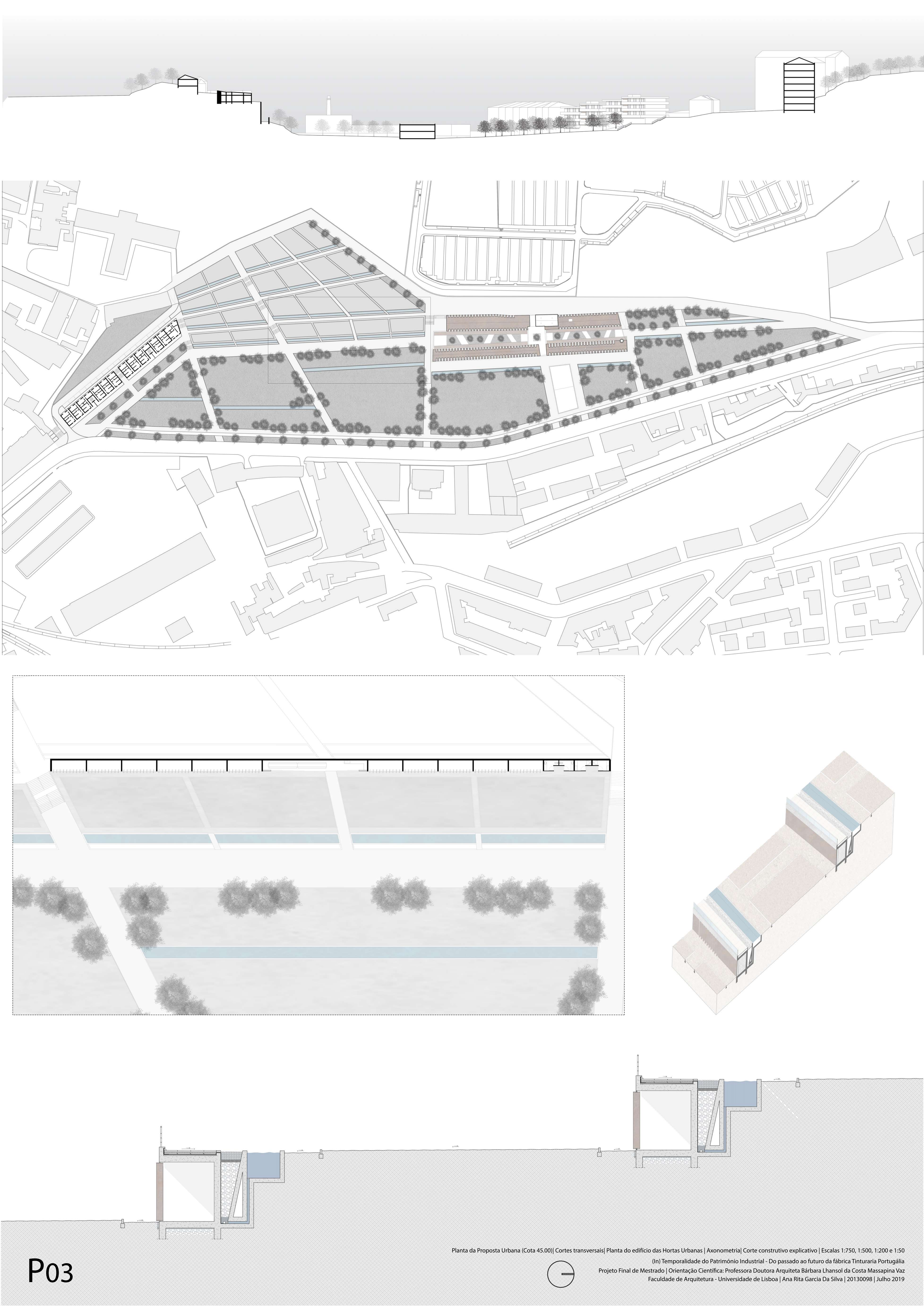


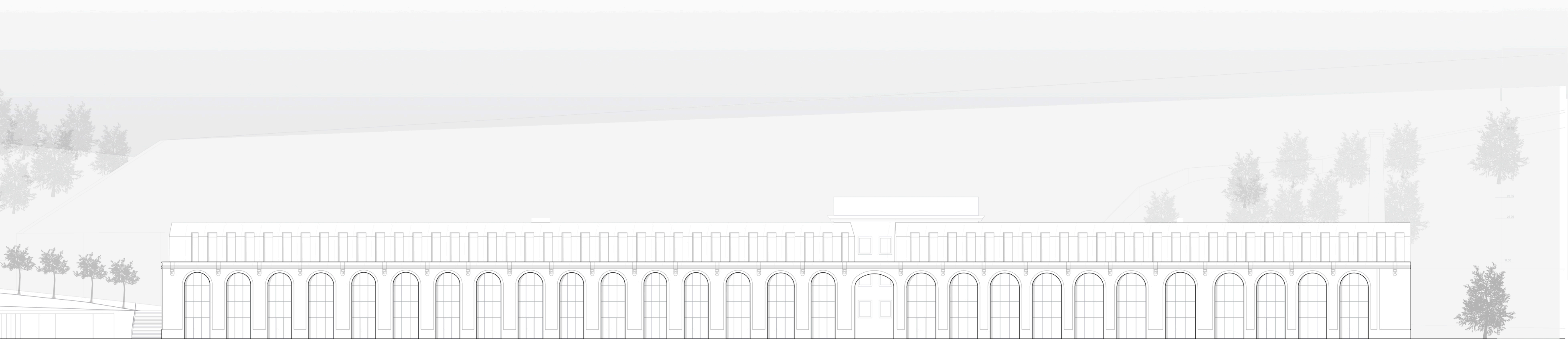
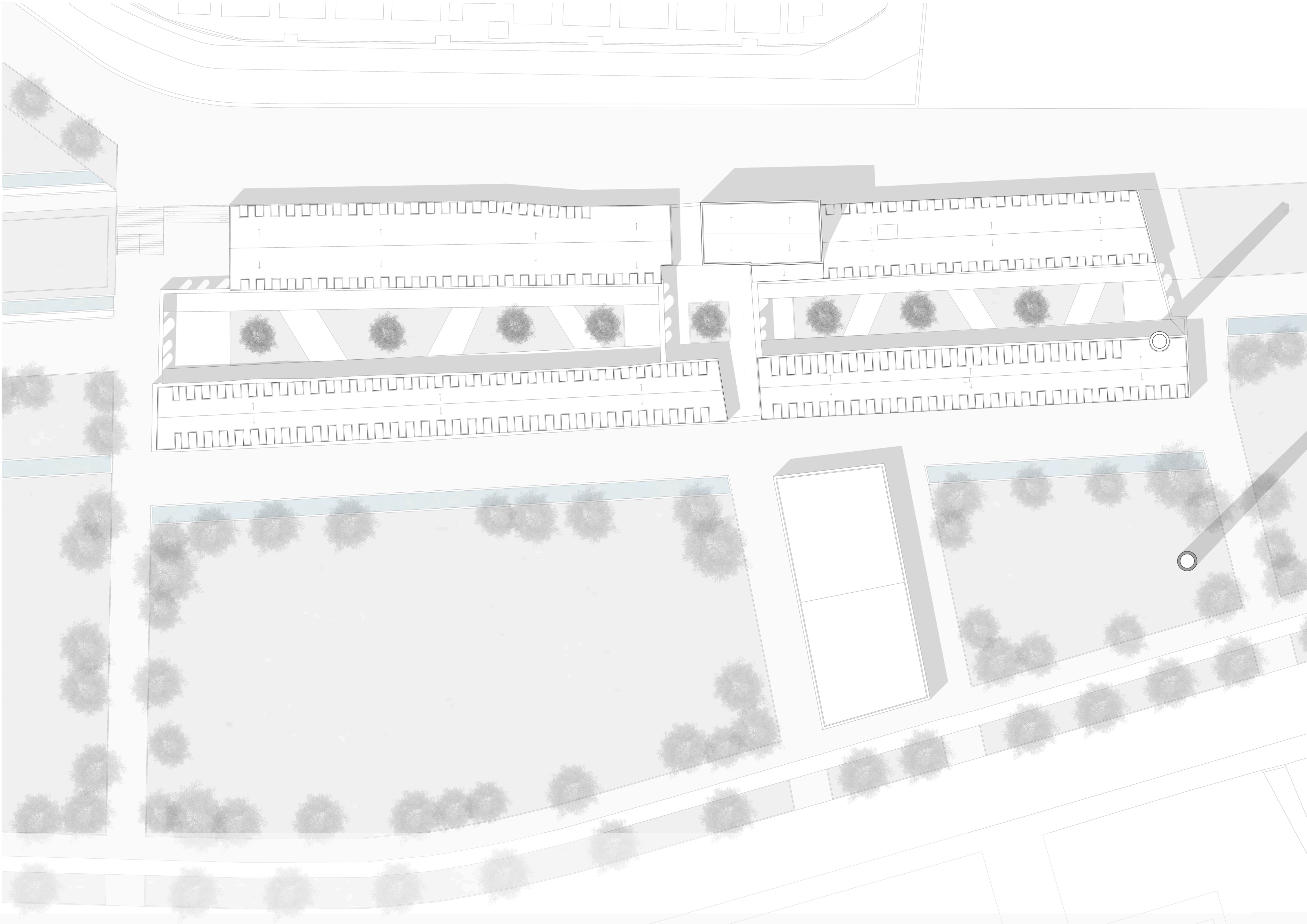
Fábrica da “Samaritana”

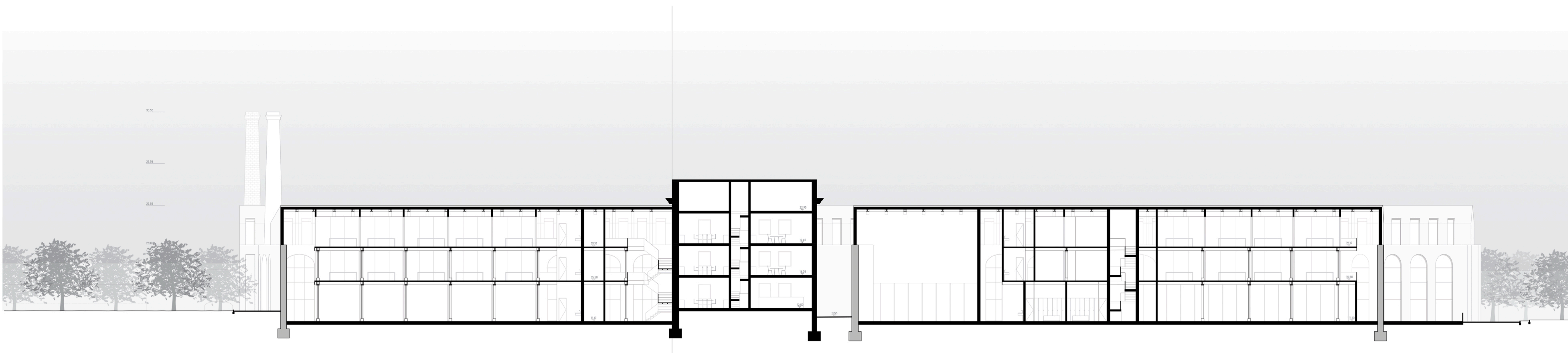


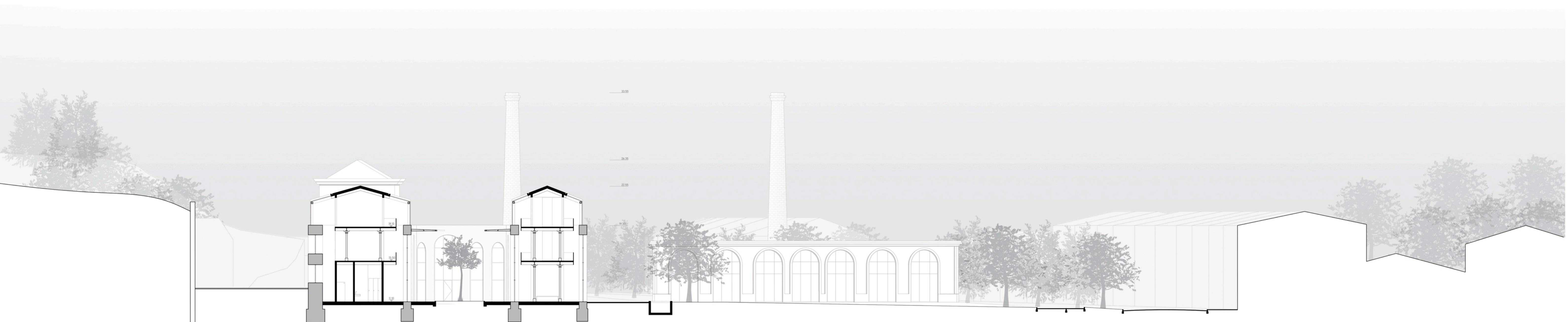
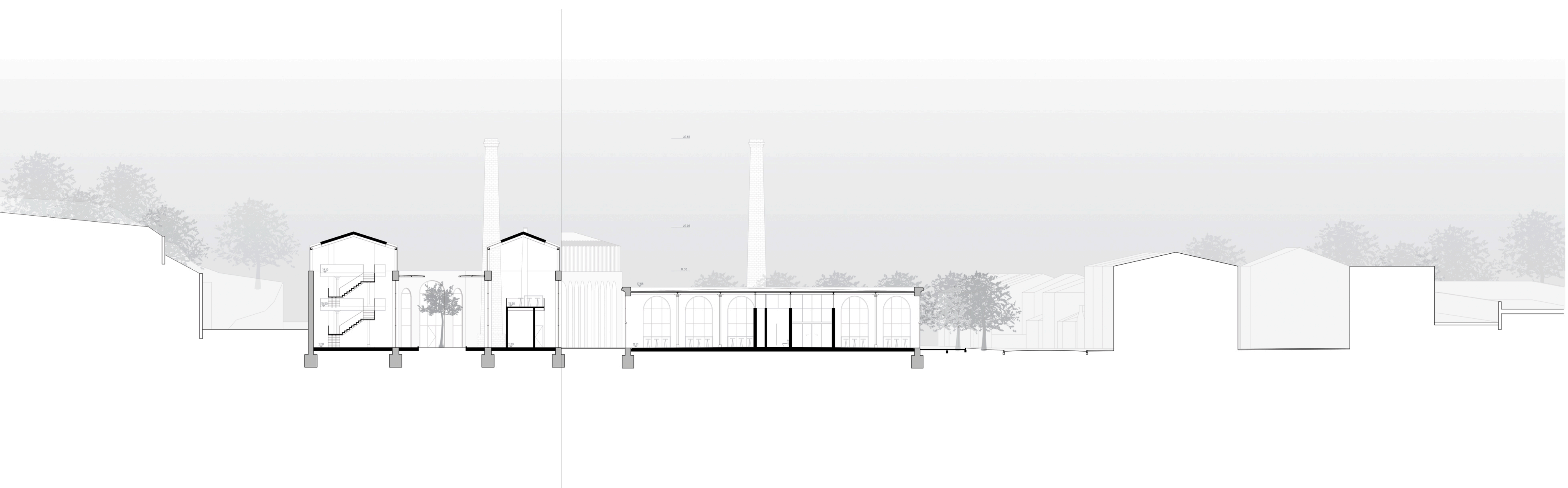
Renaturalização do Vale de Chelas

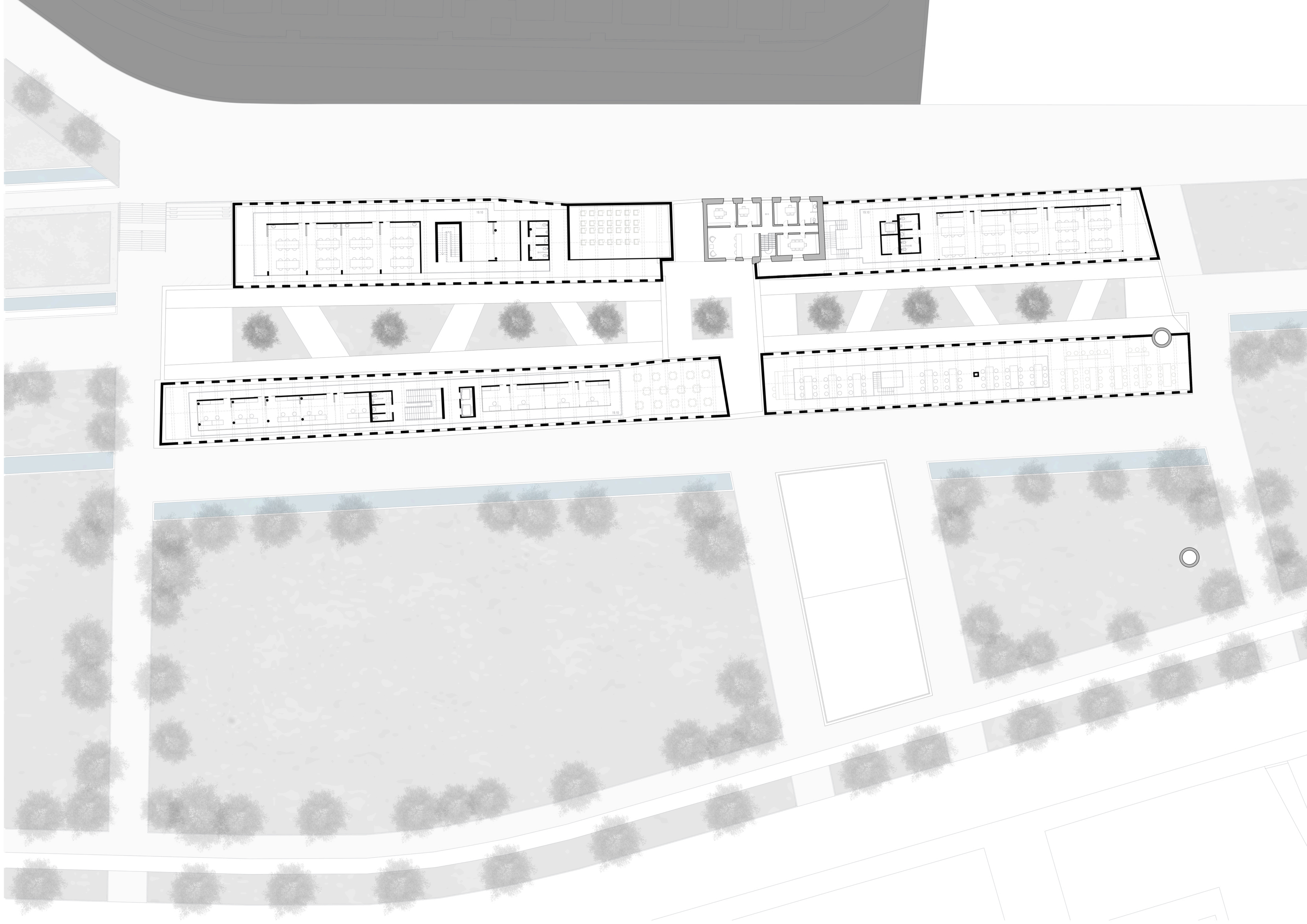


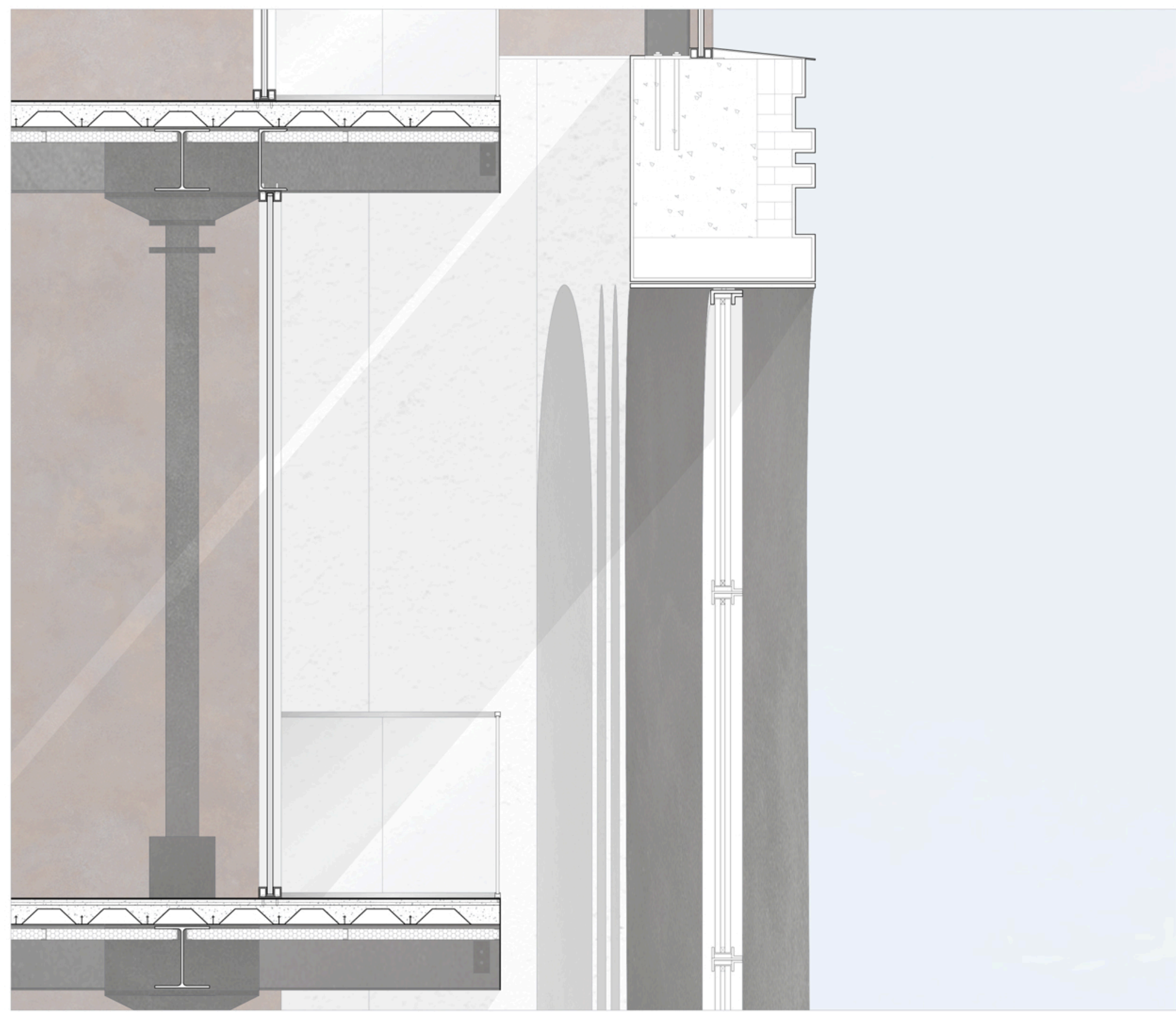
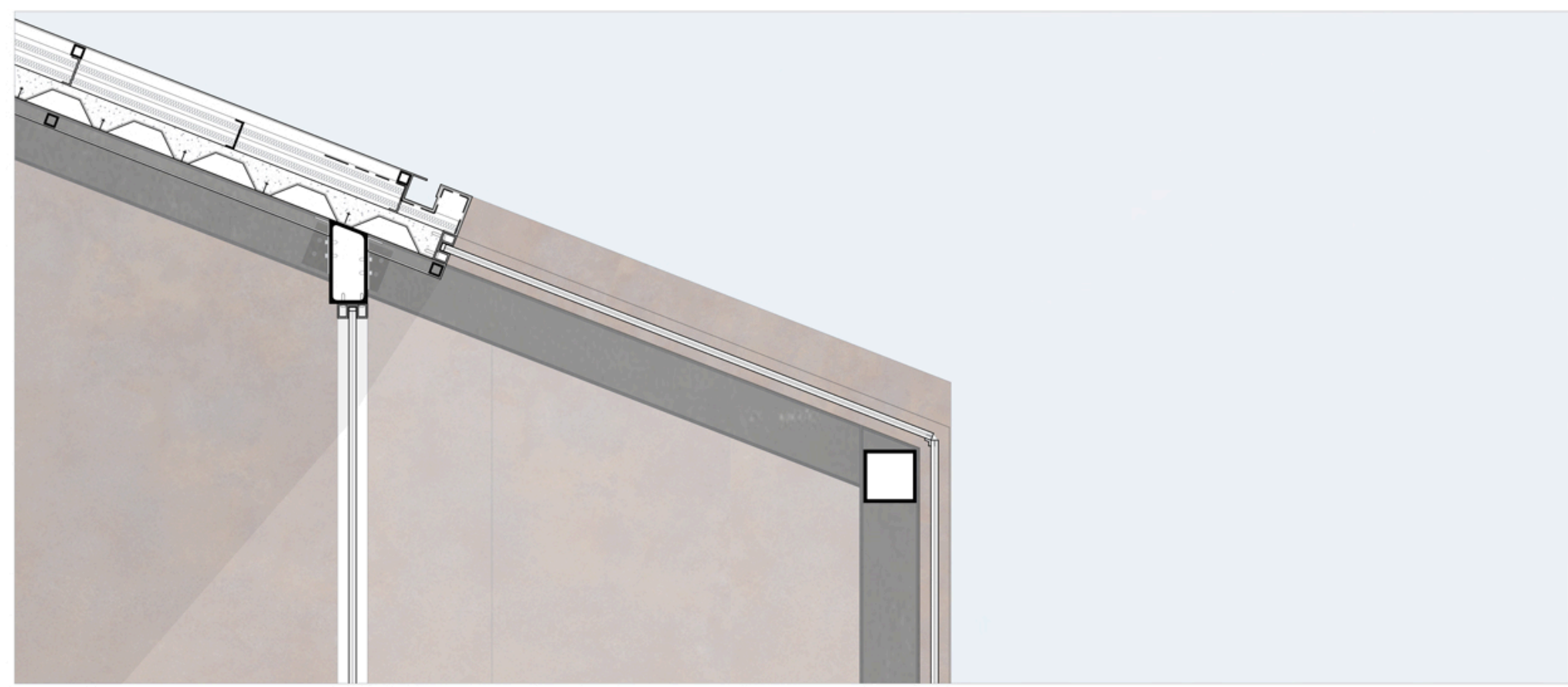


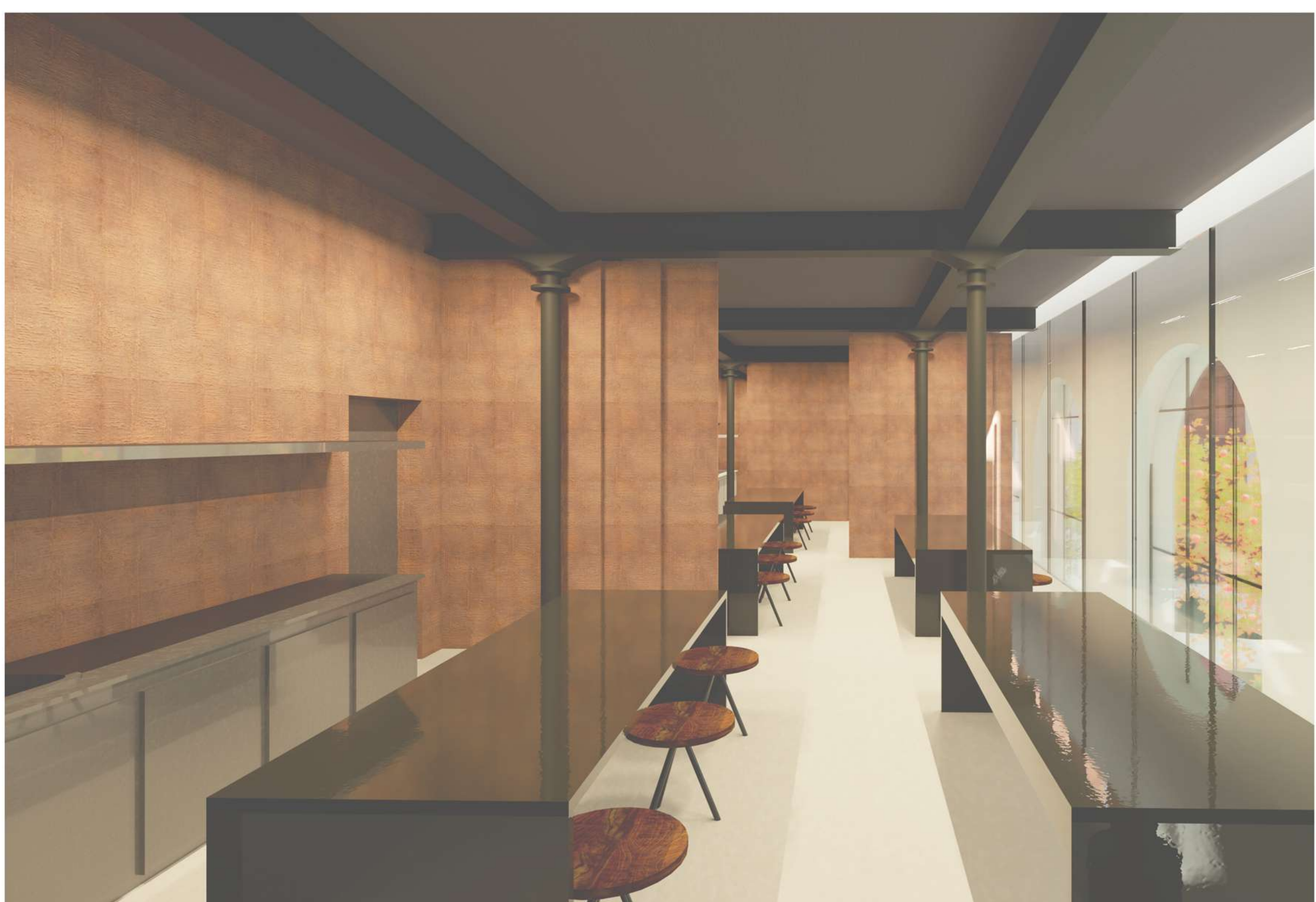












Imagens Renderizadas representativas da intervenção na Fábrica Tinturaria | Naves centrais(1. e 4.), espaços sociais (2.) e espaços de “ateliers” (3.)